Regresso
ao
Admirável Mundo Novo

Aldous L. Huxley

Tradução de Eduardo Nunes Fonseca

Sobre o Autor:

Escritor inglês. Escreveu novelas, sátiras, ensaios, biografias, dramas, versos e romances. Espírito céptico mas brilhante, celebrizou-se sobretudo com o romance de antecipação Admirável Mundo Novo (1932), em que faz uma sátira implacável à sociedade industrial contemporânea.

Sobre a digitalização desta obra:

Se os livros tivessem preços acessíveis, todos poderiam comprá-los. A digitalização desta obra é um protesto contra a exclusão cultural, e por conseqüência social, causada pelos preços abusivos dos livros editados e publicados no Brasil. Assim, é totalmente condenável a venda deste e-livro em qualquer circunstância. Distribua-o livremente.

"Em homenagem a Guy Montag"

OCR BR ALIANÇA

.:: Índice ::.

1. Superpopulação (05)
2. Quantidade, Qualidade, Moralidade (16)
3. Superorganização (19)
4. A Propaganda Numa Sociedade Democrática (31)
5. A Propaganda Sob Uma Ditadura (39)
6. As Artes de Vender (47)
7. Lavagem Cerebral (58)
8. Persuasão Química (68)
9. Persuasão Subconsciente (77)
10. Hipnopédia (85)
11. Educação Para a Liberdade (96)
12. Que Podemos Fazer? (108)

.:: Prefácio ::.

A síntese do espírito de finura pode transformar-se na própria essência da não-verdade. Por mais elegante e resumida que seja, a brevidade nunca pode, pela natureza dos fatos, ter em conta todos os casos de uma atuação complexa. Ao cuidar-se um tema com essas características só se pode ser conciso à custa de omissões e simplificações. A omissão e a simplificação auxiliam-nos a compreender, contudo auxiliam-nos, em muitos casos a compreender imperfeitamente; porque a nossa percepção pode ser só a percepção das noções nitidamente formuladas por quem resume, e não a da realidade vasta e ramificada, a partir da qual tais noções foram separadas de modo tão arbitrário.

Porém a vida é curta e o conhecimento ilimitado: ninguém dispõe de tempo para tudo. Na realidade somos, de um modo geral, forçados a optar entre uma exposição impropriamente breve e a impossibilidade de expor. Sintetizar é um mal necessário, e a tarefa daquele que sintetiza é fazer da melhor maneira possível um trabalho que, embora essencialmente mau, ainda seja melhor do que nada. Deve aprender simplificar, mas sem chegar ao extremo de falsificar. Sem aprender a concentrar-se sobre o imprescindível de uma conjuntura, mas sem desconhecer muitos aspectos marginais expressivos da realidade. Assim sendo, pode suceder que não esteja capacitado a dizer toda a verdade (porque toda a verdade em torno de quase todos os assuntos importantes é incompatível com a concisão), mas poderá dizer avultadamente mais do que as temerárias meias-verdades e quartas-partes da verdade que sempre foram a moeda corrente do pensamento.

A questão da liberdade e dos seus inimigos é colossal, e o que escrevi certamente seja demasiado resumido para o tratar como merece: contudo atingi muitos aspectos do problema. Cala qual desses aspectos talvez tenha sido resumido em excesso na exposição; porém estes contínuos excessos de simplificação justapõem-se num quadro que, espero, oferta uma sugestão da

imensidão e complexidade do original.

Foram omitidos do quadro (não porque não sejam valiosos. porém tão somente por conveniência e porque os discuti em ocasiões anteriores) os inimigos mecânicos e militares da liberdade – as armas e os engenhos que fortaleceram em demasia as mãos dos condutores do mundo contra os seus súditos, e os preparativos ainda mais desgraçadamente caros para guerras ainda mais insanos e suicidas. Os capítulos que seguem devem ser lidos contra um pano de fundo de pensamentos sobre a revolta da Hungria e da sua repressão, sobre as bombas H, sobre o orçamento que cada nação reserva para a sua "defesa", sobre as intermináveis colunas de rapazes uniformizados, que marcham obedientemente para a vala comum.

.:: 1. Superpopulação ::.

Em 1931, quando a Admirável Mundo Novo estava para ser escrito, achava-me convencido de que restava ainda muito tempo. A sociedade completamente organizada, o sistema científico das castas, a abolição da vontade livre através de um condicionamento comedido, a servidão que se tornara aceitável através de doses regulares de felicidade artificialmente transmitidas, as ortodoxias propagadas em cursos noturnos ministrados enquanto se dorme – estas coisas aproximavam-se tais eu as dizia, mas não chegariam no meu tempo, nem mesmo no tempo dos meus netos. Esqueci a data exata dos acontecimentos registrados no Admirável Mundo Novo; ocorreram, contudo. lá pelos séculos VI ou VII d. F. (depois de Ford). Nós, que vivíamos na segunda metade do século XX d. C., éramos os habitantes de um universo na realidade horrível; porém, o pesadelo daqueles anos de depressão era totalmente diferente do pesadelo do futuro, descrito no Admirável Mundo Novo. O nosso era um pesadelo de absoluta falta de ordem; o deles, no século VII d. F., de ordem em excesso. No decurso de passagem de um ao outro extremo, haveria um longo intervalo, imaginava eu, durante o qual a terça parte mais afortunada da raça humana aproveitar-se-ia melhor de ambos os mundos – o mundo desordenado do liberalismo e o demasiado ordenado Admirável Mundo Novo, onde a eficácia perfeita não deixaria lugar para a liberdade ou para a iniciativa pessoal.

Vinte e sete anos depois, no terceiro quartel do século XX d. C., e muito antes do fim do século I d. F., sinto-me muito menos otimista do que quando estava para escrever o Admirável Mundo Novo. As profecias feitas em 1931 estão para realizar-se muito mais depressa do que eu calculava. O abençoado espaço entre a excessiva falta de ordem e o pesadelo da ordem em excesso não surgiu e não apresenta sinais de começar. Verdade é que, no Ocidente, homens e mulheres gozam ainda de uma vasta medida de liberdade individual. Contudo, até nos países que têm

uma tradição de governo democrático, esta liberdade, e até o desejo desta liberdade, parece achar-se em declínio. No resto do mundo a liberdade para os indivíduos já desapareceu, ou estão patentemente em vias de desaparecer. O pesadelo da organização total, que eu situara no século VII d. F., surgiu no futuro remoto, e desta forma tranqüilizante, e encontra-se agora aguardando por nós na primeira confluência da estrada.

O 1984 de George Orwell constituía a projeção amplificada, no futuro, de um presente que continha o Estalinismo, e de um passado imediato que testemunhara o florescimento do Nazismo. O Admirável Mundo Novo foi escrito antes da ascensão de Hitler ao poder supremo na Alemanha e quando o tirano russa ainda não calculara a sua marcha. Em 1931, o terrorismo metódico ainda não era a causa obsessiva nossa contemporânea que se havia torna do em 1948, e a futura ditadura do meu mundo fictício era, em grande parte, menos brutal do que a futura ditadura tão brilhantemente descrita por Orwell. No argumento de 1948, 1984 parecia terrivelmente convincente. Porém, afinal de contas, os tiranos são mortais e as circunstâncias variam. A recente evolução na Rússia, e progressos recentes no campo da ciência e da tecnologia subtraíram do livro de Orwell boa parte da sua medonha verossimilhança. Uma guerra nuclear subtrairia certamente todo o sentido das predições de qualquer pessoa. Mas, afirmando neste momento que as Grandes Potências podem abster-se por algum tempo de nos destruir, justo é dizer-se que tudo se apresenta, no momento. como se todas as vantagens pareçam mais a favor de algo como o Admirável Mundo Novo do que de algo como 1984.

Ã luz do que verificamos recentemente sobre o comportamento do animal, em geral, e sobre o comportamento humano, em especial, torna-se claro que o controle do comportamento indesejável através do castigo é menos eficaz, afinal de contas, do que o controle através de reforço do comportamento desejável mediante recompensas, e que o governo, lançando mãos do terror funciona, no conjunto, pior do que o governo realizado

pela condução não-violenta do ambiente, e dos pensamentos e sentimentos dos homens, das mulheres e das crianças, como indivíduos. A punição sustém temporariamente o comportamento indesejável, porém não elimina definitivamente a tendência da vítima em sentir-se bem ao agir desse modo. Além disso, as conseqüências psicofísicas do castigo podem ser justamente tão indesejáveis como as causas pelas quais um indivíduo foi castigado. A psicoterapia consagra-se largamente às conseqüências debilitantes ou antisociais das sanções sofridas no passado.

A sociedade descrita no 1984 é uma sociedade controlada quase exclusivamente pelo castigo e pelo receio do castigo. No mundo fictício da minha própria imaginação, o castigo não é freqüente e é, de um modo geral, brando. O controle quase perfeito exercido pelo governo é executado pelo reforço metódico de comportamento desejável, por inúmeras variações de manipulação quase não-violenta, tanto física como psicológica, e pela estandardização genética. As crianças geradas em laboratórios e o controle centralizado da reprodução não são talvez improváveis; mas é perfeitamente claro que, por muito tempo ainda, continuaremos a ser uma espécie vivípara que se procria ao acaso. A estandardização genética com fins práticos pode ser deixada de lado. Continuará a haver nas sociedades o controle pós-natal – pela repressão, como no passado, e, em extensão cada vez maior, pelos métodos mas eficientes da recompensa e da manipulação científica.

Na Rússia, a ditadura fora de moda, estilo 1984, de Stalin, começou a ceder lugar a uma forma mais atualizada de tirania. Nas camadas superiores da hierarquia social dos Sovietes, o reforço do comportamento desejável principiou a substituir os métodos mais antigos de controle mediante a punição do comportamento indesejável. Os engenheiros e cientistas, os professores e os funcionários são liberalmente pagos pelo trabalho bem feito, e tão comedidamente coletados que se acham sob um incentivo permanente para fazerem melhor e serem,

dessa forma, mais recompensados. Em alguns setores cabe-lhes a liberdade de pensar e de fazerem, mais ou menos, o que desejam. O castigo só os aguarda quando ultrapassam os limites regulados no campo da ideologia e da política. Pelo fato de ter sido garantida uma relativa dose de liberdade profissional é que os professores, cientistas e técnicos russos levaram a cabo realizações tão notáveis. Os que vivem junto à base da pirâmide soviética não usufruem de nenhum dos privilégios outorgados aos afortunados ou à minoria especialmente dotada. Os seus salários são irrisórios e pagam, sob a aparência de preços altos, um imposto disparatadamente grande. A área em que podem fazer o que desejam é bastante restrita, e os seus dirigentes subjugam-nos mais pelo castigo e pela ameaça de castigo do que pela condução não-violenta ou pelo reforço do comportamento desejável através da recompensa. O sistema soviético coordena elementos de 1984 com elementos que vaticinam o que se passava entre as castas mais elevadas no Admirável Mundo Novo.

Contudo, forças impessoais as quais quase não podemos controlar parecem estar a empurrar-nos a todos em direção ao pesadelo descrito no Admirável Mundo Novo; e este impulso impessoal está sendo cuidadosamente acelerado por representantes de organizações comerciais e políticas que desenvolveram um número avultado de notas técnicas de manipulação, em prol dos interesses de uma minoria, dos pensamentos e sentimentos das massas. As técnicas de manipulação serão analisadas em capítulos posteriores. Por ora, limitemos a nossa atenção àquelas forças impessoais que estão, atualmente, tornando o mundo bastante inseguro para a democracia, e rude para a liberdade individual. Quais são estas forças? E por que conseguiu velozmente um avanço em nossa direção o pesadelo que eu havia ideado para o século VII d. F.? A resposta a estas perguntas pode iniciar-se onde a vida de todas as sociedades, até das mais altamente civilizadas, teve os seus primórdios – no plano da biologia.

No primeiro Dia de Natal, a população do nosso planeta contava perto de duzentos e cinqüenta milhões de seres humanos – menos da metade da população da China atual. Dezesseis séculos após, quando os peregrinos desembarcaram em Plymouth Rock, o número de seres humanos subiu para um pouco além de quinhentos milhões. Por ocasião da assinatura da Declaração da Independência, a população terrestre ultrapassara a cifra de setecentos milhões. Em 1931, quando estava escrevendo o Admirável Mundo Novo, apresentava um número próximo aos dois biliões. Hoje, apenas vinte e sete anos após, há dois biliões e oitocentos milhões de seres. E amanhã – quantos? Penicilina, DDT e água pura são produtos baratos, cujos efeitos sobre a saúde públi.ca não condizem com a proporção do seu custo. Até um governo paupérrimo tem recursos para prover os seus súditos com os meios fundamentais de controle da mortalidade. O controle da natalidade é um outro assunto bem diferente. O controle da mortalidade é algo que pode ser oferecido a todo um povo por técnicos que trabalham a soldo de um governo benévolo. O controle da natalidade exige a cooperação de todo um povo. Pode ser praticado por grande número de indivíduos, dos quais exige mais inteligência e força de vontade do que possuem a maioria dos analfabetos que pululam pelo mundo, e (onde são usados métodos químicos ou mecânicos anticoncepcionais) um dispêndio maior de capital do que podem suportar muitos destes milhares de seres. Outrossim, não existem mais em parte alguma, quaisquer tradições religiosas que pugnem a favor da morte ilimitada, ao passo que as tradições religiosas e sociais a favor da reprodução ilimitada estão largamente espalhadas. Por todos estes motivos, o controle da mortalidade é executado com muita facilidade, o controle da natalidade é efetuado com grande dificuldade. As taxas de mortalidade caíram, portanto, nos anos mais recentes, com rapidez assustadora. Porém as taxas de natalidade, ou permaneceram no seu antigo alto nível ou, se caíram, foi muito pouco e muito lentamente.

Consequentemente, o número de seres humanos está aumentando atualmente com mais rapidez do que em qualquer outra época da história da espécie.

Outrossim, o crescimento anual está subindo também. Aumentam regularmente, conforme as regras das proporções compostas; e crescem também, irregularmente, com cada emprego dos princípios da Saúde Pública numa sociedade tecnologicamente atrasada. Presentemente, o crescimento anual da população mundial aproxima-se de aproximadamente quarenta e três milhões. Isto indica que, de quatro em quatro anos, a humanidade acrescenta ao seu total o equivalente à população atual dos Estados Unidos, e, de oito anos e meio em oito anos e meio, o equivalente à população da Índia, atualmente. No ritmo de crescimento que predominou entre o nascimento de Cristo e a morte da rainha Isabel I, foram precisos dezesseis séculos a fim de que a população da terra duplicasse. No ritmo atual, a população mundial duplicará em menos de meio século. E esta duplicação incrivelmente rápida do número de seres humanos ocorrerá num planeta cujas áreas mais férteis e produtivas já estão densamente povoadas, cujos solos estão sendo desgastados pelos esforços loucos de maus agricultores, com o objetivo de obterem mais alimento, e cujo capital de minerais facilmente utilizáveis está sendo dissipado à semelhança de um marinheiro embriagado que se priva rapidamente dos vencimentos que acumulou.

No Admirável Mundo Novo da minha fantasia, a questão do número de seres humanos na sua relação com os recursos naturais foi realmente resolvido. Foi calculado um número ideal para a população terrestre e a totalidade da população seria mantida neste nível (um pouco abaixo de dois biliões, se bem me lembro), geração após geração. No mundo contemporâneo, a questão da população não foi solucionada. Bem ao contrário, o problema está se tornando mais grave e mais tremendo a cada ano que passa. É contra este sinistro pano de fundo biológico que se desenvolvem todos os dramas políticos, econômicos, culturais e psicológicos de nossa época. A medida que o século XX se

aproxima de seu final, e os novos biliões são acrescidos aos biliões existentes (quando minha neta tiver cinqüenta anos, o número total de seres humanos ultrapassará os cinco biliões e meio), este pano de fundo biológico avança, sempre com mais insistência, sempre mais ameaçador, para a vanguarda e para o centro do palco histórico. O problema da relação entre o número total de seres humanos, que aumenta rapidamente, e os recursos naturais, a estabilidade social, e o bem-estar dos indivíduos – é agora o problema crucial da humanidade; e continuará a sê-lo, com certeza, durante mais um século e, talvez durante ainda vários séculos. Supôsse que uma nova época teve início a 4 de outubro de 1957. Mas na verdade, no presente contexto, toda a nossa exuberante tagarelice pós-Sputnik é imperdoável e destituída de sentido. No que tange às massas de humanidade, a época que se aproxima não será a Idade do Espaço; será a Idade Superpopulação. Podemos parodiar os termos da velha canção e perguntar :

O espaço de que sois tão ricos
acenderá um fogo na cozinha,
ou o pequeno deus do espaço volta o espeto,
[o espeto, o espeto?

A resposta, é lógico, é negativa. Um desembarque na Lua poderá ser de alguma utilidade militar para a nação que o conseguir. Mas em nada contribuirá para tornar a vida mais tolerável, durante os cinqüenta anos que vamos despender na nossa duplicação, para os biliões de subalimentados que pululam na terra. E mesmo se, em época posterior, a emigração para Marte se tornar viável, mesmo que um número considerável de homens e de mulheres estivessem suficientemente desesperados para escolher uma nova vida em condições semelhantes às que prevalecem numa montanha duas vezes mais elevada do que o Monte Evereste, que diferença faria? No transcorrer dos últimos quatro séculos um grande número de pessoas velejou do Velho

para o Novo Mundo. Mas, nem a sua partida, nem o fluxo, em sentido contrário, de matérias-primas e alimentares, solucionaram os problemas do Velho Mundo. Da mesma forma, envio de alguns seres humanos em excesso para Marte (com um custo, para transporte e instalação, de vários milhões de cruzeiros por cabeça) em nada contribuiria para anular a explosão de uma população humana crescente do nosso próprio planeta. Não resolvido, este problema tornará insolúveis todos os outros nossos problemas. Pior ainda, acarretará condições tais que a liberdade individual e as vantagens sociais do sistema democrático de vida tornar-se-ão impossíveis, quase imaginárias.

Nem todas as ditaduras surgem da mesma forma. Há muitos caminhos que vão dar ao Admirável Mundo Novo; mas, o mais curto e mais largo de todos eles talvez seja o caminho que seguimos agora, o caminho que atravessa por entre números imaginários de seres humanos e o seu aumento acelerado. Passemos em revista, por alto, as razões desta estreita correlação entre povo em excesso, entre povo que se multiplica rapidamente, e a formulação de filosofias autoritárias, o nascimento de sistemas totalitários de governo.

Assim que o número elevado e crescente de seres humanos incide mais pesadamente nos recursos disponíveis, a posição econômica da sociedade que sofre esta pressão torna-se ainda mais difícil. Isto é verdadeiro em relação àquelas regiões subdesenvolvidas, onde uma queda súbita da mortalidade devido ao DDT, à penicilina e à água pura não foi seguida de uma descida correspondente da taxa de natalidade. Em certas regiões da Ásia, e na maior parte da América Central e do Sul, as populações estão crescendo de maneira tal que ver-se-ão duplicadas em pouco mais de vinte anos. Se a produção de alimentos e de produtos manufaturados, de casas, escolas e professores for aumentada em rapidez superior à do número de habitantes, será possível melhorar a sorte miserável dos que vivem nestas regiões subdesenvolvidas e superpovoadas. Mas, infelizmente, falta a estas regiões não apenas maquinaria agrícola e unidades

industriais para fabricarem essa maquinaria, como também a verba requerida para montar tais fábricas. O capital é o que resta depois de terem sido atendidas as necessidades básicas de uma população. Porém as necessidades básicas de muitos desses seres que vivem em regiões subdesenvolvidas nunca serão totalmente satisfeitas. Quase nada resta ao final de cada ano e, portanto, quase não há verba disponível para criar os equipamentos industrial e agrícola, através dos quais as necessidades da população poderiam ser supridas. Apesar disso, em todos estes países subdesenvolvidos há uma enorme escassez de mão-de-obra especializada, sem a qual não funcionam unidades agrícola ou industrial modernas. As atuais possibilidades educacionais são inadequadas; o mesmo pode-se dizer dos recursos financeiros e culturais, destinados a melhorar as situações vigentes nesses países com a rapidez que a situação exige. Contudo, a população de alguns desses países subdesenvolvidos está crescendo no ritmo de três por cento ao ano.

A trágica condição de tais países foi debatida num importante livro, publicado em 1957 – The Next Hundred Years, dos professores Harrison Brown, James Bonner e John Weir do California Institute of Technology. Como é que a humanidade vai pugnar contra o problema do seu aumento sempre crescente? Não com muito sucesso. "A evidência sugere claramente que na maioria dos países subdesenvolvidos a sorte da média dos indivíduos decaiu a olhos vistos durante os últimos cinqüenta anos. O povo permaneceu pior alimentado. Há menos bens de consumo disponíveis por pessoa. E, praticamente, cada experiência feita no sentido de melhorar a condição tem sido invalidada pela pressão inexorável de um crescimento contínuo da população."

Sempre que a vida econômica de uma nação se torna deficitária, o governo central se vê forçado a assumir responsabilidades adicionais pelo bem-estar. Deve apresentar planos meticulosos que lhe dêem condições de enfrentar uma situação crítica; deve impor limitações ainda maiores às atividades

dos governados; e se, como é admissível, o agravamento das condições econômicas gera intranqüilidade política, ou rebelião aberta, o governo central deve interferir a fim de salvaguardar a ordem pública e a sua própria autoridade. Assim, na direção do executivo e dos burocratas que o administram concentra-se cada vez mais poder. Mas é tal a ordem do poder que mesmo aqueles que o não procuraram, mas sobre quem o poder foi lançado, miram a adquirir gosto por ele. "Não nos deixes cair na tentação", pedimos – e com bons motivos; porque quando os seres humanos são tentados, de maneira demasiado sedutora ou durante tempo demasiado, geralmente caem. Uma constituição democrática é um achado que impede aos chefes locais de caírem nessas tentações geralmente perigosas que se levantam quando excesso de poder está concentrado em poucas mãos. Tal constituição funciona muito bem onde, como na Inglaterra ou nos Estados Unidos, há um respeito tradicional pelos sistemas constitucionais. Onde a tradição republicana ou a tradição monárquica atenuada são fracas, a melhor das constituições não impedirá os políticos ambiciosos de se rejubilarem às tentações do poder. E em qualquer país onde o povo começou a exercer severa pressão sobre os recursos disponíveis, estas tentações não podem deixar de aparecer. A superpopulação encaminha à insegurança econômica e à intranqüilidade social. intranqüilidade e insegurança conduzem a maior controle por parte dos governos centrais e a um aumento de autoridade. Na ausência de uma tradição constitucional, este poder reforçado será talvez exercido de forma ditatorial. Ainda que o Comunismo não tivesse sido criado, isto provavelmente sucederia. Porém o Comunismo foi instituído. Assim sendo, a possibilidade da superpopulação conduzir, através da intranqüilidade, à ditadura, tornou-se uma certeza virtual. Pode-se apostar, sem receio que, daqui a vinte anos, todos os países subdesenvolvidos e superpovoados do mundo estarão sob uma forma de domínio totalitário – provavelmente exercido pelo Partido Comunista.

Como é que esta evolução prejudicará os países europeus

superpovoados, porém altamente industrializados e ainda democráticos? Se as ditaduras recentemente criadas lhes fossem adversas, e se o fluxo normal de matérias-primas provindas dos países subdesenvolvidos fosse propositadamente interrompido, os países do Ocidente achar-se-iam, eles próprios em um caminho na realidade muito mau. O seu sistema industrial ruiria, e a tecnologia altamente desenvolvida, que até então lhes permitiu sustentassem uma população muito além do que a que poderia ser mantida pelos recursos locais disponíveis, não mais as protegeria contra as conseqüências de terem excesso de população num território reduzido. Se isto sucedesse, os enormes poderes impostos aos governos centrais pelas condições adversas podem chegar a ser empregados segundo o espírito de ditadura totalitária.

Os Estados Unidos não são, atualmente, um país superpovoado. Se, porém, a população continuar a crescer no ritmo atual (que é mais rápido do que o aumento do da Índia, se bem que uma boa parte, felizmente, menos rápida do que o ritmo agora corrente no México ou na Guatemala), o problema da ligação entre o número de seres humanos e os recursos disponíveis pode alterar-se desde o começo do século XXI. Atualmente, a superpopulação não oferece ameaça direta para a liberdade pessoal dos americanos. Continua, todavia, uma ameaça indireta, o esboço de uma ameaça. Se a superpopulação levar os países subdesenvolvidos ao totalitarismo, e se essas novas ditaduras se aliassem com a Rússia, então a posição militar dos Estados Unidos tornar-se-ia menos segura e o preparativos de defesa e represália teriam de ser intensificados. Mas a liberdade, como todos sabemos, não pode vicejar num país que está permanentemente em pé de guerra, ou mesmo próximo de uma guerra. As crises contínuas justificam o controle permanente de todo o povo e de todas as coisas pelos responsáveis do governo central. E a, crise contínua é o que esperamos num mundo onde a superpopulação está gerando um estado de coisas em que a ditadura, sob os agouros comunistas, se torna quase inevitável.

.:: 2. Quantidade, Qualidade, Moralidade ::.

No Admirável Mundo Novo da minha ficção, o eugenismo e o seu contrário eram metodicamente praticados. Numa série de frascos, óvulos biologicamente superiores, fertilizados por esperma biologicamente superior, recebiam o melhor tratamento pré-natal possível e eram finalmente purificados como Betas, Alfas e até Alfas Positivos. Em outra série de frascos, muito mais numerosa, óvulos biologicamente inferiores, fertilizados por esperma biologicamente inferior, foram sujeitos ao Processo Bokanovsky (noventa e seis gêmeos retirados de um só ovo) e tratados, pré-natalmente, com álcool e outros conteúdos proteínicos. As criaturas finalmente geradas eram quase subumanas; mas eram capazes de realizar trabalhos que não requeriam perícia e, quando adequadamente condicionadas, enfraquecidas por livres e freqüentes relações com o sexo oposto, constantemente distraídas pelo divertimento gratuito, e incitadas a cumprir os padrões do seu bom comportamento por doses diárias de Soma, podiam considerar-se como incapazes de causar qualquer preocupação aos seus superiores.

Nesta segunda metade do século XX, nada realizamos com caráter metódico pela nossa procriação; porém, com a nossa maneira desordenada e irregular, estamos não somente a superpovoar o nosso planeta, como também, parece, agindo seguramente para que esta população, cada vez mais numerosa, seja da mais baixa qualidade biológica. Nos maus dias de antigamente, as crianças com defeitos hereditários consideráveis ou até leves, raramente sobreviviam. Hoje, graças à higiene, à farmacologia moderna e à consciência social, muitas das crianças nascidas com defeitos hereditários atingem a maturidade e multiplicam a sua espécie. Sob as condições atualmente em vigor, cada avanço na medicina terá tendências a ser superado por um avanço correspondente no ritmo de sobrevivência dos seres atingidos por qualquer insuficiência genética. Apesar das novas drogas milagreiras e dos melhores tratamentos (de fato, em certo

sentido, precisamente devido a estas coisas), a saúde física da população, em geral, não apresentará qualquer melhoria; pelo contrário poderá até regredir. E a par com uma queda da saúde média bem pode surgir um declínio na inteligência média. Na verdade, algumas autoridades idôneas estão convencidas de que tal queda já ocorreu e está em progresso. "Sob condições que são fáceis e irregulares", escreve o Dr. W. H. Sheldon, "as nossas camadas superiores tendem a ser subvertidas por outras que lhes são inferiores sob todos os aspectos... É costume em certos círculos acadêmicos assegurar aos estudantes que o alarma provocado pelas taxas diferenciais de natalidade não tem fundamento; que estes problemas são apenas econômicos, ou meramente educacionais, ou simplesmente religiosos, ou tampouco culturais, ou qualquer coisa deste gênero. h um otimismo exagerado. A delinqüência no tocante à reprodução é biológica e básica." E acrescenta que "ninguém sabe com certeza em que medida o nível do Quociente de Inteligência neste país (Estados Unidos da América) declinou desde 1916, quando Terman tentou fixar com precisão o sentido do Q.I. 100."

Num país subdesenvolvida e superpovoado, onde quatro quintos da população recebem menos de duas mil calorias por dia e um quinto goza de uma dieta apropriada, podem as instituições democráticas nascer espontaneamente? Ou se fossem impostas de fora, ou de cima, poderiam sobreviver?

E agora verifiquemos o caso de uma sociedade rica, industrializada e democrática em que, devido à prática ocasional mas eficaz do contrário do eugenismo, o Quociente de Inteligência e o vigor físico estão decaindo. Por quanto tempo pode uma tal sociedade manter as suas tradições de liberdade individual e de governo democrático? Dentro de cinqüenta ou cem anos os nossos filhos obterão a resposta para esta pergunta.

Contudo, achamo-nos a nós próprios frente a um problema moral mais embaraçante. Sabemos que o prosseguimento dos bons fins não justifica o emprego de maus meios. Mas que falar destas situações, agora tão comumente observáveis, em que os

bons meios apresentam resultados finais que se constata serem maus?

Por exemplo, dirijamo-nos para uma ilha nos trópicos e com o auxílio do DDT libertemo-la da malária e, dentro de dois ou três anos, salvaremos centenas de milhares de vidas. Isto é simplesmente bom. Mas as centenas de milhares de seres humanos salvos desta maneira, e os milhões que eles geram e trazem à vida, não podem ser normalmente vestidos, alojados, educados ou até alimentados com os recursos locais disponíveis. A morte pela malária foi abolida; mas a vida tornada miserável pela subalimentação e pelo superpovoamento é agora a norma, e a morte lenta, por inanição, ameaça um número cada vez maior de habitantes.

E que dizer a respeito dos organismos congenitamente insuficientes, que a nossa medicina e os nossos serviços sociais agora preservam, de tal maneira que eles possam propagar a espécie? Ajudar os desafortunados é logicamente bom. Porém, a transmissão em massa, aos nossos descendentes, dos resultados de mutações desfavoráveis, e o contágio progressivo da reserva genética o qual os membros da nossa espécie terão de beber, não é menos logicamente mau. Estamos nas extremidades de um dilema ético, e para acharmos o caminho intermediário serão necessárias toda a nossa inteligência e toda a nossa boa vontade.

.:: 3. Superorganização ::.

A estrada mais curta e mais larga em direção ao pesadelo do Admirável Mundo Não passa, como já assinalamos, através da superpopulação e do aumento sempre crescente do número total de seres humanos – dois biliões e oitocentos milhões hoje, cinco biliões e quinhentos milhões ao findar do século, com a maior parte da humanidade encarando a escolha entre a anarquia e o controle total. Porém a pressão crescente do número de seres humanos sobre os recursos disponíveis não é a única força que nos impele em direção ao totalitarismo. Este cego inimigo biológico da liberdade é aliado com forças muitíssimo poderosas, geradas precisamente pelos progressos efetuados no campo da tecnologia, de que mais nos orgulhamos; do que nos orgulhamos justificadamente, pode acrescentar-se; porque estes progressos são os frutos do gênio, e do árduo trabalho persistente da lógica, da imaginação, do sacrifício – enfim, de virtudes morais e intelectuais pelas quais não se pode ter senão admiração. Mas a Natureza das Coisas é tal que ninguém neste mundo pode atingir coisa alguma sem dar alguma coisa em troca. Tivemos que pagar estes progressos espantosos e de fato admiráveis, tal como a lavadora do ano precedente que ainda não foi paga – e cada prestação é mais elevada do que a imediatamente anterior. Muitos historiadores, muitos sociólogos e psicólogos escreveram longamente, e com profundo pesar, sobre o preço que o homem do Ocidente tem de pagar e continuará a pagar para o progresso técnico. Eles assinalam, por exemplo, que pouca esperança se pode ter em que a democracia floresça em sociedades onde o poder econômico e político será progressivamente concentrado e centralizado. Porém, o progresso da tecnologia conduziu e ainda conduz precisamente a uma tal concentração e centralização do poder. À medida que o mecanismo de produção em massa se torna mais eficiente tende a tornar-se mais complexo e mais dispendioso – e, portanto, longe do alcance do homem empreendedor que possui poucos recursos. Além disso, a

produção em larga escala não pode funcionar sem uma distribuição em grande escala; a distribuição em grande escala apresenta problemas que só os maiores produtores podem resolver razoavelmente. Em um mundo de produção e de distribuição em grande escala os Pequenos, com o seu fundo insuficiente de capital operante, vêem-se em grande desvantagem. Em competição com os Grandes perdem o seu capital e, finalmente, a sua própria existência como produtores independentes; os. Grandes engoliram-nos. Quando os Pequenos desaparecem, é cada vez maior o poder econômico que passa a ser manipulado por mãos cada vez menos numerosas. Sob uma ditadura, o Alto Negócio, tornado realizável pelo progresso tecnológico e pela conseqüente ruína do Pequeno Negócio, é controlado pelo Estado – isto é, por um grupo pequeno de chefes políticos e de militares, polícias e funcionários civis que lhes executam as ordens. Numa democracia capitalista, como os Estados Unidos, é controlado pelo que o Prof. C. Wright Mills chamou a Elite do Poder. Esta Elite do Poder emprega diretamente milhões de unidades de mão de obra do país nas suas fábricas, escritórios e armazéns; controla muitos milhões de outros homens, emprestando-lhes dinheiro para adquirirem os seus produtos e, pela sua posse dos meios de comunicação com as massas, influencia os pensamentos, sentimentos e ações de quase toda a gente. Relembrando as palavras de Winston Churchill, nunca tantos foram dirigidos por tão poucos. Estamos de fato muito distante do ideal de Jefferson : uma sociedade francamente livre composta de uma hierarquia de unidades que se autogovernam – "as repúblicas elementares das circunscrições, as repúblicas das comarcas, as repúblicas dos Estados e a República da União, formando um crescimento de autoridade."

Vemos, pois, que a tecnologia moderna tem conduzido à concentração do poder econômico e político, e ao desenvolvimento de uma sociedade controlada (inflexivelmente nos Estados totalitários, polida e imperceptivelmente nas democracias) pelo Alto Negócio e pelo Alto Governo. Mas as

sociedades são compostas de indivíduos e só são boas à medida em que ajudam os seres a realizar as suas potencialidades e conduzem a uma vida feliz e criadora. Como é que os indivíduos foram simulados pelos progressos técnicos dos anos recentes? Eis a resposta dada a esta pergunta por um filósofo-psiquiatra, Dr. Erich Fromm :

"A nossa sociedade ocidental contemporânea, apesar do seu progresso material, intelectual e político, dirige-se cada vez menos para a saúde mental, e tende a sabotar a segurança interior, a felicidade, a razão e a capacidade de amor no ser humano; tende a transformá-lo num autômato que paga o seu fracasso com as doenças mentais cada vez mais freqüentes e desespero oculto sob um delírio pelo trabalho e pelo chamado prazer."

As nossas "doenças mentais cada vez mais freqüentes" podem achar manifestação em sintomas neuróticos. Estes sintomas são patentes e extremamente perigosos. Mas, "cuidemo-nos", diz o Dr. Fromm, "de definir a higiene mental como prevenção de sintomas. Os sintomas, como tais, não são nossos inimigos, porém, nossos amigos; onde há sintomas há conflito, e conflito indica sempre que as forças da vida, que pugnam pela harmonização e pela felicidade, ainda lutam. As vítimas de doença mental realmente arruinadas encontram-se entre os que parecem mais normais. "Muitos dos que são normais, são-no porque se encontram tão bem adaptados ao nosso modo de viver, porque as suas vozes humanas ficaram reduzidas ao silêncio tão cedo em suas vidas, que nem porfiam, ou sofrem, ou exibem sintomas como o neurótico." São normais, não no que se pode denominar o sentido restrito da palavra; são normais apenas em relação a uma sociedade imensamente, anormal. O seu perfeito ajustamento a esta sociedade anormal dá a proporção da sua doença mental. Estes milhões de indivíduos anormalmente normais que vivem sem aparato numa sociedade a que, se fossem seres plenamente humanos, não deveriam estar adaptados, ainda acariciam "a ilusão da individualidade", mas de fato foram em larga escala desindividualizados. A sua conformidade continua

evoluindo para algo como a uniformidade. Mas, "uniformidade e liberdade são contraditórias. A uniformidade e a saúde mental são igualmente incompatíveis... O homem não foi preparado para ser um autômato, e se se transforma em autômato, a base da saúde mental estará arruinada."

No transcorrer da sua evolução, a natureza não se furtou a desgraças sem fim para que cada indivíduo fosse diferente dos outros indivíduos. Reproduzimos a nossa espécie estabelecendo contato entre os genes do pai com os genes da mãe. Estes fatores hereditários podem ser dispostos num número quase infinito. Física e mentalmente, cada um de nós é exclusivo. Qualquer cultura que, no interesse da eficácia, ou em nome de qualquer dogma político ou religioso, procura padronizar o indivíduo humano, comete um ultraje contra a natureza biológica do homem.

A Ciência pode ser determinada como a redução da multiplicidade à unidade. Procura explicar os ilimitadamente diversos fenômenos da natureza ignorando a unicidade das ocorrências particulares, concentrando-se sobre o que eles apresentam de comum e, finalmente, abstraindo uma "lei", em termos que façam sentido e com os quais possamos realmente lidar. Por exemplo : os frutos caem das árvores e a lua move-se pelo céu. Os homens notaram estes fatos desde tempos imemoriais; como Gertrude Stein, estavam convencidos de que, uma maçã é uma maça, ao passo que a lua é a lua. Estava reservado a Isaac Newton aperceber-se do que estes fenômenos dissemelhantes tinham em comum, e o expôs numa teoria da gravitação em termos tais que alguns aspectos do comportamento das maçãs, dos corpos celestes e até de todas as demais coisas do universo físico possam ser explicados e estudados em termos de um único sistema de idéias. Seguindo o mesmo espírito, o artista toma as inumeráveis variedades e unicidades do mundo externo, e a sua própria imaginação, e dá-lhes sentido dentro de um sistema determinado de modelos plásticos, literários ou musicais. O anelo de conferir ordem à confusão, de originar a harmonia a

partir da dissonância, e a unidade da multiplicidade, é uma espécie de instinto intelectual, impulso primário e básico do espírito. Dentro dos domínios da Ciência, da Arte e da Filosofia os efeitos do que posso denominar "Vontade de Ordem" são sobretudo benéficos. Na verdade, a "Vontade de Ordem" originou muitas sínteses prematuras fundadas em dados insuficientes, muitos sistemas paradoxais de metafísica e de teologia, muita confusão pretensiosa entre as idéias e a realidade, entre os símbolos e abstrações e os dados da experiência imediata. Contudo estes erros, por mais lamentáveis que sejam, não prejudicaram muito, pelo menos diretamente – se bem que aconteça por vezes que um mau sistema filosófico possa prejudicar indiretamente, ao ser aplicado como justificação para ações carentes de sentido e inumanas. É na esfera social, no domínio da política e da economia, que a "Vontade de Ordem" se converte realmente em perigo.

Aqui, a conversão teórica da ingovernável multiplicidade à unidade compreensiva transforma-se na redução prática da diversidade humana à uniformidade subumana, da liberdade à servidão. Em política, o equivalente de uma doutrina científica ou de um sistema filosófico plenamente desenvolvido é um sistema totalitário. Em economia, o equivalente a uma obra de arte criada com beleza é uma fábrica que funciona sem obstáculos, na qual os operários se encontram perfeitamente adaptados às máquinas. A Vontade de Ordem pode converter em tiranos os que aspiram simplesmente a desfazer a confusão. A beleza da, boa ordenação é aplicada como justificação para o despotismo.

A organização é indispensável; porque a liberdade só surge e tem sentido dentro de uma comunidade auto-regulamentada de indivíduos que colaboram livremente. Porém, mesmo que indispensável, a organização pode também ser fatal. A organização em excesso transforma em autômatos homens e mulheres, reprime o espírito criador e elimina a própria possibilidade de liberdade. Como sempre, o único caminho seguro está no meio-termo, entre o excesso do laissez-faire, num

dos topos da escala, e o controle total, no outro extremo.

Durante o século passado, os progressos sucessivos da tecnologia foram seguidos de progressos adequados no campo da organização. A maquinaria complicada foi contrabalançada por complexas disposições sociais, destinadas a trabalharem tão branda e eficientemente como os novos instrumentos de produção. A fim de se adaptarem nestas organizações, os indivíduos viram-se, eles mesmos, forçados a desindividualizarem-se, renegaram a sua diversidade nativa, e se conformaram com um modelo padronizado, fizeram o máximo, em suma, para se tornar autômatos.

Estes resultados desumanizadores da superorganização são reforçados pelos resultados desumanizadores da superpopulação. A indústria, quando se expande, atrai uma proporção cada vez maior de homens para os grandes centros. Mas a vida nas grandes cidades não leva à saúde mental (a mais alta incidência de esquizofrenia, dizem-nos, encontra-se entre os enxames de habitantes dos bairros sórdidos dos setores industriais) ; a indústria também não desenvolve o gênero de liberdade responsável dentro de pequenos grupos autônomos, que é a condição sine-qua-non da verdadeira democracia. A vida na cidade é anônima e, por isso mesmo, abstrata. As pessoas se relacionam umas com as outras, não como personalidades integrais, mas como personificações de funções econômicas ou, quando não estão no emprego como pessoas que procuram irrefletidamente o entretenimento. Sujeitos a uma vida desta espécie, os indivíduos tendem a sentir-se solitários e sem importância. A sua existência deixa de ter qualquer importância ou qualquer sentido.

Biologicamente falando, o homem é um ser moderadamente gregário, e não completamente social – uma criatura mais parecida ao lobo, por exemplo, ou a uma formiga. Na sua forma primitiva, as sociedades humanas nada tinham em comum com um cortiço ou com um formigueiro; eram, apenas, grupos. A

Civilização é, entre outras coisas, o processes pelo qual os grupos primitivos são transformados num análogo, grosseiro e mecânico, às comunidades orgânicas dos insetos sociais. Presentemente, a explosão da superpopulação e das modificações tecnológicas estão acelerando este processo. A termiteira representa agora um ideal realizável e, para alguns, até desejável. É desnecessário repetir que o ideal jamais será, de fato, atingido. Um grande abismo separa o inseto socializável do mamífero não muito gregário e dotado de um grande cérebro; e ainda que o mamífero aplicasse todos os esforços por imitar o inseto, o abismo continuaria. Por maior que seja a tentativa, os homens não conseguem criar um organismo social, apenas pode criar uma organização. Insistindo nas tentativas de criação de um organismo, os homens instituirão tão somente um despotismo totalitário.

O Admirável Mundo Novo apresenta um quadro fictício e um pouco grosseiro de uma sociedade em que a tentativa de recriar seres humanos à semelhança de térmites foi levada quase até as raias do possível. Que estamos sendo impulsionados em direção do Admirável Mundo Novo é evidente. Porém não é menos lógico v fato de que nos podemos, se assim o quisermos, recusar a cooperar com as forças obscuras que nos impulsionam. Por ora, todavia, a ânsia de resistir não nos parece ser muito forte ou muito generalizada. Como o sr. William Whyte apresentou no seu notável livro, The Organization Man, uma nova Ética Social está substituindo o nosso sistema ético tradicional – o sistema em que o indivíduo se apresenta em primeiro lugar. As palavras-chave desta Ética Social são : "ajustamento", "adaptação", "comportamento socialmente orientado", "integração", "aquisição de técnicas sociais", "trabalho de equipe", "vida em grupo", "lealdade ao grupo", "dinâmica de grupo", "pensamento de grupo" e "criatividade de grupo". A sua afirmação fundamental é a de que o todo social tem mais valor e importância do que as suas partes peculiares, que as diferenças biológicas inatas devem ser renunciadas à uniformidade cultural,

que os direitos da coletividade têm primazia sobre o que o século XVIII proclamava os Direitos do Homem. De acordo com a Moral Social, Jesus errou completamente ao afirmar que o sabbat fora feito para o homem. Pelo contrário, o homem é que foi feito para o sabbat, e deve sacrificar as suas idiossincrasias herdadas e pretender ser o tipo de bom rapaz sociável que os organizadores da atividade de grupo consideram ideal para os seus objetivos. Este ser ideal é o homem que exibe o "conformismo dinâmico" (deliciosa frase!) e uma forte lealdade ao grupo, um incansável desejo de se subordinar, de ser aceito. E o homem ideal deve ter uma mulher ideal, altamente gregária, infinitamente adaptável, e não apenas conformada ao fato de que a primeira lealdade de seu marido seja para a Corporação, senão que também bastante leal por sua conta própria. "Ele só para Deus", como disse Mílton de Adão e Eva, "ela para Deus nele". E um aspecto importante, a mulher do homem ideal para a organização é, em grande parte, menos partilhada do que o foi nossa mãe Eva. A ela e a Adão consentiu o Senhor que não tivessem quaisquer inibições em matéria de "carícias juvenis".

> Nem Adão se afastava, suponho,
> de sua alegre esposa, nem Eva recusava
> os ritos misteriosos do amor conjugal.

Hoje, de acordo com um colaborador da Harvard Business Review, a mulher do homem que procura viver à altura do ideal proposto pela Ética Social "não deve exigir demasiado tempo e interesse de seu marido. Devido ao seu concurso exclusivo para o trabalho, até a sua atividade sexual deve ser relegada para segundo plano." O monge faz votos de castidade, pobreza e obediência. O homem da organização é autorizado a ser rico, porém promete obediência ("aceita a autoridade sem ressentimento, e admira os seus superiores" – Mussolini Ha sempre ragione) e deve estar apto, para maior glória da organização que o emprega, a rejeitar até o amor conjugal.*

** Com Mao TseTung esses conselhos capitalistas de perfeição se transformaram em mandamentos e modificados como regulamentos. Nas novas Comunidades Populares a condição conjugal foi abolida. Não havendo ternuras mútuas, maridos e esposas habitam barracões separados e lhes é permitido dormir juntos (por um breve período de uma ou duas horas, como prostitutas e seus clientes) somente em noites alternadas de sábado.*

É importante notar que, em 1984, os membros do Partido eram compelidos a conformar-se a uma moral sexual de uma severidade mais do que puritana. No Admirável Mundo Novo, por outro lado, qualquer pessoa tem o direito de satisfazer os seus desejos sem preconceito ou constrangimento. A sociedade exposta na ficção de Orwell é uma sociedade permanentemente em guerra, e o objetivo dos seus dirigentes é, em primeiro plano, decerto, exercer o poder para seu gozo próprio e, em segundo plano, manter os seus súditos num estado de tensão constante que um estado de guerra constante exige daqueles que a travam. Fazendo cruzada contra a sexualidade, os dirigentes estão aptos a manter a tensão requerida aos seus seguidores e ao mesmo tempo podem satisfazer de uma forma mais amena a sua cobiça de poder. A sociedade descrita no Admirável Mundo Novo é um Estado mundial em que a guerra foi eliminada e onde o principal objetivo dos que a conduzem é tolher a todo custo que os seus súditos causem quaisquer perturbações. Conseguem isto pela (entre outros métodos) legalização de um relativo grau de liberdade sexual (tornada possível pela abolição da família) que assegura praticamente os habitantes do Admirável Mundo Novo de qualquer forma de tensão emocional destrutiva (ou criadora). Em 1984 o desejo de poder é satisfeito infligindo-se o sofrimento; no Admirável Mundo Novo, infligindo um prazer pouco menos humilhante.

A Ética Social corrente, é evidente, constitui apenas uma justificação a posteriori das conseqüências menos desejáveis da superorganização. Representa uma tentativa enternecedora para fazer da necessidade virtude para exaurir um valor positivo de um elemento desagradável da experiência. É um sistema de

moralidade de fato irrealista e, portanto, bastante perigoso. O todo social, cujo valor se considera maior do que o das suas partes componentes, não é um organismo como um cortiço ou uma termiteira podem ser considerados como tal. É apenas uma organização, uma peça do maquinismo social. Só pode ter valor relativamente à vida e à consciência. Uma organização não é consciente nem viva. O seu valor é instrumental e derivado. Não é boa em si; é boa apenas na medida em que promove o bem dos indivíduos que são partes do todo coletivo. Dar primazia às organizações sobre as pessoas é subordinar os fins aos meios. O que sucede quando os fins são subordinados aos meios foi claramente comprovado por Hitler e por Stalin. Sob os seus repugnantes governos, os fins pessoais eram subordinados aos meios da organização devido a uma mistura de violência e de propaganda, terror sistemático e sistemática manipulação de espíritos. Nas mais eficientes ditaduras do futuro haverá, talvez, muito menos violência do que sob Hitler e Stalin. Os súditos do ditador do futuro serão governados sem sofrimentos por um corpo de Engenheiros Sociais altamente instruídos. "O desafio lançado pela engenharia social do nosso tempo", escreve um advogado admirador desta nova ciência, "é como o desafio lançado pela engenharia técnica há cinqüenta anos. Se a primeira metade do século XX foi a era dos engenheiros técnicos, a segunda metade bem pode ser p, era dos engenheiros sociais" – e o século XXI, cálculo, será a era dos Administradores do Mundo, do sistema científico das casas e do Admirável Mundo Novo. À pergunta quis custodiet custodes? – quem montará guarda em volta dos nossos guardas, quem será o engenheiro desses engenheiros? – a resposta é uma suave negação de que eles precisem de qualquer supervisão. Parece ser uma crença concernente, entre os doutorados em sociologia, a de que os doutorados em sociologia jamais serão corrompidos pelo poder. Assim como Sir Galahad, a força deles é semelhante à força de dez porque o seu coração é puro – e o coração deles é puro porque são cientistas e despenderam seis mil horas de aulas sobre

Ciências Sociais.

Ai de nós, a instrução superior não é precisamente uma certeza de virtude superior, ou de superior sabedoria política. E a estes receios originados por causas morais e psicológicas devem acrescentar-se receios de índole puramente científica. Podemos nós aceitar as teorias nas quais os engenheiros sociais assentam a sua prática, e em cujos termos eles justificam a sua condução dos seres humanos? Por exemplo, o Prof. Elton Mayo diz-nos formalmente que "o desejo que o homem experimenta de estar seguidamente associado aos seus semelhantes no trabalho é uma característica humana relevante, senão a mais relevante." Parece-me que isto é obviamente uma inverdade. Algumas pessoas possuem essa espécie de desejo descrito por Mayo; outras não o experimentam. É apenas uma questão de temperamento e de constituição hereditária. Qualquer organização social alicerçada no princípio de que o "homem" (seja qual for o "homem" que possa ser) deseja estar seguidamente associado aos seus semelhantes seria, para muitos homens e muitas mulheres, um leito de Procusta. Seria necessário amputá-los ou levarem-nos ao pelourinho para que se adaptassem a isso.

Depois, como são quimericamente enganadoras as descrições líricas da Idade Média, com as quais muitos teoristas contemporâneos das relações sociais adornam as suas obras! "O fato de pertencer a uma guilda, a um domínio senhorial ou a uma aldeia protegia o homem medieval durante sua vida e oferecia-lhe paz e serenidade." Protegia-o de quê, pode-se saber? Certamente, não de maus tratos que os seus senhores lhe infligiam sem remorsos. E do mesmo modo que toda essa "paz e serenidade" havia, através de toda a Idade Média, uma grande onda de frustração crônica, infelicidade aflitiva e um ressentimento arrebatado contra o rígido e hierárquico sistema que não permitia qualquer movimento vertical rumo ao topo da escala social e, para aqueles que estavam presos à terra, muito pouco movimento horizontal no espaço. As forças impessoais da superpopulação e da superorganização, e os engenheiros sociais que estão tentando

dirigir essa forças, estão a impelir-nos em direção a um novo sistema medieval. Este ressurgimento será mais aceitável do que o original, através de algumas amenidades do Admirável Mundo Novo, tais como o condicionamento pré-natal, o ensino durante o sono e a euforia provocada por drogas; mas, para a maioria dos homens e das mulheres, isso será ainda um tipo de servidão.

.:: 4. A Propaganda Numa Sociedade Democrática ::.

"As doutrinas da Europa", escreveu Jefferson, "diziam que os homens, dentro de associações numerosas, não podiam ser confinados no interior dos limites da ordem e da justiça, a não ser por forças físicas e morais desencadeadas sobre eles por autoridades alheias ao seu querer... Nós (os fundadores da nova democracia americana) cremos que o homem é um animal racional, dotado de direitos pela natureza, e com um sentido inato de justiça, que pode ser obstado de prejudicar, e conservado no bem, através de poderes moderados, confiados a pessoas de sua própria escolha e ligadas aos seus deveres por dependência da sua própria vontade." Para ouvidos pós-freudianos, este tipo de linguagem parece concernentemente extravagante e ingênuo. Os seres humanos são, em grande parte, menos racionais e inatamente justos do que supunham os otimistas do século XVIII. Por outro lado, nem são tão moralmente cegos nem tão incontestemente desrazoáveis como os pessimistas do século XX pretenderam fazer acreditar. A despeito do Id e do Subconsciente, a despeito da neurose endêmica e da supremacia de baixos quocientes de inteligência, a maioria dos homens e das mulheres são, talvez, suficientemente honestos e razoáveis para lhes ser entregue a direção dos seus próprios destinos. As instituições democráticas são preceitos destinados a conciliar a ordem social com a liberdade e a iniciativa individual, e submeter o poder imediato dos governantes de um país ao poder último dos governados. O fato de estes preceitos, na Europa Ocidental e na América, terem funcionado no final das contas, de forma que não foi de todo má, é prova bastante de que os otimistas do século XVIII não se enganaram completamente. Se lhes oferecem oportunidade, os seres humanos podem governar-se a si próprios, e governar-se a si próprios melhor, ainda que talvez com menos eficiência mecânica, do que podem sê-lo por "autoridades alheias à sua vontade". Se lhes oferecem boa oportunidade, repito; porque a oportunidade é um requisito prévio indispensável.

A respeito de nenhum povo que passa abruptamente de um estado de servilismo, sob o governo de uma déspota, para um estado ainda não experimentado de independência política, podes-e dizer que teve um grande ensejo para fazer funcionar as instituições democráticas. Além disso, nenhum povo em condições econômicas precárias tem uma grande oportunidade para estar capaz de governar-se democraticamente a si próprio. O liberalismo prospera numa atmosfera de progresso e declina quando a prosperidade decadente exige do governo a sua intervenção, cada vez mais freqüente e drástica, nos assuntos dos seus súditos. A superpopulação e a superorganização são duas condições que, como já observei, retiram de uma sociedade a boa oportunidade de fazer as instituições democráticas funcionarem efetivamente. Vemos, pois, que há determinadas condições históricas, econômicas, demográficas e tecnológicas que tornam bastante difícil aos animais racionais de Jefferson, dotados pela natureza de direitos inalienáveis e de um sentimento inato da justiça, o exercício da sua razão, a reivindicação dos seus direitos e o agirem de maneira honesta numa sociedade democraticamente organizada. Nós, no Ocidente, tivemos a felicidade inestimável de nos ter sido oferecida boa oportunidade de realizarmos a grande experiência do autogoverno. Infelizmente, parece agora que, devido a transformações recentes do nosso ambiente, essa oportunidade imensamente preciosa está, pouco a pouco, sendo afastada de nós. E isto talvez não seja tudo. Estas forças impessoais cegas não são as únicas inimigas da liberdade individual e das instituições democráticas. Há também forças de outra tendência, menos abstrata, forças que podem ser deliberadamente empregadas por homens ávidos de poder, cujo objetivo seja estabelecerem controle parcial ou total sobre os seus semelhantes. Há cinqüenta anos, quando eu era rapaz, parecia evidente que os maus dias de outrora tinham terminado, que a tortura e o massacre, a escravidão e a perseguição do herético eram coisas do passado. Para as pessoas que usavam chapéu alto, viajavam em trens, e tornavam banho todas as manhãs, tais

horrores estavam simplesmente fora de discussão. Afinal de contas, vivíamos no século XX. Alguns anos mais tarde, estas pessoas que tornavam um banho diário e iam à igreja, de cartola, praticavam atrocidades em grau tal que os Africanos e os Asiáticos, mergulhados nas trevas da ignorância, jamais sonharam. À luz da história recente, seria loucura supor que este estado de coisas não possa voltar a suceder outra vez. Pode e, sem dúvida, sucederá. Mas, num futuro imediato, há alguma razão para acreditarmos que os métodos punitivos de 1984 cederão lugar aos reforços e manipulações do Admirável Mundo Novo.

Há dois tipos de propaganda – propaganda racional a favor da ação que é de acordo com o próprio interesse esclarecido daqueles que a fazem e daqueles a quem é dirigida, e a propaganda não-racional, que não é de acordo com o próprio interesse esclarecido de ninguém, mas que é ditada por e apeia para, paixões, impulsos cegos, desejos ou medos inconscientes. Quando se trata de atas individuais, existem motivos mais elevados do que o interesse próprio bem compreendido, mas quando se trata de uma ação coletiva, no domínio da política e da economia,, o próprio interesse bem compreendido é, talvez, o mais importante dos incentivos. Se os Políticos e seus eleitores procedessem sempre com o objetivo de promover o seu próprio interesse durável, ou o do seu país, este mundo seria um paraíso terrestre. Na verdade, procedem muitas vezes contra o seu próprio interesse, apenas para satisfazer as paixões menos dignas de surpresa; o mundo, por conseqüência, é um vale de lágrimas. A propaganda encaminhada a favor da ação que concorda com o interesse bem compreendido apeia para a razão por meio de indícios lógicos baseados sobre as provas livres mais sólidas, expostas honesta e totalmente. A propaganda a favor da ação inspirada por impulsos que estão abaixo do verdadeiro interesse, apresenta provas falsas, falsificadas ou incompletas, evita os argumentos lógicos e procura influenciar as suas vítimas pela simples repetição de frases feitas, pela denúncia louca de bodes

expiatórios, estrangeiros ou domésticos, e pela associação hábil das paixões mais vis com os mais elevados ideais, de modo tal que são perpetradas atrocidades em nome de Deus e a mais cínica espécie de realpolitik chega a converter em algo como um princípio religioso ou um dever patriótico.

Segundo os princípios de John Dewey, "um rebento de fé na natureza humana comum, nas suas potencialidades em geral, e no seu poder, em particular, de anuir à razão e à verdade, é obstáculo mais seguro contra o totalitarismo do que uma demonstração de êxito material, ou do que a devoção religiosa por uma certa manifestação legal e política." O poder de anuir à razão e à verdade existe em todos nós. Mas, da mesma maneira, infelizmente, também há a tendência para anuirmos à desrazão e à falsidade – particularmente naqueles casos em que a falsidade evoca qualquer emoção deliciosa, ou onde o apelo à desrazão faz vibrar qualquer corda, que lhe corresponde, das profundidades subumanas e primitivas do nosso ser. Em certas atribuições da atividade, os homens aprenderam a responder à razão e à verdade com plena conformidade. Os autores de artigos eruditos não apeiam para as paixões dos seus camaradas cientistas e técnicos. Expõem o que, em sincera consciência, é a verdade sobre qualquer aspecto particular da realidade, utilizam a razão para explicar os fatos que observaram, e sustentam o seu ponto de vista com testemunhos que apeiam para a razão de outras pessoas. Tudo isto é relativamente simples no setor das ciências físicas e da tecnologia. É muito mais difícil no setor da política, da religião e da ética. Aqui, os fatos principais fogem-nos muitas vezes, assim como o significado dos fatos que depende obviamente do sistema particular de idéias em cujos termos deliberamos interpretá-los. E estes não são o.; únicos obstáculos com que topa quem procura a verdade razoavelmente. Na vida pública e privada, sucede muitas vezes que não há apenas tempo para colher os fatos relevantes ou para avaliar a importância deles. Somos forcados a agir firmados em fatos insuficientes e dirigidos por uma luz bem menos refulgente do que a da lógica. Com a

melhor das boas vontades do mundo, nem sempre podemos ser totalmente verdadeiros ou logicamente racionais. Tudo o que está ao nosso alcance é sermos tão verdadeiros e racionais quanto as circunstâncias o permitam, e reagirmos como pudermos à limitada verdade e aos raciocínios imperfeitos, oferecidos à nossa consideração por outros.

"Se uma nação diz-se ignorante e livre", disse Jefferson, "espera o que nunca foi e nunca será... As pessoas nunca podem estar em segurança sem informação. Onde a Imprensa é livre, e cada homem capaz de ler, tudo está salvo." Do outro lado do Atlântico, na mesma época, outro crente exaltado da razão, pensava em termos quase precisamente iguais. Observe-se o que John Stuart Mill escrevia a respeito de seu pai, o filósofo utilitarista James Mill. "Tão completa era a sua confiança no domínio da razão sobre o espírito humano, sempre que lhe é dada a possibilidade de o atingir, que percebia que tudo estaria salvo se toda a população fosse capaz de ler e se permitisse-se que toda espécie de opiniões fosse dirigida aos homens pela palavra ou pela escrita, e se, pelo voto, os homens pudessem eleger uma legislatura que efetuasse as opiniões que tivessem adotado." Tudo está salvo, tudo estaria ganho! Mais uma vez, ouvimos a voz do otimismo do século XVIII. É verdade que Jefferson era tão realista quanto otimista. Sabia, por amarga experiência, que da liberdade de Imprensa pode-se abusar escandalosamente. Jefferson declarou : "Em nada do que se lê num jornal pode-se acreditar atualmente". Contudo, Jefferson afirmava (e nós só devemos concordar com ele), que "nos limites da verdade, a Imprensa é uma nobre instituição, igualmente amiga da ciência e da liberdade civil." A comunicação com as massas, em uma palavra, não é boa nem má; é simplesmente um poder e, como qualquer outro poder, pode ser bem ou mal empregado. Utilizados de uma maneira, a Imprensa, o rádio e o cinema são imprescindíveis para a sobrevivência da democracia. Utilizados de modo diverso, encontram-se entre as armas mais poderosas do arsenal dos ditadores. No campo da comunicação com as massas,

como em quase todos os demais campos da indústria humana, o progresso técnico lesou os Pequenos e favoreceu os Grandes. Há apenas cinqüenta anos, todos os países democráticos orgulhavam-se do grande número de pequenos jornais e diários locais. Milhares de editoriais expressavam milhares de opiniões independentes. Por toda parte imprimia-se praticamente o que quisesse. Hoje, a Imprensa é ainda legalmente livre; mas a maioria desses pequenos jornais desapareceu. O custo do papel, das máquinas das modernas tipografias e das agências de informação, é muito elevado para os Pequenos. No Leste totalitário há uma censura política, e os meios de comunicação com as massas são controlados pelo Estado. No Ocidente democrático há a censura econômica e os meios de comunicação com o povo são controlados pela "Elite do Poder". A censura, através do aumento das despesas e a concentração do poder de comunicação nas mãos de alguns grandes organismos, é menos censurável do que o monopólio do Estado e a propaganda governamental; mas não é, com certeza, algo que um democrata jeffersoniano deva aprovar.

No que diz respeito à propaganda, os primeiros defensores da instrução obrigatória e de uma Imprensa livre só enfrentavam duas possibilidades : a propaganda podia ser verdadeira ou falsa. Não previam o que realmente sucedeu, principalmente nas nossas democracias capitalistas acidentais – o crescimento de uma vasta indústria de comunicações com as massas, que na sua maior parte não se preocupa nem com o verdadeiro nem com o falso, mas com o irreal, o mais ou menos totalmente irrelevante. Numa palavra, não levaram em conta o quase infinito apetite humano de distrações.

No passado, a maioria das pessoas nunca teve oportunidade de satisfazer completamente este apetite. Desejavam demais distrações, mas não lhas forneciam. O Natal só surgia uma vez por ano, as festas eram "solenes e raras", havia poucos leitores e muito pouco que ler, e o que havia mais aproximado de um cinema de bairro era a igreja paroquial, onde os espetáculos, se

bem que freqüentes, eram bastante monótonos. Para encontrar condições, mesmo de longe comparáveis às atualmente existentes, temos de recuar até à Roma Imperial, onde o povo era mantido de bom humor graças a doses repetidas e gratuitas das mais variadas distrações – desde os dramas em verso até os combates dos gladiadores, desde recitais de Virgílio até os combates de pugilismo, desde festivais de música até paradas militares e execuções públicas. Mas, mesmo em Roma, não havia nada de semelhante à distração contínua agora fornecida por jornais e magazines, pelo rádio, televisão e cinema. No Admirável Mundo Novo, as distrações contínuas da mais fascinante natureza são deliberadamente empregadas como instrumentos de governo, com a finalidade de obstar o povo de prestar demasiada atenção às realidades da situação social e política. O mundo da religião é diferente do mundo do divertimento; mas parecem-se um com o outro por, decididamente, "não serem deste mundo". Ambos são divertimentos e, se vivemos neles de forma excessivamente contínua, ambos podem tornars-e, segundo a frase de Marx, "o ópio do povo", tornando-se assim uma ameaça à liberdade. Só uma pessoa vigilante consegue conservar a liberdade, e apenas os que estão constante e inteligentemente despertos podem alimentar a esperança de se governar a si próprios eficazmente por meios democráticos. Uma sociedade, cuja maioria dos membros dissipa uma grande parte do seu tempo não na vigília, não aqui e agora e no futuro previsível, mas em outra parte, nos outros mundos irrelevantes do prazer e das obras superficiais, da mitologia e da fantasia metafísica, terá dificuldade em resistir às investidas daqueles que quiserem orientá-la e controlá-la.

Na sua propaganda, os ditadores atuais limitam-se, na maioria das vezes, à repetição, supressão e racionalização – repetição de estribilhos que pretendem sejam aceitos como verdades, à supressão de fatos que eles pretendem sejam ignorados, ao desencadeamento e à racionalização de paixões que podem ser aplicadas nos interesses do Partido ou do Estado. Quando a arte e a ciência da manipulação vierem a ser mais bem

conhecidas, os ditadores do futuro aprenderão, sem dúvida, a combinar estas técnicas com as distrações ininterruptas que, no Ocidente, ameaçam agora submergir num mar de irrelevância a propaganda racional indispensável à manutenção da liberdade individual e à sobrevivência das instituições democráticas.

.:: 5. A Propaganda Sob Uma Ditadura ::.

No seu processo após a Segunda Guerra Mundial, Albert Speer, ministro do Armamento de Hitler, pronunciou um longo discurso em que, com considerável argúcia, descrevia a tirania nazista e analisava-lhe os métodos. "A ditadura de Hitler", disse, "diferençou, num ponto fundamental, de todas as que a antecederam historicamente. Foi a primeira ditadura no presente período do progresso técnico moderno, uma ditadura que aplicou um uso total de todos os recursos técnicos para dominar o seu próprio país. Através de artifícios técnicos como o rádio e o alto-falante, oitenta milhões de pessoas foram privadas da liberdade de pensar. Desta maneira foi possível sujeitá-las ao desejo de um homem... Os ditadores que antecederam Hitler necessitavam de assistentes altamente qualificados mesmo nos escalões mais inferiores – homens que podiam pensar e agir de maneira totalmente livre. O sistema totalitário, no período do moderno desenvolvimento técnico, pode dispensar tais homens; graças a métodos modernos de comunicação, é possível mecanizar a direção dos escalões inferiores. Em conseqüência disto, surgiu o tipo atual do homem que recebe ordens e se abstém de críticas."

No Admirável Mundo Novo da minha profética ficção, a tecnologia avançou para muito além do ponto a que chegara no tempo de Hitler; em conseqüência, os que receberam ordens eram muito menos críticos do que os seus semelhantes nazistas, muito mais submissos à "elite" dirigente. Apesar disso, foram padronizados geneticamente e condicionados após o nascimento, de forma a realizarem as suas funções subalternas e, portanto, a comportarem-se de maneira tão previsível como máquinas. Conforme veremos noutro capítulo, este condicionamento dos "escalões inferiores" já é praticado nas ditaduras comunistas. Os Chineses e os Russos não se prendem meramente aos efeitos indiretos da tecnologia que sempre progride; trabalham diretamente nos organismos psicofísicos dos subordinados mais inferiores submetendo corpos e espíritos a um sistema de

moderação inflexível e, sob todos os aspectos, altamente eficiente. "Quantos homens", disse Speer, "têm sido obsediados pela pesadelo de que as nações pudessem ser um dia dominadas por meios técnicos. Esse pesadelo foi quase. concretizado pelo sistema totalitário de Hitler." Quase, mas não totalmente. Os nazistas não tiveram tempo – e talvez não tivessem inteligência e os necessários conhecimentos – para fazer lavagens cerebrais e condicionar os seus escalões inferiores. Talvez seja este um dos motivos do seu fracasso.

Desde o tempo de Hitler, o arsenal de dispositivos técnicos à disposição do aspirante a ditador foi consideravelmente aumentado. Além do rádio, do alto-falante, do cinema e das grandes rotativas, o publicista contemporâneo pode empregar a televisão para transmitir a imagem, assim como a voz, do seu cliente, e pode registrar tanto a voz como a imagem nos carretéis das fitas magnéticas. Graças ao progresso técnico, o Grande Irmão pode ser agora quase tão onipresente como Deus. E não é apenas na atribuição da técnica que a mão do aspirante a ditador recebeu novas forças. Desde o tempo de Hitler, têm-se realizado trabalhos notáveis nos campos da psicologia e da neurologia aplicadas, que são o campro próprio do propagandista, do doutrinador e do lavador de cérebros. Antigamente, estes especialistas na arte de transformar os espíritos dos homens eram empiristas. Através ele um método de aproximações constantes tinham apurado um determinado número de técnicas e métodos, que usavam com grande proveito sem, contudo, conhecerem necessariamente por que eram capazes. Hoje, a arte de controlar os espíritos está em vias de tornar-se uma ciência. Os praticantes desta ciência sabem o que estão fazendo e por quê. São guiados na sua obra por meio e hipóteses firmemente estabelecidas sobre uma grande massa de fatos experimentalmente constatados. Graças a novos pontos de vista, e a novas técnicas tornadas possíveis por esses novos pontos de vista, o pesadelo que foi "quase concretizado no 'sistema totalitário de Hitler" não tardará talvez a ser totalmente realizável.

Mas antes de discutirmos estes novos pontos de vista e estas novas técnicas, demos uma vista de olhos no pesadelo que quase se concretizou na Alemanha nazista. Quais eram os métodos aplicados por Hitler e Goebbels para "privarem oitenta milhões de pessoas da liberdade do pensamento e para sujeitarem-nas à vontade de um homem"? E qual seria a teoria e sobre qual natureza humana estes métodos terrivelmente bem ocorridos estavam baseados? Podemos encontrar a maioria das respostas a estas perguntas nas próprias palavras de Hitler. E como essas palavras são notavelmente claras e sagazes! Quando escreve acerca de devaneios tão amplos como Raça, História e Providência, Hitler é estritamente ilegível. Mas, quando escreve acerca das massas alemãs e dos meios que empregou para dominá-las e dirigi-las, o seu estilo se transforma. A ausência de sentido dá lugar ao sentido, as frases espalhafatosas cedem lugar a uma lucidez amarga e cínica. Nas meditações filosóficas, Hitler sonhava acordado ou traduzia idéias fumarentas e um tanto cruas de outras pessoas. Nas suas notas sobre as multidões e a propaganda Hitler escrevia sobre coisas que conhecia por experiência direta. Segundo as palavras do seu excelente biógrafo, Alan Bullock, "Hitler era o maior demagogo da história." Aqueles que acrescentam "não além de um demagogo" falham na apreciação da natureza do poder político numa época de política de massas. Como ele próprio dizia, "Ser um dirigente significa estar apto a mover as massas". O objetivo de Hitler era, primeiramente, mover as massas e após, tendo-as arrancado às suas fidelidades e moralidades tradicionais, impunha-lhes (com o consentimento hipnotizado da maioria) uma nova ordem autoritária, de sua própria inventiva. "Hitler", escrevia Herman Rauschning em 1939, "tem uma profunda reverência pela Igreja Católica e pela ordem dos Jesuítas; não devido à sua doutrina cristã, mas devido ao "maquinismo" que eles elaboraram e controlaram, o seu método hierárquico, as suas táticas bastante hábeis, o seu profundo conhecimento da natureza humana e o sagaz uso da fraqueza humana para dominarem os crentes."

Clericalismo sem Cristianismo, a disciplina de uma regra monástica, não para maior glória de Deus ou para execução da salvação pessoal, mas para glória do Estado e para maior glória e poder do demagogo convertido em dirigente político – tal era o fim para que tendia a direção sistemática das massas.

Vamos ver o que julgava Hitler das massas que dirigia, e como as movimentava. O princípio fundamental de que partia era um julgamento de valor : as massas são absolutamente desprezíveis. São incapazes de pensamento concentrado e desinteressadas de qualquer caso que ultrapasse a sua experiência direta. O seu comportamento é regulado, não pelo conhecimento e pela razão, mas por sensibilidades e impulsos inconscientes. É nestes impulsos e sensibilidades que "as raízes das suas atitudes, tanto positivas como negativas, estão implantadas". Para obter êxito, um propagandista deve aprender a dirigir estes instintos e emoções. "A força de impulsão que ocasionou as revoluções mais terríveis do mundo nunca foi um corpo de ensinamentos científicos que estendesse a sua influência sobre as massas, porém foi sempre uma afeição que as inspirou, e muitas vezes como uma histeria que as impulsionou para a ação. Quem pretenda arrastar as multidões deve conhecer a chave que lhes abre a porta dos corações". – Em termo pós-freudiano, do seu inconsciente.

Hitler lançou o seu mais forte apelo àqueles membros da pequena burguesia que foram arruinados pela inflação de 1923, e depois arruinados novamente pela depressão de 1929 e dos anos seguintes. "As massas" de que falava eram estes milhões de pessoas desnorteadas, frustradas e inveteradamente ansiosas. Para os tornar mais "massa", mais identicamente subumanos, Hitler reunia-os, por milhares e dezenas de milhares, em recintos e anfiteatros vastos onde os indivíduos normalmente perdiam a identidade pessoal, até mesmo a sua humanidade elementar, e fundiamse com a multidão. Um homem ou uma mulher tornam contato direto com a sociedade de duas maneiras : como membro de um grupo familiar, profissional ou religioso, ou como membro de uma multidão. Os grupos são capazes de ser tão morais e

inteligentes como os elementos que os formam; uma multidão é desordenada, não tem objetivo próprio, e é capaz de qualquer desatino com exceção de ação inteligente e de pensamento realista. Agrupadas numa multidão, as pessoas perdem o poder de raciocínio e a capacidade da escolha moral. A sugestibilidade pode ser fomentada até o ponto em que cessam de ter qualquer juízo ou vontade própria. Tornam-se excitáveis, perdem todo o senso de responsabilidade individual ou coletiva, são sujeitos a acessos súbitos de ódio, de entusiasmo e de pânico. Numa palavra, uma pessoa numa multidão comporta-se como se tivesse tomado uma grande dose de tóxico. É uma vítima do que eu denominei "envenenamento gregário". Como o álcool, o veneno gregário é uma droga ativa e estimulante. Os membros de uma multidão intoxicada fogem à responsabilidade, à inteligência e à moralidade, e entram numa espécie de animalidade frenética e alienada.

Durante a sua longa carreira de agitador, Hitler estudou os efeitos do veneno gregário e aprendeu a expiá-los em benefício dos seus próprios fins. Descobriu que o orador pode apelar para aquelas "forças ocultas" que provocam as ações dos homens, muito mais eficientemente do que o escritor. Ler é uma ocupação privada e não coletiva. O escritor dirige-se apenas a indivíduos, sentados em suas casas, num estado de sobriedade normal. O orador fala para massas de indivíduos, já bastante contaminados pelo "veneno gregário". Estão à sua mercê e, se conhece bem o seu ofício, pode fazer deles o que lhe agradar. Como orador, Hitler conhecia o seu ofício de forma elevada. Era capaz, segundo as suas próprias declarações, "de seguir a indicação da grande massa de maneira tal que, a partir da emoção viva dos seus ouvintes, era-lhe sugerida a palavra adequada de que necessitava e, por sua vez, esta ia direta ao coração dos seus ouvintes." Otto Strasser denominou-o "um alto-falante, proclamando os desejos mais íntimos, os instintos menos admissíveis, os sofrimentos e revoltas pessoais de todo um país". Vinte anos antes da Madison Avenue se ter lançado na "Investigação das Motivações", Hitler

explorava e utilizava metodicamente os temores e esperanças íntimas, os desejos, as ansiedades e frustrações das massas alemãs. É pelo manuseio de "forças ocultas" que os versados em publicidade nos induzem a comprar-lhes os produtos – um dentifrício, uma marca de cigarros, um candidato político. E foi recorrendo para as mesmas forças ocultas – e para outras demasiado perigosas para que a Madison Avenue tornasse contato com elas – que Hitler levou as massas alemãs a comprarem elas própria um Fuehrer, uma filosofia insana e a Segunda Guerra Mundial.

Ao contrário das massas, os intelectuais têm gosto pela ponderação e interesse pelos acontecimentos. O espírito de critica torna-os resistentes ao tipo de propaganda que tão bem atua sobre a multidão. Entre as massas "o instinto é o senhor supremo, e do instinto vem a fé... Enquanto os indivíduos sãos do povo cerram automaticamente fileiras para formar uma comunidade de pessoas" (sob um dirigente, é desnecessário dizê-la), "os intelectuais tentam vários caminhos, assim como galinhas debicam o chão do galinheiro. Com eles não se pode fazer a História; não podem ser empregados como elementos componentes de uma comunidade." Os intelectuais são o tipo de pessoas que exigem provas e ficam melindrados pelas inconsistências lógicas e pelos falatórios. Olham a supersimplificação como o pecado original do espírito e não fazem qualquer uso de slogans, de afirmações categóricas e generalizações abusivas que são o repertório do publicista. "Toda propaganda efetiva", escreveu Hitler, "deve resumir-se ao estritamente indispensável e deve, portanto, exprimir-se em meia dúzia de fórmulas estereotipadas." Estas fórmulas estereotipadas devem ser constantemente marteladas porque "só pela repetição constante conseguir-se-á imprimir finalmente uma idéia na memória de uma multidão." A filosofia nos ensina a sentirmo-nos indecisos sobre coisas que nos parecem evidentes por si mesmas. A propaganda, no extremo oposto, nos ensina a aceitar como por si mesmo evidente aquilo de que seria razoável duvidar

ou sustar o nosso juízo. O propósito do demagogo é criar a coesão social sob o seu próprio comando. Mas, como Bertrand Russel observou, "sistemas dogmáticos sem fundamentos empíricos, tais como a Escolástica, o Marxismo e o Fascismo, apresentam a vantagem de gerar uma grande dose de coerência social entre os seus adeptos". O propagandista demagógico deve, portanto, ser regularmente dogmático. Todas as suas afirmações são feitas de modo explícito. Na sua visão do mundo não há atenuantes, as coisas ou são diabolicamente pretas ou celestialmente brancas. Segundo as próprias declarações de Hitler, o propagandista deve tomar "uma atitude sistematicamente parcial em relação aos problemas de que cuidar." Jamais deve admitir que tenha errado ou que as pessoas que defendem um ponto de vista diferente possam ter parcialmente razão. Não se deve altercar com adversários; serão atacados, reduzidos ao silêncio, ou, se se tornam demasiado prejudiciais, liquidados. O intelectual com demasiados escrúpulos morais pode ficar melindrado com este tipo de coisas. Mas as massas estão sempre convictas de que "o direito está do lado do agressor ativo."

Tal era, pois, a opinião de Hitler sobre a humanidade nas massas. É uma opinião muito vil. Era, por sua vez, uma opinião incorreta? A árvore é conhecida pelos seus frutos, e uma teoria sobre a natureza humana que inspirou o tipo de técnicas que se provaram tão medonhamente eficazes deve conter, pelo menos, um elemento de verdade. A virtude e a inteligência pertencem aos seres humanos como indivíduos livremente interligados com outros indivíduos em pequenos grupos. O pecado e a imbecilidade também. Mas a ausência subumana de espírito a que o demagogo dirige o seu apelo, a imbecilidade moral em que se apoia quando induz as suas vitimas à ação, são características não dos homens e das mulheres como indivíduos, mas dos homens e das mulheres em multidão. A ausência de espírito e a estupidez moral não são atributos especificamente humanos; são sinais de envenenamento gregário. Nas mais altas religiões de todo o mundo, a salvação e a iluminação são para os indivíduos. O reino

dos céus está no íntimo de uma pessoa, não dentro da demência coletiva de uma multidão. Cristo prometeu estar presente onde dois ou três se encontrassem reunidos. Nada disse sobre a sua presença onde milhares de pessoas se envenenam umas às outras com tóxico gregário. Sob os nazistas, grandes grupos de pessoas eram forçadas a despender muito tempo marchando em filas cerradas do ponto A para o ponto B e outra vez para trás, de B para A. "Este desvelo em pôr toda, a população em marcha parecia uma insensata perda de tempo e de energia. Só muito mais tarde", diz Hermann Rauschning, "é que se descobriu nisso uma intenção engenhosa, baseada numa bem considerada adaptação dos fins e dos meios. Marchar diverte o pensamento humano. A marcha distrai o pensamento. A marcha põe um fim à individualidade. A marcha é o passe de mágica indispensável com o objetivo de habituar o povo a uma atividade mecânica, quase ritual, até que se torne uma segunda natureza."

Do seu ponto de vista e até o nível que escolheu para realizar a sua terrível obra, Hitler tinha perfeita razão na sua opinião sobre a natureza humana. Nós que olhamos os homens e as mulheres como pessoas mais do que como indivíduos do povo, ou coletividades arregimentadas, julgamos que ele tenha se enganado redondamente. Numa época de superpopulação crescente, de crescente superorganização e de meios de comunicação cada vez mais eficientes com as massas, como podemos manter intacta a integridade e reafirmar o valor do ser humano individual? Eis uma questão que ainda pode ser levantada e que seja talvez possível resolver de maneira eficaz. Daqui a uma geração poderá ser demasiado tarde para se encontrar uma resposta, e talvez seja até impossível, no asfixiante ambiente coletivo dessas épocas futuras, suscitar o problema.

.:: 6. As Artes de Vender ::.

A sobrevivência da democracia depende da capacidade de grandes maiorias para fazerem escolhas de modo realista à luz de uma informação sólida. Uma ditadura, pelo contrário, mantém-se censurando ou deturpando os fatos, e apelando, não para a razão, não para o interesse próprio esclarecido, mas para a paixão e para o convencionalismo, para as poderosas "forças ocultas", como Hitler as denominava, presentes nas profundezas inconscientes de cada espírito humano.

No Ocidente, os princípios democráticos são proclamados, e muitos propagandistas capazes e conscienciosos fazem o possível para prestar aos leitores informações concretas e convencê-los, por meio de argumentos racionais, a fazerem escolhas realistas à luz dessa informação. Tudo isso é ótimo. Mas, infelizmente, a propaganda, nas democracias acidentais, especialmente na América, apresenta duas faces e uma personalidade dividida. Como chefe de redação encontra-se muitas vezes um democrático Dr. Jekyll – um publicista que seria muito feliz se conseguisse provar que John Dewey tinha razão quando falava acerca da aptidão da natureza humana para reagir à verdade e à razão. Mas este estupendo homem só dirige uma parte do maquinismo de comunicação com as massas. No serviço de publicidade temos pela frente um antidemocrático, porque anti-racionalista Sr. Hyde – ou antes um Dr. Hyde, porque Hyde é agora doutorado em psicologia e tem, outrossim, uma licenciatura em Ciências Sociais. Este Dr. Hyde seria de fato muito infeliz se as pessoas se mostrassem sempre dignas da confiança que John Dewey depositava na natureza humana. Verdade e razão formam parte das atribuições de Jekyll, não das suas. Hyde é um analista das Motivações, e a sua função é estudar as fraquezas e falhas humanas, investigar estes desejos e medos inconscientes pelos quais é analisado o pensamento consciente e o comportamento exterior de tantos homens. E fá-lo, não com o espírito do moralista que gostaria de tornar melhores as pessoas, ou do

médico que gostaria de lhes melhorar a saúde mas tão só com o fim de assegurar a melhor maneira de usufruir vantagens da sua ignorância e de explorar-lhes a irracionalidade em benefício pecuniário dos seus patrões. Mas depois de tudo, pode afirmar-se que "o capitalismo está morto, e o consumidor é rei" – e o consumidor requer os préstimos do técnico de vendas especializado em todas as artes (incluindo as artes mais capciosas) de persuasão. Sob o sistema da livre concorrência, a propaganda comercial por todos e quaisquer meios é absolutamente indispensável. Mas o indispensável não é indispensavelmente o desejável. O que é seguramente bom na esfera da economia, pode estar muito longe de ser bom para os homens e mulheres como eleitores ou até como seres humanos. Uma geração precedente, mais impregnada de moral, teria ficado profundamente melindrada pelo franco cinismo dos Analistas de Motivações. Lemos hoje um livro como The Hidden Persuaders do sr. Vance Packard e sentimo-nos mais divertidos do que horrorizados, mais resignados do que indignados. Dado Freud, dada a Psicologia do Comportamento, dada a necessidade arraigadamente desesperada que o produtor em massa necessita de um consumo em massa, é o gênero de coisa que devemos esperar. Mas qual é, podemos perguntar, o tipo de coisa que devemos esperar para o futuro? São as atividades de Hyde conciliação a longo prazo com as de Jekyll? Pode uma campanha a favor da racionalidade obter êxito quando apanhada nas mandíbulas de outra, e ainda 'mais vigorosa, campanha em prol da irracionalidade? 'país são as perguntas que, no momento, não tentarei responder, porém deixarei pendentes, por assim dizer, a fim de que sirvam de pano de fundo para a nossa discussão dos meios de persuasão em massa numa sociedade democrática tecnologicamente avançada.

A função de um propagandista comercial numa sociedade democrática é, sob alguns ângulos, mais fácil e, sob outros, mais difícil do que a de um propagandista político encarregado por um ditador já constituído ou por um ditador em vias de se estabelecer. É mais fácil à medida em que quase todo o povo tem,

de início, um preconceito favorável em relação à cerveja, a cigarros e a frigoríficos, ao passo que quase ninguém tem qualquer convencionalismo a favor de tiranos. É mais difícil à medida em que não é consentido a um propagandista comercial, pelas normas do seu jogo profissional, apelar para os instintos mais selvagens do seu público. O agente de publicidade de laticínios bem que gostaria de dizer aos leitores e ouvintes que todas as suas infelicidades são originadas pelas maquinações de um horrível bando internacional de fabricantes de margarina, sem qualquer tipo de fé religiosa, e que é sua obrigação patriótica marchar contra as fábricas dos opressores e incendiá-las. Este tipo de coisas, todavia, é deixado de lado, e tem de contentar-se com algo de mais comedidamente aproximado. Mas essa aproximação comedida é menos estimulante do que a violência verbal e física. A longo termo, a cólera e o ódio são emoções que se exterminam. Mas a curto prazo apresentam altos dividendos, sob a forma de satisfações psicológicas e até (dado que libertam grandes quantidades de adrenalina e noradrenalina) fisiológicas. As pessoas podem iniciar com um convencionalismo inicial contra os tiranos; porém quando os tiranos ou aspirantes a tais lhes fornecem uma propaganda libertadora de adrenalina sobre a ignomínia dos seus inimigos – principalmente dos inimigos suficientemente fracos para poderem ser perseguidos – estão prontos a segui-lo com entusiasmo. Nos seus discursos, Hitler não cessava de martelar palavras violentas como "ódio", "força", "impiedade", "esmagar", "despedaçar"; e acompanhava estes termos violentos com gestos ainda mais violentos. Urrava, vociferava, as veias inchavam-lhe, tornava-se arroxeado. As emoções fortes (como todos os atares e dramaturgos sabem) contagiam no mais alto grau. Contaminada pelo frenesi funesto do orador, a assistência gemia, soluçava e urrava, numa orgia de paixão desenfreada. E estas orgias provocavam tal deleite que muitos daqueles que as provavam pediam avidamente mais. Quase todos desejamos a paz e a liberdade; mas somos poucos a ter entusiasmo pelos pensamentos, sentimentos e ações que

concorrem para a paz e para a liberdade. Analogamente, quase ninguém deseja a guerra e a tirania; contudo grande parte das pessoas encontra prazer intenso nos pensamentos, sentimentos e ações que concorrem para a guerra e para a tirania. Estes pensamentos, sentimentos e ações são demasiado perigosos quando explorados com finalidades comerciais. Aceitando esta desvantagem, o técnico de publicidade obterá o máximo de resultados com um mínimo de emoções menos venenosas, com as formas mais tranqüilas de irracionalidade.

Uma propaganda eficiente e racional só se torna possível quando há uma compreensão clara, por parte de todos a quem é dirigida, da natureza dos símbolos e das suas relações com as coisas e com os fatos representados. A eficiência da propaganda irracional depende de uma derrocada geral na compreensão da natureza dos símbolos. Os simples de espírito têm a propensão a igualar o símbolo com o que ele representa, a atribuir às coisas e aos fatos algumas das qualidades manifestadas por palavras que o propagandista escolheu para dissertar sobre eles, em função dos seus próprios fins. Consideremos um simples exemplo. Muitos cosméticos são feitos de lanolina, que é uma fusão de gordura extraída da lã de carneiro e de água, fusão agitada em emulsão. Esta emulsão apresenta muitas propriedades salutares : penetra a pele, não rança, é ligeiramente anti-séptica, etc. Mas os propagandistas comerciais 'nada dizem a respeito das genuínas virtudes da emulsão. Dão-lhe um nome pitorescamente deleitoso, falam arrebatada e incorretamente da beleza feminina, e exibem figuras de louras sensuais cuidando dos seus tecidos cutâneos com um trófico da pele. "Os produtores de cosméticos", escreveu um deles, "não estão vendendo lanolina, estão vendendo esperança." Por esta esperança, por esta fraudulenta promessa tácita de serem transfiguradas, as mulheres pagarão dez ou vinte vezes o valor da emulsão que os propagandistas expuseram tão habilmente, por meio de sinais enganadores, a uma ambição feminina profundamente enraizada e quase universal – a ambição de ser mais atraente aos indivíduos do sexo oposto. Os princípios

atinentes a esta espécie de propaganda são extremamente simples. Encontrar uma ambição generalizada, um receio ou uma ansiedade inconsciente bastante geral; encontrar um meio de relacionar este desejo ou medo com o produto que se tem para vender; construir, depois, uma ponte de símbolos verbais ou visuais sobre o qual o cliente possa passar da realidade a um sonho compensatório, e do sonho à ilusão de que o seu produto, quando procurado, fará que o sonho se torne realidade. "Já não compramos laranjas, compramos vitalidade, já não compramos um automóvel, compramos prestígio." E assim sucessivamente. Com um dentifrício, por exemplo, adquirimos, não um mero anti-séptico ou um produto de higiene, mas sim a libertação do medo de sermos sexualmente repulsivos. Com o "vodka" ou o "whisky" não adquirimos um veneno protoplásmico que, em pequenas doses, pode afetar o sistema nervoso de maneira psicologicamente valiosa; estamos adquirindo amizade e boa camaradagem, o calor de Dingley Deli e o brilho da Mermaid Tavem. Com os nossos laxantes adquirimos a saúde de um deus grego, o brilho radiante de uma ninfa de Diana. Com o heortseller do mes adquirimos cultura, a inveja dos vizinhos menos ilustrados e a admiração dos que são intelectuais. Em cada um dos casos, o analista de motivações encontrou um desejo ou receio fundamente enraizado, cuja energia pode ser aplicada para levar o consumidor a distribuir dinheiro e assim, de maneira indireta, a fazer girar as rodas da indústria. Armazenada nos espíritos e nos corpos de inúmeros indivíduos, esta energia potencial é liberada e transmitida por uma linha de símbolos cuidadosamente disposta de modo a evitar a racionalidade e a ofuscar a verdadeira questão.

Por vezes, os símbolos adquirem efeito por serem desigualmente impressivos, obsessivos e por si mesmos fascinantes. São deste tipo os ritos e as pompas da religião. Estas "belezas sagradas" fortalecem a fé, onde já haja fé e, onde não há fé, contribuem para a conversão. Apelando, como apeiam, apenas para o sentido estético, não confirmam a verdade nem o valor

ético das doutrinas a que foram, de maneira muito arbitrária, associadas. Num plano de verdade histórica, as belezas sagradas foram muitas vezes igualadas e até ultrapassadas pelas belezas profanas. Com Hitler, por exemplo, as reuniões anuais em Nuremberg eram obras-primas de arte ritual e teatral. "Passei seis anos em S. Petersburgo, antes da guerra, nos melhores dias do velho bailado russo", escreveu Sir Neville Henderson, o embaixador inglês na Alemanha de Hitler, "porém nunca vi um bailado que se comparasse em beleza ao congresso de Nuremberg." Pensase em Keats – "a beleza é a verdade, a verdade é a beleza". Aí, a identidade só existe num plano último, supra-terrestre. Nos planos político e teológico, a beleza é perfeitamente conciliável com o sem sentido e a tirania. O que é aliás uma sorte, porque se a beleza fosse incompatível com o absurdo e com a tirania haveria muito pouca arte neste mundo. As obras-primas de pintura, de escultura e de arquitetura foram feitas como propaganda religiosa ou política, para maior glória de um deus, de um governo ou de um clero. Porém muitos reis e sacerdotes foram despóticos e todas as religiões foram assinaladas pela superstição. O gênio foi servidor da tirania e a arte fez a propaganda dos méritos do culto local. O tempo, à medida que escoa, separa a boa arte da má metafísica. Podemos nós aprender a fazer esta distinção, não depois do acontecimento, mas enquanto ele está por realizar-se? Eis o problema.

Na propaganda comercial, o princípio do símbolo desmedidamente fascinante é claramente compreendido. Cada propagandista tem a sua Seção de Arte, e constantemente são feitas tentativas com o objetivo de se embelezarem os painéis publicitários com cartazes sedutores, as páginas de anúncios dos magazines com desenhos e fotografias repletos de vida. Não aparecem obras-primas, porque as obras-primas são visam a um público muito limitado, e a propaganda comercial é destinada a cativar a maioria. Para a propaganda comercial, o ideal é uma mediania excelente. Aqueles que prezam esta arte, não demasiado boa mas suficientemente cativante, decerto apreciarão os

produtos a que ela foi associada e que tal arte representa simbolicamente.

Outro símbolo desmedidamente fascinante é o "Canto Comercial". Os Cantos Comerciais são uma invenção recente; porém o Canto Teológico e o Canto Religioso – o hino e o salmo – são tão antigos como a própria religião. Os Cantos Militares, ou marchas, são contemporâneos da guerra, e os Cantos Patrióticos, os precursores dos nossos hinos nacionais, eram certamente empregados com o objetivo de promover a solidariedade do grupo, para acentuar a distinção entre "nós" e "eles", pelos bandos nômades de caçadores do paleolítico e pelos coletores de alimentos. Para a maioria das pessoas, a música é intimamente atraente. Além disso, as melodias tendem a gravar-se por si mesmas no espírito do ouvinte. Uma ária pode molestar a memória durante uma vida inteira. Eis, por exemplo, uma afirmação ou um juízo de valor de pouco interesse. Tal como é dito, ninguém lhe dará atenção. Mas colocai agora as palavras numa ária eletrizante e de fácil recordação. Tornam-se de imediato palavras poderosas. Outrossim, as palavras terão tendência a se repetir automaticamente toda vez que a melodia for ouvida ou recordada espontaneamente. Orfeu aliou-se com Pavlov – o poder dos sons com o reflexo condicionado. Para o prapagandista comercial, como para os seus companheiros da política e da religião, a música possui ainda outra vantagem. Os absurdos que seria vergonhoso para um ser humano escrever, dizer ou ouvir dizer, podem ser cantados ou ouvidos pelo mesmo ser humano, com prazer, e até com uma certa convicção intelectual. Podemos nós aprender a isolar o prazer de cantar ou de ouvir cantar e a propensão demasiado humana para crer na propaganda que a canção encobre? Eis novamente o problema.

Graças ao estudo obrigatório e às rotativas, o propagandista conseguiu, há muitos anos, fazer chegar as suas mensagens quase a todos os adultos, em todo país civilizado. Hoje, graças ao rádio e à televisão, o propagandista acha-se na feliz posição de ser capaz de comunicar até com os adultos e crianças ainda não

instruídas.

As crianças, como é de se esperar, são muito sensíveis à propaganda. Desconhecem o mundo e seus costumes, e estão, portanto, totalmente desprevenidas. As suas faculdades críticas não estão desenvolvidas. Os mais novos ainda não alcançaram a idade da razão e aos mais velhos falta-lhes a experiência sobre a qual a sua recém-descoberta faculdade de raciocinar poderia agir efetivamente. Na Europa, era costume designar em tom jocoso os recrutas pela expressão "carne para canhão". Os seus irmãozinhos e irmãzinhas transformaram-se, agora, em carne para a televisão ou para o rádio. Na minha infância ensinavam-nos a cantar canções infantis e, nas famílias religiosas, hinos. Hoje as crianças sussurram Cantos Comerciais. O que é melhor – "Rheingold é a minha cerveja, a cerveja que mata a sede", ou "Foi na loja do Mestre André..."? "Deus nos chama, é nossa a hora" ou "Dentes brancos e sadios, só com a pasta Pepsodent"? Quem sabe?

"Não digo que as crianças devam correr atrás de seus pais para que comprem os produtos que viram anunciados na televisão, porém, ao mesmo tempo não posso desconhecer o fato de que isso sucede diariamente". Assim escreve conhecido ator de um dos muitos programas dirigidos a assistências juvenis. "As crianças", diz o ator, "são registros vivos e falantes daquilo que lhes narramos todos os dias." E, no devido tempo, estes registros vivos e falantes da televisão comercial crescerão, ganharão dinheiro e adquirirão os produtos da indústria.

"Pensai", escreve o sr. Clyde Miller, admirado, "pensai no que pode apresentar de lucros para a vossa firma se conseguirdes aliciar um milhão, ou dez milhões de crianças, que se tornarão adultos treinados para a aquisição dos vossos produtos, como os soldados são antecipadamente treinados para avançar quando ouvem as palavras-estímulo : Em frente, marche". Sim, pensemos em tudo isso! E, ao mesmo tempo, lembremos que os ditadores e os seus sequazes andam há anos pensando neste tipo de coisa, e que milhões, dezenas de milhões de crianças se encontram num

ritmo de crescimento para comprar o produto ideológico do déspota local e, como soldados bem treinados, para responder com um comportamento adequado às palavras-estímulo injetadas nestes jovens espíritos pelos propagandistas dos déspotas.

O autogoverno está na razão inversa do quantitativo de seres humanos. Quanto mais elevado for o eleitorado, mais baixo é o valor de qualquer voto individual. Quando não passa um entre milhões, o indivíduo-eleitor sente-se uma quantidade irrelevante e sem forças. Os candidatos para os quais votou estão muito distante, no último degrau da pirâmide do poder. Teoricamente são os servidores do povo; contudo, são os servidores que dão as ordens e é o povo, situado na base da grande pirâmide, que deve acatar as ordens. O crescimento da população e os progressos da tecnologia resultaram em um aumento do número e da complexidade das organizações, em um aumento da quantidade de poder concentrado nas mãos dos dirigentes, e em uma diminuição correspondente da intensificação do controle exercido pelos eleitores, ao mesmo tempo que se dá um decréscimo do interesse do público pelos processos democráticos. Já enfraquecidas por imensas forças impessoais que agem no mundo moderno, as instituições democráticas estão agora sendo interiormente minadas pelos políticos e pelos seus propagandistas.

Os seres humanos agem de múltiplas maneiras irracionais, mas todos eles parecem aptos a fazer uma escolha razoável com as informações de que dispõem, se lhes derem oportunidade de a fazer. As instituições democráticas não podem funcionar, a não ser que todos os interessados façam o máximo para difundir conhecimentos e para encorajar o emprego da razão. Mas hoje, na democracia mais poderosa da Terra, os políticos e os seus propagandistas preferem escarnecer as instituições democráticas apelando quase unicamente para a ignorância e para a falta de tino dos eleitores. "Ambos os partidos", disse-nos em 1956 o editor de uma poderosa revista comercial, "mercadejam os seus candidatos e programas, pelos sistemas idênticos de que os

negociantes lançam mãos para vender os seus produtos. Estes exigem a escolha científica de proposições e a repetição planificada deles... Os anúncios e os comerciais feitos na rádio repetirão os estribilhos com uma intensidade premeditada. Os cartazes exibirão estribilhos de efeito comprovado... Os candidatos necessitam, além de vazes meigas e dicção perfeita, de ser capazes de olhar "com sinceridade" a câmara de TV."

Os vendedores de política recorrem apenas para a debilidade dos eleitores, não para a sua força potencial. Não fazem qualquer sacrifício no sentido de educar as massas a fim de que estas se preparem para se governar a si próprias, contentam-se tão só com a manipulação e a exploração delas. Para a consecução deste objetivo são mobilizados e colocados em ação todos os recursos da psicologia e das ciências sociais. Amostras cuidadosamente escolhidas do eleitorado são submetidas a "entrevistas em profundidade". Estas entrevistas em profundidade revelam os receios e desejos inconscientes que mais sobressaem, numa determinada sociedade, na ocasião da eleição. Frases e imagens destinadas a amenizar ou, em caso de necessidade, a intensificar estes receios, a satisfazer estes anelos, pelo menos simbolicamente, são então selecionadas pelos técnicos, experimentadas em eleitores e auditores, alteradas ou melhoradas, segundo os dados conseguidos desta forma. Então a campanha eleitoral está apta para uma transmissão em cadeia. Agora só falta dinheiro e um candidato que possa ser treinado a fim de assumir o "comando". Deste novo princípio, os pontos de vista políticos e os planos para uma ação específica acabaram por perder grande parte da sua importância. A personalidade do candidato e a maneira por que ele é lançado pelos técnicos de publicidade são as coisas que realmente entram em ação.

De qualquer modo, sob o aspecto de um homem viril ou de um pai amável, o candidato deve ser encantador. Deve ser, outrossim, palrador e que nunca aborreça a assistência. Acostumada à televisão e ao rádio, esta assistência está habituada a ser distraída e não deseja que lhe peçam que se concentre ou

faça um sacrifício intelectual prolongado. Todos os discursos proferidos pelo conversador-candidato devem, portanto, ser curtos e incisivos. As grandes questões da atualidade devem ser tratadas, no máximo, em cinco minutos – e preferivelmente (dado que a assistência estará impaciente para ver qualquer coisa de mais atraente do que a inflação ou a bomba H) em sessenta segundos. Dada à natureza da oratória, sempre houve entre os políticos e os eclesiásticos a tendência para simplificarem ao extremo as questões complexas. De um púlpito ou de uma tribuna, até os oradores mais conscienciosos acham difícil falar a verdade. Com os recursos aplicados agora, para comerciar o candidato político como se ele fosse um desodorizante, coloca-se positivamente o eleitorado ao amparo de ouvir toda a verdade sobre o que quer que seja.

.:: 7. Lavagem Cerebral ::.

Nos dois capítulos anteriores descrevi as técnicas do que se pode chamar manipulação em massa dos espíritos, tal qual foi posta em prática pelo maior demagogo e pelos mais eficientes técnicos de vendas da história escrita. Mas nenhum problema humano pode ser solucionado apenas pelos meios destinados a grandes quantidades. A arma de caça tem sua vez, contudo a seringa hipodérmica tem também a sua. Nos capítulos posteriores descreverei algumas das técnicas mais eficientes não para manusear multidões, não para manusear público, porém para indivíduos isolados.

No decurso das suas experiências, que marcaram época, sobre os reflexos condicionados, Ivan Pavlov notou que, quando submetidos a uma tensão física ou psíquica prolongada, os animais de laboratório exibiam todos os sintomas de uma grande depressão nervosa. Recusando-se a afrontar por mais tempo uma situação intolerável, os seus cérebros entravam em greve, por assim dizer, e, ou deixavam completamente de funcionar (o cão perdia a consciência) ou então lançavam mão da marcha lenta e da sabotagem (o cão comportava-se de modo incoerente, ou exibia o tipo de sintomas físicos que, num ser humano, denominaríamos histéricos). Alguns animais são mais resistentes à tensão do que outros. Os cães que possuíam o que Pavlov denominava uma constituição "fortemente excitável" soçobravam mais depressa do que os cães dotados de um temperamento simplesmente "vivo" (em oposição ao temperamento colérico ou agitado). Identicamente, os cães "fracamente inibidos" esgotavam a sua energia muito mais depressa do que os "tranqüilos e imperturbáveis". Mas até os cães mais resistentes eram incapazes de resistir indefinidamente. Se a tensão a que fosse submetido fosse suficientemente intensa ou suficientemente prolongada, o cão acabava por soçobrar de um modo tão abjeto como o animal menos resistente da sua espécie.

As descobertas de Pavlov foram confirmadas da maneira mais aflitiva, e numa escala muito ampla, durante as duas Guerras

Mundiais. Em conseqüência de uma única experiência catastrófica, ou de uma série de terrores menos violentos mas freqüentemente repetidos, os soldados apresentam um determinado número de sintomas de demolição psicofísico. Inconsciência temporária, agitação extrema, letargia, cegueira ou paralisia funcional, respostas inteiramente desconexas para o estímulo dos acontecimentos, alterações estranhas de comportamentos normais – todos os sintomas que Pavlov observara nos seus cães ressurgiram entre as vítimas do que foi denominado na Primeira Guerra Mundial "o horror nervoso à guerra" e, na Segunda, "a fadiga de guerra". Cada homem, como cada cão, tem o seu limite individual de resistência. A maior parte dos homens atinge esse limite após trinta dias de tensão, mais ou menos contínua, sob as condições do combate moderno. Os mais fracos sucumbem em quinze dias. Os mais fortes perduram por quarenta e cinco ou até cinqüenta dias. Fortes ou fracos, todos finalmente soçobram. Todos, quer dizer, os que gozavam de boa saúde. Porque, diga-se com sarcasmo, as únicas pessoas que conseguem suportar indefinidamente a pressão da guerra moderna são os psicopatas. A loucura individual está prevenida em relação às conseqüências da loucura coletiva.

O fato de cada indivíduo ter um limite de resistência foi conhecido e explorado desde tempos remotos de uma maneira lamentavelmente pouco científica. Em alguns casos, a horrível falta de 'humanidade do homem para com o homem foi inspirada pelo amor da crueldade, devido à terrível fascinação que esta exerce. Com muita freqüência, contudo, o puro sadismo foi abrandado pelo utilitarismo, pela teologia ou por razões de Estado. O castigo físico e outras formas de violência foram infligidas pelos homens da lei com o objetivo de soltarem a língua das testemunhas obstinadas; por clérigos, a fim de punir os não ortodoxos e os impelirem a mudar de opiniões; pela polícia secreta, com a finalidade de extrair confissões de pessoas suspeitas de ser hostis ao governo. Com Hitler, a tortura, seguida pelo extermínio em massa, era aplicada em relação a esses

heréticos biológicos, os judeus. Para um jovem nazista, uma temporada de serviço nos campos de concentração era (segundo as próprias palavras de Himmler) "a melhor doutrinação sobre os seres inferiores e as raças subumanas". Dada a virtude vexatória do anti-semitismo adquirido por Hitler durante a juventude, nos bairros pobres de Viena, esta reminiscência dos meios empregados pelo Santo Ofício contra os heréticos e feiticeiros era inevitável. Mas, em virtude das descobertas de Pávlov e dos conhecimentos obtidos pelos psiquiatras no tratamento das neuroses de guerra, tal reminiscência parece um anacronismo ridículo e repugnante. Agressões suficientemente amplas para causarem uma completa derrocada cerebral podem ser efetuadas por meios que, embora abominavelmente desumanos, ficam aquém da tortura física.

Seja o que for que tenha ocorrido outrora, parece mais ou menos razoável que a tortura já não é muito aplicada pela polícia comunista atual. Esta inspira-se não no inquisidor ou no SS, mas, sim, no fisiologista e nos seus animais de laboratório, devidamente condicionados. Para o ditador e sua polícia, as descobertas de Pavlov têm conseqüências práticas importantes. Se o sistema nervoso central dos cães pode ser levado a soçobrar, o sistema nervoso central dos prisioneiros políticos pode sê-la da mesma forma. É apenas uma questão de aplicar a quantidade exata de tensão durante o tempo adequado. Ao final do tratamento, o prisioneiro estará em estado de neurose ou de histeria e, portanto, apto a confessar o que os seus captares desejarem que ele confesse.

Contudo a confissão não é suficiente. Um neurótico incurável jamais será útil a alguém. O ditador inteligente e prático não precisa de um paciente para ser hospitalizado, ou de uma vítima para ser abatida, porém de um convertido que trabalhe pela causa. Voltando-se mais uma vez para Pavlov, o ditador aprende que, no seu caminho para a queda final, os cães se tornam anormalmente sugestionáveis. Quando o paciente se encontra perto do limite final da sua resistência cerebral, é fácil

fazer-lhe contrair novos comportamentos que permanecem radicados para sempre. O animal em que tais formas de comportamento foram implantadas jamais voltará a ser descondicionado; o que o animal aprendeu sob o seu estado de tensão, permanecerá como parte integrante do seu ser.

A tensão psicológica pode ser gerada de muitas maneiras. Os cães sentem-se perturbados quando os estímulos são demasiadamente fortes; quando o intervalo entre o estímulo e a resposta habitual é por demais prolongado, e o animal conservado num estado de suspensão psíquica, quando o cérebro fica confundido pelos estímulos que aparecem ao contrário do que o cão aprendeu a esperar, quando os estímulos não fazem sentido dentro da disposição de referência do paciente. Além disso, observou-se que, provocando deliberadamente o temor, a cólera ou a ansiedade, avolumava-se notavelmente a sugestibilidade do cão. Se estas emoções forem levadas a um elevado grau de intensidade, durante um tempo relativamente longo, o cérebro põe-se "em greve". Quando isto sucede, podem instalar-se, com bastante êxito, novos padrões de comportamento.

Entre as causas físicas que desenvolvem a sugestibilidade de um cão acham-se a fadiga, os ferimentos e todas as formas de doença.

Para o aspirante a ditador, estas descobertas contêm importantes conseqüências práticas. Estas observações provam, por exemplo, que Hitler estava com a razão ao afirmar que as reuniões em massa eram mais eficientes à noite do que de dia. "Durante o dia", escreveu Hitler, "a vontade do homem rebela-se com maior energia contra qualquer tentativa de o forçarem a submeter-se a outras vontades e opinião. À noite, porém, o homem sucumbe mais facilmente à força dominante de uma vontade mais forte."

Pavlov teria concordado com ele; a fadiga aumenta a sugestibilidade. (É por esse motivo, entre outros, que as firmas que patrocinam um programa de televisão preferem as emissões

noturnas e se prontificam a pagar caro a sua preferência.)

A doença é ainda mias efetiva do que a fadiga, no que tange à intensificação da sugestibilidade. No passado, os quartos de doentes eram palcos de inumeráveis cenas de conversão religiosa. O ditador do futuro, cientificamente treinado, terá todos os hospitais dos seus domínios prontos a receberem o som e equipados com almofadas alto-falantes. Persuasão em conserva permanecerá no ar vinte e quatro horas por dia, e os pacientes mais ilustres serão visitados por salvadores da alma política e por transformadores do espírito, como no passado os seus pais eram visitados por padres, freiras e leigos piedosos.

O fato das emoções fortes e negativas tenderem a aumentar a sugestibilidade e a facilitarem, assim, uma substituição de opiniões, foi anotada e explorada muito antes de Pavlov. Como assinalou o Dr. William Sargant no seu tão esclarecedor livro, Battle for tbc Mind, o grande êxito de John Wesley como pregador baseava-se no conhecimento intuitivo do sistema nervoso central. John Wesley iniciava o seu sermão com uma descrição longa e minuciosa dos tormentos a que os seus ouvintes seriam, com certeza, condenados para todo o sempre, a menos que se convertessem. Depois, quando o medo e um sentimento de culpabilidade torturante levavam o auditório à beira da vertigem, ou até, em alguns casos, a uma depressão cerebral completa, alterava o tom de voz e prometia a salvação àqueles que cressem e se arrependessem. Com este método de pregação, Wesley converteu milhares de seres humanos. O pavor intenso e prolongado levavaos a soçobrar e gerava um estado de sugestibili dade extremamente intensificada. Nesta situação, as pessoas eram capazes de aceitar, sem discussão, as afirmações teológicas do pregador. Depois disso, eram restabelecidos na sua integridade com palavras de consolação, e saíam da provação com sistemas de comportamento novos, e geralmente melhores, implantados de modo indestrutível nos seus espíritos e no seu sistema nervoso.

A eficiência da propaganda religiosa e política depende dos

métodos aplicados, não das doutrinas ensinadas. Estas doutrinas podem ser verdadeiras ou falsas, sadias ou perniciosas – pouca ou nenhuma diferença faz. Se a doutrinação for efetivada de maneira proporcionada no estado adequado da exaustão nervosa, será eficiente. Sob condições favoráveis, praticamente qualquer pessoa pode ser convertida a qualquer coisa.

Possuímos descrições minuciosas dos métodos empregados pela polícia comunista no seu tratamento dos prisioneiros políticos. A partir do momento em que é detida, a vítima é automaticamente submetida a muitos gêneros de pressões físicas e psicológicas. É mal alimentada e alojada sem nenhum conforto, não é autorizada a dormir mais que poucas horas por noite. E é conservada durante esse tempo num estado de tensão psíquica, de incerteza e de aguda apreensão. Dia após dia, – ou melhor, noite após noite, porque estes polícias pavlovianos conhecem o valor da fadiga como intensificador da sugestibilidade – é interrogada freqüentes vezes, durante horas seguidas, por interrogadores que se esforçam por amedrontá-la, por confundi-la e por desorientá-la. Após algumas semanas ou meses de tal tratamento, o seu cérebro entra em confusão, e confessa tudo o que os seus captores querem que ela confesse. Então, se é para ser convertida e não para ser destruída, oferecem-lhe o conforto da esperança. Se ela aceitar a nova ideologia, pode ser, todavia, salva – não, certamente, numa vida futura (porque, oficialmente, não há vida futura) mas na vida presente.

Meios semelhantes, se bem que menos violentos, foram empregados durante a guerra da Coréia em prisioneiros de guerra. Nos campos chineses onde se achavam, jovens prisioneiros ocidentais foram submetidos sistematicamente a pressões. Dessa forma, pelas mais ínfimas infrações das regras, os transgressores eram encaminhado ao gabinete do comandante, submetidos a interrogatório, tratados com arrogância e humilhados em público. E o processo repetir-se-ia, várias vezes, a qualquer hora do dia ou da noite. Esta hostilização seguida acarretava, nas suas vítimas, uma sensação de desorientação e de ansiedade permanentes. Para

lhes agravar o sentimento de culpa ordenavam que os prisioneiros escrevessem e voltassem a escrever, com minúcias cada vez mais íntimas, longos relatórios autobiográficos das suas infrações. E depois de terem confessado suas culpas, era-lhes requerido que confessassem as culpas dos seus companheiros. O objetivo colimado consistia em criar dentro do acampamento uma sociedade de pesadelo, onde um espionava e denunciava os outros. A estas pressões mentais acrescentavam-se as pressões física da subalimentação, do desconforto e da doença. O acréscimo de sugestibilidade assim obtido era explorado habilmente pelos Chineses, que saciavam estes cérebros anormalmente receptivos com grandes doses de literatura pró-comunista e anti-capitalista. Estas técnicas pavlovianas eram altamente eficazes. Entre sete, havia um americano culpado de grave colaboração com as autoridades chinesas, informamnos oficialmente, um entre três de colaboração técnica.

Não se deve cogitar que este tipo de tratamento esteja reservado unicamente para os seus inimigos pelos comunistas. Os jovens trabalhadores cuja função era, durante os primeiros anos do novo regime, agir como missionários e organizadores do regime, nas inúmeras cidades e aldeias da China, eram submetidos a um curso de doutrinação muito mais rígido do que aquele a que qualquer prisioneiro de guerra foi sujeito. No seu livro China under Communism, R. L. Walker descreve os métodos através dos quais os dirigentes do partido puderam forjar, a partir de homens e mulheres vulgares, os milhares de fanáticos resolutamente devotados que lhes são necessários para propagar a doutrina comunista e fazer obedecer as suas ordens. Sob tal sistema de treino, o material humano bruto é remetido para campos especiais, onde é totalmente isolado dos seus amigos, famílias e do mundo exterior em geral. Nestes campos, ordenam-lhes que executem trabalhos esgotantes, físicos e mentais; nunca permanecem sós, estão sempre em grupos; são encorajados a espiaremse mutuamente; mandamlhes que escrevam autobiografias acusatórias; vivem num estado de medo

permanente do terrível destino a que podem ser levados devido ao que tenha sido dito sobre eles por informadores, ou do que eles próprios confessaram. Nesta situação de sugestibilidade aumentada, fazem-lhes seguir um curso intensivo do Marxismo teórico e aplicado – um curso em que o fracasso no exame final pode acarretar não importa que sanção, desde a expulsão vergonhosa até à permanência num campo de trabalhos forçados, ou mesmo a morte. Após seis meses nesta espécie de treino, a prolongada tensão mental e física produz resultados que as experiências de Pávlov fariam prever. Um após outro, ou por grupos inteiros, os pacientes soçobram. Surgem indícios neuróticos e histéricos. Alguns suicidam-se, outros (até vinte por cento do total, dizem-nos) adquirem uma doença mental grave. Os que sobrevivem aos rigores do método de conversão, surgem com novos e impecáveis padrões de comportamento. Todas as suas ligações com o passado – família, amigos, tradições – foram rompidas. São homens novos, recriados à imagem dos seus novos deuses e inteiramente dedicados ao seu serviço.

Nas novas Comunidades Populares da China, os métodos educacionais até agora reservados aos missionários são atualmente usados, ao que parece, para todos. Um dia de trabalho de doze horas assegura um estado de permanente exaustão; espionagem, delação e ubiqüidade de policiais nutridores de uma ansiedade crônica; e a forçada repressão dos impulsos sexuais e as afeições comuns tendem a criar um senso de profunda e desesperançosa frustração. Nos homens, mulheres e crianças amolecidos por tais métodos testados de Pavlov há freqüentemente uma incessante tormenta de comando e asserções dogmáticas incandescentes e hinos de ódio, de tratamentos de horrendos castigos mitigados por milhares de promessas de coisas gloriosas a vir. Quantos milhões dobrarão sob essa forma educacional, resta a ser visto.

Em todos os países comunistas dezenas de milhares destes jovens, disciplinados e devotados, são preparados todos os anos em centenas de centros de formação. O que os Jesuítas fizeram

na Igreja Católica da Contra-reforma, estão a fazê-la agora estes produtos de um treino mais científico e ainda mais rígido, e continuarão, sem dúvida, a praticála nos partidos comunistas da Europa, da Ásia e da África.

Em política, Pavlov parece ter sido um liberal da velha guarda. Mas, por uma estranha ironia da sorte, as suas investigações e as teorias nas quais se baseou trouxeram à realidade um grande exército de fanáticos dedicados de alma e coração, de reflexos e de sistema nervoso, à destruição do liberalismo à moda antiga, seja onde for que ele se encontre.

A lavagem cerebral, tal como é agora praticada, é uma técnica híbrida, em parte dependente, no que se refere à sua eficiência, do emprego metódico da violência, em parte da habilidade de manipulação psicológica. Representa a tradição de 1984 na sua marcha para se tornar a tradição do Admirável Mundo Novo. Sob uma ditadura instituída há longo tempo e bem organizada, os nossos métodos atuais de manipulação semi-violenta parecerão, sem dúvida, paradoxalmente primários. Condicionado desde a mais tenra infância (e talvez biologicamente predestinado), o indivíduo de classe média ou baixa jamais terá necessidade de se converter, ou mesmo de seguir um curso que lhe reanime a nova fé. Os membros da classe superior terão de criar novos pensamentos a fim de responder a novas situações, e obviamente, o seu treino será muito menos intenso do que o imposto àqueles cuja função não é pensar, mas simplesmente trabalhar e morrer com um mínimo de complicações. Estes elementos da classe superior serão, além disso, membros de uma classe selvagem – treinadores e guardas, eles próprios também levemente condicionados, de um vasto rebanho de animais domésticos completamente amansados. A sua selvageria poderá levá-los a se tornarem heréticos e rebeldes. Quando isto suceder, serão liquidados, ou sofrerão uma lavagem cerebral que os devolva à ortodoxia, ou (como no Admirável Mundo Não) serão exilados para uma ilha, onde não possam causar mais transtornos exceto, certamente, uns aos outros. Mas

o condicionamento universal da infância e outras técnicas de manipulação e controle ainda estão afastados de nós pelo lapso de algumas gerações. No caminho que leva ao Admirável Mundo Novo os nossos dirigentes têm de contentar-se com técnicas de lavagem cerebral provisórias e transitórias.

.:: 8. Persuasão Química ::.

No Admirável Mundo Nono da minha ficção não havia uísque, nem tabaco, nem heroína proibida, nem cocaína de contrabando. As pessoas não fumavam, nem bebiam, nem cheiravam rapé, nem se dopavam. Quando alguma pessoa se sentia deprimida, ou mal disposta, tornava uma ou duas pílulas de um composto químico denominado Soma. O Soma original, do qual criei o nome desta droga hipotética, era uma planta desconhecida (talvez a Asclepias acida) usada pelos antigos arianos, invasores da Índia, em um dos seus mais solene rituais religiosos. O suco intoxicante, retirado dos caules desta planta, era ingerido por nobres e sacerdotes, no transcorrer de uma cerimônia complexa. Nos hinos védicos dizem-nos que os bebedores de Soma sentiam alguns efeitos benéficos. Os seus corpos robusteciam-se, os seus corações enchiam-se de ardor, de alegria e de entusiasmo, os seus espíritos enchiam-se de lucidez, e, numa experiência imediata da vida eterna, recebiam a certeza da imortalidade. Porém o sumo sagrado apresentava os seus inconvenientes. O Soma era uma droga perigosa – tão perigosa que mesmo o grande deus do céu, Indra, adoecia às vezes, por tê-la ingerido. Os mortais vulgares podiam até morrer, devido a uma dosagem forte. Contudo a experiência causava uma felicidade tão transcendente e tal iluminação que o beber Soma era encarado como um grande privilégio. Por este privilégio nenhum preço era exorbitante.

O Soma do Admirável Mundo Novo não apresentava nenhum dos inconvenientes do seu antepassado indiano. Ingerido em pequenas doses, oferecia uma sensação de felicidade; em doses mais elevadas, fazia-nos ter visões e, se engolíssemos três pílulas, cairíamos, após alguns minutos, num sono refrigerante. Tudo isto sem qualquer problema físico ou mental. Os habitantes do Admirável Mundo Não podiam libertarse dos seus humores negros, ou dos conflitos familiares da vida diária, sem que sacrificassem a saúde ou minorassem permanentemente a sua

eficiência.

No Admirável Mundo Novo o hábito de tomar Soma não era um vício privado; era uma instituição política, era a verdadeira essência da Vida, da Liberdade e da Busca da Felicidade garantidas pela Declaração de Direitos. Mas este privilégio supremamente precioso e inalienável dos súditos era, da mesma forma, um dos mais poderosos instrumentos de domínio do arsenal do ditador. A dopagem sistemática dos indivíduos para benefício do Estado (e circunstancialmente, talvez, para o próprio prazer deles) era um elemento primordial da política dos Dominadores do Mundo. A dose diária de Soma era uma garantia contra a desadaptação pessoal, contra a agitação social e a divulgação de idéias subversivas. A religião, declarara Karl Marx, é o ópio do povo. No Admirável Mundo Novo, a situação invertera-se. O ópio, ou antes o Soma, era a religião do povo. Como a religião, a droga tinha o poder de consolar e de compensar, criava visões de outro mundo, de um mundo melhor, dava esperança, fortalecia a fé e promovia a caridade. "A cerveja", escreveu um poeta

> faz mais do que Mílton
> para justificar as vias de Deus
> [perante os homens.

Recordemos que, comparada ao Soma, a cerveja é uma droga do tipo mais grosseiro e incerto. No caso de justificar as vias de Deus perante os homens, Soma está para o álcool como este está para os argumentos teológicos de Mílton.

Em 1931, enquanto eu descrevia os efeitos deste imaginário produto sintético, através do qual as gerações futuras seriam felizes e dóceis, o bem conhecido bioquímico americano, Dr. Irvine Page, preparava-se para deixar a Alemanha, onde passara os três anos anteriores, no Kaiser Wilhelm Institut, a estudar química cerebral. "É difícil compreender" – escreveu o dr. Page num artigo recente – "porque è que os sábios demoraram tanto

tempo a empreender o exame das reações químicas no seu próprio cérebro. Falo – acrescentou o dr. Irvin Page – por experiência pessoal. Quando regressei em 1931... não encontrei uma situação neste campo (no campo da química cerebral), nem consegui despertar o menor interesse a respeito dele." Hoje, vinte e sete anos após, o interesse não despertado em 1931 tornou-se um enorme foco incandescente de investigações bioquímicas e psicofarmacológicas. Estudam-se os enzimas que regulam os processos cerebrais. Foram isoladas no corpo substâncias químicas até então desconhecidas, tais como o adrenocromo e a serotonina (da qual o Dr. Page foi co-descobridor), e os seus vastíssimos efeitos nas nossas funções mentais e físicas estão, presentemente, a ser investigados. Entretanto, foram sintetizadas novas drogas – drogas que reforçam, ou corrigem, ou interferem nos efeitos de várias substâncias químicas, através das quais o sistema nervoso opera os seus milagres de todos os dias e de todas as horas, na sua função de controlar o corpo, de instrumento e mediador da consciência. Do nosso ponto de vista presente, o fato mais notável, no que tange a estas drogas, é o de elas alterarem temporariamente a química cerebral e o estado de espírito que lhe está associado, sem causarem prejuízo permanente ao organismo, em seu conjunto. Neste aspecto, são semelhantes ao Soma – e marcadamente diferenciadas das drogas modificadoras da mente, empregadas no passado. Por exemplo, o ópio é o calmante clássico. Mas o ópio é uma droga perigosa que, desde o neolítico até o presente, fez toxicômanos e acarretou a ruína à saúde de muita gente. O mesmo sucede com o álcool – a droga que, segundo as palavras do Salmo, "torna alegre o coração do homem." Mas, infelizmente, o álcool não se reduz a tornar alegre o coração do homem; causa, em doses excessivas, a doença e o vício, e tem sido uma das principais causas, há oito ou dez mil anos, do crime, da infelicidade doméstica, da degradação moral e de acidentes evitáveis.

Entre os estimulantes conhecidos, o chá, o café e o mate são, felizmente, quase inofensivos. São, aliás, estimulantes muito

fracos. Ao contrário dessas "chávenas que alegram mas não inebriam", a cocaína é uma droga muito poderosa e muito perigosa. Aqueles que fazem uso dela devem pagar os seus êxtases, o seu sentido do poder ilimitado, físico e mental, com fases agudas de depressão agônica, com aqueles horríveis sintomas físicos, tais como a sensação de ser infestado por miríades de insetos rastejantes, e por alucinações paranóicas que podem levar a crimes violentos. Outro estimulante, descoberto há pouco tempo, foi a anfetamina, mais conhecido pelo nome comercial de Benzedrina. A anfetamina é dotada de grande efeito – mas atua, quando dela se abusa, à custa da saúde física e mental. Calculou-se que, no Japão, há aproximadamente um milhão de viciados na anfetamina.

Dos alucinantes em evidência, os mais conhecidos são o peyote do México e do sudoeste dos Estados Unidos, e a Cannabis sativa, consumidos, em todo o mundo, sob o nome de hachiche, bhang, kif e marijuana. De acordo com as mais convincentes provas médicas e antropológicas, o peyote é muito menos prejudicial do que o "gin" ou o uísque do Homem Branco. O peyote permite aos índios, que ousam nos seus rituais religiosos, que ingressem no paraíso e se sintam em união perfeita com a bemamada comunidade, sem lhes cobrar estes privilégios por algo pior do que a provação de terem de mascar uma substância de gosto repugnante e experimentarem náuseas durante uma ou duas horas. A Cannabis sativa não é uma droga tão inócua – se bem que menos perigosa do que os amadores de sensações nos quereriam fazer supor. O Comité Médico, encarregado em 1944 pelo "Mayor" de Nova Iorque de investigar o problema da marijuana, chegou à conclusão, depois de cuidadosa investigação, de que a Cannabis sativa não é uma séria ameaça para a sociedade, ou mesmo para aqueles que se lhe entregam. É um simples incômodo.

Destes conhecidos transformadores do espírito passemos aos produtos mais recentes da investigação psíquico-farmacológica. De entre estes, os mais largamente divulgados são

três novos tranqüilizantes : a reserpina, a cloropromazina e o metrobamato. Ministrados em algumas classes de psicopatas, os dois primeiros provaram ser altamente eficazes, não na cura de doenças mentais, mas pelo menos na extinção dos seus sintomas mais cruéis. O meprobamato (aliás Miltown) produz efeitos semelhantes em pessoas que sofrem de vários tipos de neurose. Nenhuma destas drogas é totalmente inofensiva; porém o seu custo, em termos de saúde física e de eficiência mental, é extremamente baixo. Num mundo onde ninguém procura algo sem uma finalidade, os tranqüilizantes oferecem bastante por muito pouco. O Miltown e a cloropromazina ainda não são Soma; contudo não estão longe de ser um dos aspectos desta droga mítica. Proporcionam uma libertação temporária da tensão nervosa sem infligirem, na grande maioria dos casos, um prejuízo orgânico permanente, e sem causarem mais do que uma pequena diminuição, enquanto a droga atua, da eficiência física e mental. Exceto como narcóticos, são talvez preferíveis aos barbitúricos, que enfraquecem a agudeza intelectual e, em grandes doses, causam um certo número de sintomas psico-físicos indesejáveis e podem resultar numa viciação caracterizada.

Com o LSD25 (dietilamida do ácido lisérgico), os farmacologistas criaram recentemente outro aspecto de Soma – um intensificador da percepção e um gerador de visões, que é, fisiologicamente falando, quase de graça. Esta droga extraordinária, que é eficaz em doses tão pequenas como cinqüenta ou até vinte e cinco milionésimos do grama, tem a virtude (como o peyote) de transportar as pessoas para o Outro Mundo. Na maioria dos casos, o Outro Mundo a que o LSD25 dá acesso é celestial; mas pode ser outrossim, alternadamente, purgatório ou até infernal. Porém, positiva ou negativa, a, experiência do ácido lisérgico é sentida por quase todos os que passam por ela como marcadamente significativa e iluminante. De qualquer maneira, o fato de o espírito poder ser transformado tão radicalmente por preço tão reduzido para o corpo, é espantoso.

O Soma não era apenas um gerador de visões e um tranqüilizante; era também (coisa seguramente impossível) um estimulante do espírito e do corpo, um produtor de euforia ativa, assim como da felicidade negativa que se segue à libertação da ansiedade e da tensão.

O estimulante ideal – poderoso, porém inócuo – ainda está por ser descoberto. A anfetamina, como vimos, estava longe de ser satisfatória; o preço que vale excede muito o que nos oferece. Um candidato mais promissor ao papel de Soma, no seu terceiro aspecto, é a Iproniazida, que está sendo usada atualmente para livrar da sua miséria os doentes de depressão, para dar mais energia aos apáticos e, em geral, para aumentar a dose de energia psíquica disponível. Mais promissor ainda, segundo um distinto farmacologista meu amigo, é um novo composto, ainda em experiência, que será denominado Deaner. Deaner é um amino-álcool, e calcula-se que aumenta dentro do corpo a produção de acetilcolina, e, portanto, aumenta a atividade e eficiência do sistema nervoso. O homem que ingere esta nova pílula sente menos necessidade de dormir, sente-se mais desperto e mais eufórico, raciocina melhor e de forma mais rápida – e tudo isto quase sem prejuízo para o corpo, pelo menos a curto prazo. Isto parece demasiado belo para ser verdadeiro.

Vemos assim que, se bem que Soma não exista ainda (e talvez nunca existirá), já foram descobertos magníficos substitutos para vários aspectos de Roma. Há, hoje em dia, tranqüilizantes fisiologicamente baratos, geradores de visões fisiologicamente baratos e estimulantes também fisiologicamente baratos.

É evidente que um ditador podia, se assim o desejasse, empregar estas drogas para fins políticos. Poder-se-ia prevenir contra a agitação política transformando a química cerebral dos seus súditos, e fazer, desta maneira, que se contentassem com a sua condição servil. Podia empregar tranquilizantes para acalmar os excitados, estimulantes para avivar o entusiasmo nos indiferentes, alucinantes para distrair da sua miséria a atenção dos

inditosos. Contudo, poder-se-á perguntar, como é que o ditador levará os seus súditos a ingerirem as pílulas que os farão pensar, sentir e comportarem-se das maneiras que ele julga desejáveis? Com toda a probabilidade, será suficiente que lhes coloque as pílulas ao alcance da mão. Hoje, o álcool e o tabaco são de fácil alcance, e as pessoas gastam bem mais dinheiro com estes tão pouco satisfatórios euforizantes, pseudoestimulantes e sedativos, do que estão dispostas a despender com a educação dos filhos. Ou, então, analisemos os barbitúricos e tranqüilizantes. Nos Estados Unidos estas drogas só podem ser adquiridas com receita médica. Mas a procura que o público americano faz de algo que tornará um pouco mais suportável a vida num ambiente urbano-industrial é tão grande que os médicos estão agora a aviar receitas de vários tranqüilizantes ao ritmo de quarenta e oito milhões por ano. Além disso, a maioria destas receitas volta a ser aviada. Cem doses de felicidade não são suficientes : tragamos da farmácia outro frasco – e, quando este terminar, mandemos buscar outro... Não há dúvida de que, se os tranqüilizantes pudessem ser adquiridos a preço tão módico e de forma tão fácil como a aspirina, seriam consumidos, não aos biliões, como são no presente, mas às vintenas e centenas de biliões. E um estimulante, bom e barato, seria quase tão popular como estes.

Sob uma ditadura, os químicos receberiam ordem de mudar de direção a cada modificação das circunstâncias. Em época de crise nacional, seriam encarregados de autorizar a venda de estimulantes. Entre cada crise, excesso de vivacidade e energia por parte dos seus súditos poderia tornar-se embaraçante para o tirano. Em tais épocas, as massas seriam levadas a comprar tranqüilizantes e alucinantes. Sob a influência destes lenitivos, não teriam possibilidade de criar a menor dificuldade ao tirano.

Estando as coisas como estão, os tranqüilizantes podem obstar as pessoas de causarem muita intranqüilidade, não só aos seus superiores como a si próprias. Demasiada tensão é doença; mas pouca tensão também é uma doença. Há ocasiões em que devemos estar tensos, em que um excesso de tranqüilidade (e

especialmente de tranqüilidade vinda do exterior, por um agente químico) é inteiramente desapropriado.

Num simpósio recente sobre o meprobamato, do qual participei, um eminente bioquímica sugeriu, jocosamente, que o governo dos Estados Unidos da América deveria doar ao povo soviético cinqüenta biliões de doses do tranqüilizante mais popular da América. A piada tinha algo de sério. Numa luta entre duas populações, sendo que uma está sendo incessantemente estimulada com ameaças e promessas, constantemente movida por uma propaganda insistente, enquanto que a outra é não menos constantemente distraída pela televisão e tranqüilizada por Miltown, qual dos oponentes terá maior probabilidade de ganhar?

Além da particularidade de tranqüilizar, alucinar e estimular, o Soma da minha ficção tinha a propriedade de aumentar a sugestibilidade e, desta maneira, podia ser empregado para alicerçar os efeitos da propaganda governamental. De modo menos eficaz e mais prejudicial para a saúde, várias drogas, já incluídas na farmacopéia, podem ser empregadas com a mesma finalidade. Há a scopolamina, por exemplo, o princípio ativo do meimendro e, em grandes doses, um veneno poderoso; há o pentotal e o amitalsódio. Apelidado, por razão obscura, o "soro da verdade", o pentotal foi empregado pela polícia de vários países com o objetivo de extrair confissões (ou talvez para sugerir confissões) aos criminosos obstinados. O pentotal e o amitalsódio baixam a barreira entre o consciente e o subconsciente, e são de grande valia no tratamento da "fadiga de guerra", pelo processo conhecido, na Inglaterra, pelo nome de "terapêutica dos traumatismos psicofisiológicos do soldado" e, na América, pela designação de "narcosíntese". Diz-se que estas drogas são, por vezes, usadas pelos Comunistas quando preparam prisioneiros de gabarito para se apresentarem publicamente em tribunal.

Entretanto, a farmacologia, a bioquímica e a neurologia estão evoluindo sem parar, e podemos estar cientes de que, no transcorrer de poucos anos, serão descobertos novos e mais

eficientes métodos químicos de aumento da sugestibilidade e de abaixamento da resistência psicológica. Como qualquer outra coisa, estas descobertas podem ser usadas para o bem ou para o mal. Podem auxiliar o psiquiatra na luta contra a doença mental, ou podem ajudar o ditador na sua luta contra a liberdade. Visto que a ciência é divinamente imparcial, é mais provável que tais descobertas escravizem e libertem, curem e destruam, ao mesmo tempo.

.:: 9. Persuasão Subconsciente ::.

Numa nota de rodapé inserta na edição de 1919 do seu livro A Interpretação dos Sonhos, Sigmund Freud chamava a atenção para a obra do Dr. Poetzl, um neurologista austríaco, que publicava recentemente um artigo onde descrevia as suas experiências com o taquistoscópio. (O taquistoscópio é um instrumento que se apresenta sob duas formas – um tipo de caleidoscópio em que o paciente olha, durante uma fração de segundo, uma imagem exposta; ou uma lanterna mágica com obturador ultra-rápido que pode projetar, pelo espaço de alguns segundos, uma imagem sobre uma tela.) Nestas experiências, "Poetzl pedia aos pacientes que fizessem um desenho do que tinham observado conscientemente de uma imagem que fora exposta à vista deles no taquistoscópio. Depois chamava-lhes a atenção para os sonhos que os pacientes tinham tido na noite anterior e rogava-lhes, mais uma vez, que desenhassem aquilo que se recordavam. Os resultados mostravam, sem sombra de dúvida, que os pormenores da imagem exposta, que não haviam sido observados pelo paciente, proporcionavam os elementos da construção do sonho".

Com várias modificações e aperfeiçoamentos, as experiências de Poetzl foram repetidas várias vezes, mais recentemente pelo dr. Charles Fisher que publicou três excelentes artigos sob o Problema dos sonhos e "a percepção pré-consciente", no Journal of the American Psychoanalitic Association. Contudo, os psicologistas clássicos não permaneceram inativos. Confirmando as experiências de Poetzl, os seus trabalhos mostraram que as pessoas vêem e ouvem, de fato, muito mais coisas do que aquelas que têm consciência de ver e de ouvir, e o que elas vêem e ouvem, sem que o recordem, é recordado pelo subconsciente, e pode afetar os pensamentos, sentimentos e comportamentos conscientes delas.

A ciência pura não permanece indefinidamente pura. Mais cedo ou mais tarde fica apta a tornar-se ciência aplicada e,

finalmente, tecnologia. A teoria torna-se prática industrial, o saber torna-se poder, as fórmulas e as experiências de laboratório sofrem uma metamorfose, e surgem como a bomba H. No presente caso, o belo fragmento de ciência pura descoberto por Poetzl, assim como os demais descobertos no campo da percepção pré-consciente, conservaram a sua antiga pureza durante um período de tempo demasiadamente longo. Depois, nos princípios do Outono de 1957, exatamente quarenta anos após a publicação do primeiro artigo de Poetzl, anunciou-se que a pureza dessas descobertas pertencia ao passado; tinham sido aplicadas, haviam adentrado o reino da tecnologia. A revelação causou enorme sensação, e em todo o mundo civilizado falou-se e escreveu-se sobre isso. E não é para admirar; porque a nova técnica de "projeção subliminal", como a denominaram, estava intimamente associada com a distração das massas, e na vida do ser humano civilizado a distração das massas desempenha, agora, um papel semelhante ao que foi desempenhado pela religião na Idade Média. Têm sido dadas várias denominações à nossa época – a Idade da Ansiedade, a Idade Atômica, a Idade do Espaço. Poderseia denominá-la, com igual propriedade, a Idade do vício da televisão, a Idade do folheto estupidificante, a Idade do Disk Jockey. Em tal época, o anúncio de que a ciência pura de Poetzl havia sido aplicada sob a forma de uma técnica de projeção subliminal não podia deixar de despertar o mais vívido interesse entre os que distraem as massas em todo o mundo. Porque a nova técnica era-lhes diretamente dirigida, e o alvo era a manipulação dos seus espíritos sem que eles suspeitassem do que lhes estava sendo feito. Por intermédio de taquistoscópios especialmente concebidos, seriam projetadas palavras ou imagens durante um milionésimo de segundo, ou menos, nas telas dos aparelhos de televisão ou dos cinemas durante (não antes nem depois) o programa. "Beba Coca-Cola" ou "Fume Camel" seriam projetadas sobre o beijo dos amantes, as lágrimas da mãe atribulada, e os nervos éticos dos espectadores recolheriam estas mensagens secretas, os seus subconscientes responder-lhes-iam e,

na devida hora, teriam o desejo consciente de coca-cola e do cigarro. E, entretanto, outras mensagens secretas seriam retransmitidas, demasiado baixo ou demasiado alto, para que pudessem ser apreendidas pela consciência. Conscientemente, o ouvinte apenas prestaria atenção a frases tais como "Querida, amo-te"; mas, abaixo do limite da consciência, os seus ouvidos terrivelmente sensíveis, e o seu subconsciente, registrariam a boa notícia referente a desodorizantes e a laxantes.

Este tipo de propaganda comercial é realmente eficaz? Os dado.; trazidos pela empresa comercial que empregou, pela primeira vez, um processo de projeção subliminal são vagos e, do ponto de vista científico, pouco satisfatórios. Repetida a intervalos regulares durante a projeção de um filme, num cinema, a ordem de comprar milho torrado fez aumentar, dizem-nos, de cinqüenta por cento, a venda do mesmo durante o intervalo. Mas uma única experiência comprova muito pouco. Além disso, esta experiência particular fora mal planejada. Não havia controle e não se fazia qualquer tentativa para ter em conta as inúmeras variações que, sem dúvida, prejudicam o consumo do milho torrado por uma assistência, num cinema. Além disso, era esta a maneira mais correta de aplicar o conhecimento adquirido havia alguns anos pelos investigadores científicos da percepção subconsciente? Era provável, segundo a teoria, que a simples projeção do nome de um produto e a ordem de comprá-la fossem suficientes para quebrar a resistência à compra e adquirir novos consumidores? A resposta a estas duas perguntas é obviamente negativa. Mas isto não indica, talvez, que as descobertas dos neurologistas e dos psicologistas não ofereçam qualquer importância prática. Aplicado com habilidade, o bocadinho de bela ciência pura de Poetzl pode tornar-se muito bem num instrumento poderoso de manipulação de espíritos desprevenidos.

Para escolhermos algumas sugestões reveladoras, deixemos de lado os vendedores de milho torrado para aqueles que, com menos espalhafato, mas com maior imaginação e melhores

métodos, fizeram experiências no mesmo campo. Na Inglaterra, onde o processo de manipulação dos espíritos abaixo do nível da consciência é conhecido pelo nome de Strobonic injection, os investigadores assinalaram a importância prática de se gerarem as condições psicológicas apropriadas à persuasão subconsciente. Uma sugestão feita acima do nível da consciência é mais capaz de produzir efeito se aquele que a receber estiver num estado de ligeira hipnose, sob a influência de algumas drogas, ou se se encontrar debilitado por doença, por inanição ou não importa qual tensão psíquica ou moral. Mas o que é verídico para sugestão realizada acima do limiar de consciência é também verdadeiro relativamente a sugestões feitas abaixo deste princípio. Numa palavra, quanto mais baixo for o nível psicológico de uma pessoa, tanto maior será a eficiência das sugestões injetadas sem controle. O ditador cientifico do futuro definirá as suas máquinas de transmitir mensagens secretas e os seus projetos subliminais nas escolas e nos hospitais (as crianças e os doentes são altamente sugestionáveis), e em todos os locais públicos onde os auditórios possam receber um abrandamento preliminar por intermédio de um discurso ou de ritos que aumentam a sugestibilidade.

Das condições sob as quais podemos aguardar que a sugestão subliminal seja eficiente passamos agora à própria sugestão. Em que áreas deverá dirigir-se o propagandista ao subconsciente das suas próprias vítimas? Ordens diretas ("Compre pipoca" ou "Vote em Jones") e afirmações categóricas ("O Socialismo cheira mal" ou "O dentifrício X abole o mau hálito") só terão, talvez, efeito naqueles espíritos que já são por Jones e pelo milho torrado, já despertas para os perigos dos odores do corpo e da propriedade pública dos instrumentos de produção. Mas para robustecer a fé existente não basta isto; o propagandista, se for digno desse nome, deve gerar nova fé, deve saber como atrair o indiferente e o indeciso para o seu lado, deve ser capaz de abrandar e talvez até de convencer os que lhe são contrários. À asseveração subliminal e à ordem, deve acrescer a persuasão subliminal.

Acima do limiar de consciência, um dos meios mais eficientes da persuasão não-racional é o que se pode denominar persuasão "por associação". O propagandista associa caprichosamente o seu produto selecionado, ou o seu candidato ou a sua causa com uma idéia, uma imagem de uma pessoa ou de uma coisa, que muita gente, de uma determinada cultura, considera, com razão um bem. Assim, numa promoção de vendas, a beleza feminina pode ser coisa, desde o "bulldozer" até um diurético; numa campanha política o patriotismo pode ser associado com qualquer causa desde a segregação até à integração, e com qualquer tipo de pessoa, desde Mahatma Gandhi até ao senador McCarthy. Há alguns anos, na América Central, notei um exemplo de persuasão por associação que me encheu de espanto aterrorizado pelos homens que a imaginaram. Nas montanhas da Guatemala, as únicas obras de arte importadas são os calendários coloridos, distribuídos gratuitamente pelas companhias estrangeiras que vendem os seus produtos aos índios. Os Americanos representavam cães, paisagens, jovens beldades seminuas em seus calendários; porém para os nativos, os cães não vão além de objetos úteis, as paisagens nevadas, que se fartaram de presenciar todos os dias e as loiras seminuas parecem-lhes sem nenhum atrativo, talvez até um pouco repugnantes. Consequentemente, os calendários americanos conseguiram muito menos êxito do que os calendários alemães, porque estes haviam tido a precaução de procurar o que os índios admiravam, o que lhes despertava interesse, e lembro-me em particular de uma verdadeira obra-prima de propaganda comercial. Era o calendário distribuído por um fabricante de aspirina. Ao fundo da imagem, via-se a marca usual sobre o familiar tubo de comprimidos brancos. Acima, nada de paisagens nevadas ou de florestas no Outono, cães felpudos, ou beldades despidas. Não – os hábeis alemães haviam associado o seu analgésico a um quadro requintadamente colorido e vivo da Santíssima Trindade, sob uma nuvem horizontal, ladeado por S. José e pela Virgem Maria,

de uma combinação de santos e de revoadas de anjos. As virtudes milagrosas do ácido acetilsalicílico eram garantidas desta maneira, nos espíritos simples e profundamente religiosos dos índios, pelo Deus Pai e por toda a corte celestial.

Este tipo de persuasão por associação é algo a que parecem moldar-se particularmente bem as técnicas de projeção subconsciente. Numa série de experiências levadas a cabo pela Universidade de Nova York, sob os auspícios do Instituto Nacional da Saúde, descobriu-se que os sentimentos de uma pessoa acerca de qualquer imagem vista conscientemente podem ser modificados pela sua associação, ao nível subconsciente, com outra imagem, ou melhor, com palavras portadoras de valor. Assim, quando associada ao nível subconsciente, com a palavra "feliz", uma face sem expressão parecerá que sorri, que olha amigavelmente, amavelmente, acolhedoramente. Quando a mesma face fora associada, também no plano subconsciente, com o termo "furioso", mostrava-se agressiva, desagradável e hostil. (Para um grupo de mulheres jovens, a figura parecia muito masculina – ao passo que, quando era associada com a palavra "feliz", viam a face como se esta pertencesse a um indivíduo do seu próprio sexo. Pais e maridos, façam o favor de tomar nota.) Para o propagandista comercial e político, estas descobertas são, como é evidente, altamente expressivas. Se conseguir deixar as suas vítimas num estado excepcionalmente elevado de sugestibilidade, se puder apresentar-lhes, quando se encontram neste estado, a coisa ou pessoa ou, mediante um símbolo, a coisa que tem para lhes oferecer, e se, no plano subconsciente, pode associar essa coisa ou pessoa ou símbolo, com qualquer palavra, ou imagem portadora de valor, o propagandista será capaz de modificar os sentimentos ou opiniões das pessoas, sem que elas tenham a mínima idéia do que ele está realizando. Será possível, segundo um grupo comercial empreendedor de Nova Orleans, aumentar, mediante o uso desta técnica, o valor recreativo dos filmes e das peças de televisão. As pessoas apreciam sentir emoções fortes e, portanto, admiram as tragédias, os melodramas,

os filmes policiais e as narrações de grandes paixões. A dramatização de uma batalha ou de um beijo produz fortes emoções nos espectadores. Podia gerar até emoções mais fortes se fosse associada, ao nível subconsciente, às palavras ou símbolos apropriados. Por exemplo, na versão filmada do Adeus às Armas, a morte da heroína, durante o parto, pode ser tornada mais pungente do que já é, mediante a repetida projeção subliminal na tela, durante o desenrolar da cena, de palavras tão nefastas como "dor", "sangue" e "morte". As palavras não serão conscientemente vistas; mas o seu impacto sobre o subconsciente pode ser muito grande, e estes impactos podem reforçar, e muito, as emoções evocadas, ao nível da consciência, pela ação e pelo diálogo. Se, como parece certo, a projeção subliminal pode avivar poderosamente as emoções sentidas pelos freqüentadores de cinema, a indústria cinematográfica pode ser salva da bancarrota – se os produtores de peças de televisão não se apropriarem da idéia primeiro.

Em face do que se disse sobre a persuasão por associação e da intensificação de emoções por sugestão subliminal, calculemos o que será uma reunião política do futuro. O candidato (se ainda houver candidatos), ou o representante indicado da oligarquia dirigente fará o discurso que todos ouvirão. Entretanto, os taquistoscópios, as máquinas de transmitir mensagens secretas e segredadas, os projetores de imagens tão fracas que só o subconciente lhes pode reagir, fortalecerão o que ele diz, através da associação sistemática do homem e da sua causa, a palavras sobrecarregadas de valores positivos e de imagens veneradas, e pela "injeção estrombônica" de palavras sobrecarregadas de valores negativos e de símbolos odientos, sempre que ele cite os inimigos do Estado ou do Partido. Nos Estados Unidos da América, reflexos rápidos de Abraham Lincoln e as palavras "governo pelo povo" serão projetadas na tribuna. Na Rússia, o locutor será, talvez, associado a imagens rápidas de Lenine, com as palavras "democracia do povo", e a barba profética do Pai Marx. Porque tudo isto sucederá num futuro ainda bastante

remoto, podemos sorrir. Porém, daqui a dez ou vinte anos parecerá, possivelmente, um pouco menos divertido. Porque o que é agora mera ficção científica, tornar-se-á um fato político de todos os dias. Poetzl foi um dos profetas que esqueci ao escrever o Admirável Mundo Novo. Na minha ficção não há qualquer referência à projeção subliminal. É um erro de omissão que, se voltasse a escrever o livro novamente, eu corrigiria certamente.

.:: 10. Hipnopédia ::.

Pelos fins do outono de 1957, o Woodland Road Camp, uma instituição penal localizada em Tulare County, na Califórnia, foi alvo de uma experiência bastante curiosa e interessante. Alto-falantes em miniatura foram dispostos sob os travesseiros de um grupo de presos que se tinham oferecido para ser cobaias de uma experiência de psicologia. Cada um dos alto-falantes de cabeceira estava ligado a um fonógrafo localizado no gabinete do diretor. Durante a noite, a cada hora que se escoava, um murmúrio moralizador repetia um rápido sermão sobre "os princípios da vida moral". Acordando à meia-noite, um prisioneiro podia ouvir a voz enaltecer as virtudes cardiais ou sussurrar, em nome do que havia de melhor em si próprio, "Estou cheio de amor e de compaixão por todos, assim me ajude Deus."

Depois de ler isto sobre Woodland Road Camp, voltei ao segundo capítulo do Admirável Mundo Novo. Neste capítulo, o Diretor das Incubadoras e do Condicionamento para a Europa Ocidental explica a um grupo de jovens condicionadores e técnicos de incubação o funcionamento deste método de educação ética controlado pelo Estado, conhecido no século VII d. F. pela denominação de Hipnopédia. Os primeiros ensaios de ensino feitos durante o sono, fala o Diretor ao seu auditório, foram mal orientados e, portanto, inúteis. Os educadores tentaram dar um treino intelectual aos seus alunos sonolentos. Porém, a atividade intelectual é inconciliável com o sono. A hipnopédia só obteve êxito quando foi usada para treino moral – por outras palavras, para condicionamento do comportamento através da sugestão verbal num tempo de resistência psicológica diminuída. "O condicionamento sem palavras é grosseiro e inteiriço, não pode inculcar os modos de comportamento mais complicados exigidos pelo Estado. Para isso são necessárias palavras, mas palavras sem razão..." o tipo de palavras que não requerem qualquer raciocínio para serem compreendidas, mas podem ser sorvidas em bloco pelo cérebro adormecido. Esta é a

verdadeira hipnopédia, "a maior força de moralização e de socialização de todos os tempos". No Admirável Mundo Novo, nenhum cidadão pertencente a uma classe inferior causou jamais qualquer perturbação. Por quê? Porque, desde o momento em que pôde falar e compreender o que lhe diziam, toda criança de uma classe inferior era exposta a sugestões vagamente repetidas, noite após noite, durante as horas de modorra e de sono. Estas sugestões eram "semelhantes a gotas de lacre líquido, gotas que grudam, se incrustam, se agregam a si próprias naquilo sobre o que caem, até que, por fim, a rocha não se parece mais do que uma massa encarnada. Até que, finalmente, o espírito da criança seja estas sugestões, e a soma destas sugestões seja o espírito da criança. E não apenas o espírito da criança. Mas também o espírito do adulto – durante toda a sua vida. O espírito que decide e que anela e julga – constituído por estas coisas sugeridas. Mas estas sugestões são as nossas sugestões – as sugestões do Estado..."

Atualmente, tanto quanto sei, as sugestões hipnopédicas não foram administradas por um estado superior a Tulare County, e a natureza das sugestões hipnopédicas aplicadas em Tulare, aos infratores da lei, é vulgar. Se todos nós, e não apenas os habitantes de Woodland Road Camp, pudéssemos estar realmente repletos de amor e compaixão por todos durante o sono! Não, não é contra a mensagem transmitida pelo sussurro inspirador que apontamos objeções; é contra o método de ensino durante o sono realizado pelos poderes do Estado. É a hipnopédia o tipo de instrumento que personagens oficiais, encarregadas de exercer a autoridade numa sociedade democrática, devem ter autorização para usar como bem lhes parecer? Na atual instância, estão aplicando esse instrumento apenas em voluntários imbuídos das melhores das intenções. Mas não há certeza de que, em outras situações, as intenções sejam boas ou que a doutrinação tenha um fundamento voluntário. Qualquer lei ou prescrição social que torne viável a personagens oficiais serem levados à tentação é má. Qualquer lei ou preceito

que os preserve de serem tentados de abusar do poder que lhes foi delegado, em seu benefício próprio, ou para benefício do Estado ou de alguma organização política, econômica ou eclesiástica, é boa. A hipnopédia, se fosse eficiente, seria um instrumento penosamente poderoso nas mãos de uma pessoa qualquer que se encontre numa posição que lhe permitisse impor sugestões sobre um auditório que não seja livre. Uma sociedade democrática está baseada na certeza de que se abusa muitas vezes do poder e que é conveniente, consequentemente, não o confiar aos funcionários, senão em porções limitadas e por intervalos de tempo reduzidos. Numa tal sociedade, o uso da hipnopédia por funcionários do Estado seria regulado pela lei – supondo, bem entendida, que a hipnopédia é, na realidade, um instrumento do poder. Mas é realmente um instrumento de poder? Funcionará ele tão bem quanto o imaginei em funcionamento no século VII depois de Ford? Analisemos os fatos.

No Psychological Bulletin de julho de 1955, Charles W. Simon e William H. Emmons analisaram e criticaram os dez estudos mais importantes que se efetuaram neste domínio. Todos estes estudos diziam respeito à memória. O ensino efetuado durante o sono ajudará o aluno quando se trata de aprender de cor? E até que ponto é que o material sussurrado ao ouvido da pessoa adormecida é recordado na manhã seguinte quando a pessoa desperta? Simon e Emmons respondem da seguinte forma : "Dez estudos sobre o ensino realizado durante o sono foram examinados e vários deles foram mencionados indiscriminadamente por empresas comerciais, ou em revistas de divulgação e artigos de jornal, como provas a favor da viabilidade de aprender enquanto dormimos. Foi feita uma análise crítica da organização das experiências em causa, das estatísticas, da metodologia e dos meios aplicados para definir o sono. Todos os estudos revelaram pontos fracos em um ou vários destes campos. Não determinavam com uma clareza inequívoca que sejam assimilados conhecimentos pelo sujeito enquanto dorme realmente. Parece, contudo, que se produz um tipo de aquisição

num estado de vigília particular, de tal maneira que os pacientes já não se lembram depois se estavam ou não acordados. Este fenômeno é capaz de ter uma grande importância prática do ponto de vista da economia do tempo de estudo, mas não pode ser analisado como um ensino durante o sono... O problema fica parcialmente ofuscado por uma definição insuficientemente precisa do sono".

Permanece, no entanto o fato de que, no exército americano, no transcorrer da última guerra mundial (e mesmo durante a primeira, a título experimental), cursos do código Morse e de línguas estrangeiras ministrados durante o dia eram completados por instruções durante o sono – com resultados que parecem satisfatórios. Desde o fim das hostilidades, várias empresas comerciais, nos Estados Unidos e em outros países, venderam grandes quantidades de alto-falantes de cabeceira, de fonógrafos com mecanismos de relojoaria e de magneto-fones e atares que tinham urgência de decorar os seus papéis, a políticos e a pregadores que queriam dar a ilusão de uma eloquência natural, a estudantes que se preparavam para os exames e por fim àqueles, incontáveis, que não estão satisfeitos consigo próprios e desejariam que a sugestão ou a auto-sugestão os ajudassem a tornar-se diferentes. A sugestão que cada um ministra a si próprio pode ser gravada com facilidade numa fita magnética e ouvida, repetidas vezes, de dia e durante o sono. As sugestões exteriores podem ser adquiridas sob a forma de discos portadores de uma variedade bastante considerável de conselhos salutares. Há no comércio discos que libertam da tensão e levam a um profundo relaxamento, a fim de favorecer a confiança em si (muito solicitados pelos caixeiros viajantes), discos para aumentar os nossos atrativos e tornar a personalidade mais marcante.

Entre os que estão mais em moda, encontram-se os que permitem a realização da harmonia sexual e os discos para quem quer emagrecer. ("Sou indiferente ao chocolate, insensível à atração de batatas, desinteressado por completo de bolos".) Há discos para melhorar a saúde, e até para ganhar mais dinheiro. E a

coisa realmente notável é que, segundo testemunhos não solicitados, enviados por reconhecidos compradores destes discos, muitas pessoas ganham realmente mais dinheiro após ouvirem as sugestões hipnopédicas indicadas para este caso; muitas senhoras obesas emagrecem e muitos casais à beira do divórcio conseguem a harmonia sexual e vivem, a partir de então, felizes.

Neste contexto, um artigo de Theodore X. Barber, "Sono e hipnose", aparecido em The Journal of Clinicai and Experimental Hypnosis de outubro de 1956, é mais elucidativo. O sr. Barber assinala que há uma diferença expressiva entre o sono leve e o sono profundo. No sono profundo o eletroencefalograma não registra ondas alfa; no sono leve, elas aparecem. Nestas circunstâncias, o sono leve está mais próximo das situações de vigília e de hipnose (em ambos se apresentam as ondas alfa) do que no sono profundo. Um ruído violento fará despertar uma pessoa adormecida profundamente. Um estímulo menos violento não a fará despertar, mas ocasionará o reaparecimento das ondas alfa. O sono profundo cedeu lugar durante algum tempo ao sono leve.

Uma pessoa adormecida profundamente não é sugestionável. Mas quando são dadas sugestões a pacientes mergulhados em sono leve, eles responderão a essas sugestões, da mesma maneira como reagem a sugestões quando em estado de hipnose, segundo diz o sr. Barber.

Muitos dos que exploraram pela vez primeira o hipnotismo fizeram experiências análogas. Na sua clássica History, Practice and Theory of Hypnotism, inicialmente publicada em 1903, Milne Bramwell assinala que "muitas autoridades apregoam ter alterado o sono natural em sono hipnótico. Segundo Wetterstrand, por vezes é bastante fácil entrarmos em comunicação com pessoas adormecidas, notadamente crianças... Wetterstrand julga de grande valia prática este método de gerar a hipnose e afirma que o aplicou muitas vezes com êxito." Branwell cita, neste sentido, vários outros hipnotizadores com experiência (inclusive

autoridades eminentes como Bernheim, Moll e Forel). Hoje, um experimentador não falaria de "mudança do sono natural em sono hipnótico". Tudo o que pode dizer é que o sono leve (oposto ao sono pesado sem ondas alfa) é uma situação em que muitos pacientes receberão sugestões tão facilmente como sucede quando estão sob a hipnose. Por exemplo, depois de lhes dizerem, quando levemente adormecidos, que não demorarão a acordar sedentos, muitos pacientes despertarão de fato com a boca seca e uma sede ardente. O córtex pode estar bastante inativo para pensar com clareza, mas desperto suficientemente para reagir a sugestões e enviá-las ao sistema nervoso autônomo.

Como já observamos, o muito conhecido médico e experimentador sueco, Wetterstrand, conseguia êxito em particular no tratamento hipnótico de crianças adormecidas. Os métodos de Wetterstrand são seguidos em nossos dias por numerosos pediatras que instruem as jovens mães na arte de dar sugestões valiosas aos filhos durante as horas em que estes se encontram levemente adormecidos. Através desta espécie de hipnopédia, as crianças podem ser curadas da incontinência de urina e de onicofagia, permite que se preparem os pequenos doentes para sofrerem, sem apreensão, uma intervenção cirúrgica, para lhes transmitir confiança e segurança, quando, por qualquer motivo, as circunstâncias da sua vida se tornaram aflitivas. Verifiquei, pessoalmente, os apreciáveis resultados conseguidos por esse processo em crianças, e é possível que o método não fosse menos eficiente para adultos.

Para o aspirante a ditador, a moral de tudo isto é notória. Sob condições adequadas, a hipnopédia oferece resultados efetivamente – resultados, parece, tão eficientes como a hipnose. Muitas das coisas que se podem fazer com uma pessoa em estado hipnótico podem ser feitas com uma pessoa levemente adormecida. As sugestões orais podem ser comunicadas através do córtex sonolento para o cérebro médio, para a medula alongada e para o sistema nervoso autônomo. Se estas sugestões são bem concebidas e repetidas com freqüência, as funções

corpóreas de quem está dormindo podem ser excitadas ou inibidas, e é possível alojar novos modelos de sentimento ao passo que os antigos são modificados, é possível darem-se ordens pós-hipnóticas, slogans, fórmulas, e palavras-chave profundamente gravadas na memória. As crianças são melhores pacientes hipnopédicos do que os adultos, e o aspirante a ditador auferirá. vantagem do fato. As crianças das creches e dos jardins de infância serão submetidas a sugestões hipnopédicas durante o sono da tarde. Para as crianças mais idosas, e particularmente para os filhos dos membros do partido – rapazes e moças que crescerão para serem dirigentes, administradores e professores – haverá internatos, em que uma esmerada educação diurna será completada pelo ensino noturno durante o sono. No caso dos adultos, será dedicada atenção particular ao doente. Como Pávlov comprovou há muitos anos, os cães dotados de grande envergadura mental e de grande resistência tornam-se totalmente sugestionáveis depois de uma operação ou quando sofrem de um mal debilitante. O nosso ditador cuidará, portanto, para que cada enfermaria seja dotada com aparelhagem sonora. Uma apendicectomia, um parto, uma pneumonia ou uma hepatite, podem constituir motivo para um curso intensivo sobre a lealdade e a verdadeira fé, um calmante dos princípios da ideologia local. Outras assistências cativas podem encontrarse nas prisões, nos campos de trabalho, nos acampamentos militares, barcos em viagem, trens e aeroplanos, durante a noite, nas soturnas salas de espera das rodoviárias e das estações ferroviárias. Ainda que as sugestões dadas a estas assistências forçadas só fossem eficientes em dez por cento dos casos, os resultados ainda seriam impressionantes e, para um ditador, altamente desejáveis.

Da sugestibilidade aumentada, em associação com o sono leve e com a hipnose, passemos à sugestibilidade normal dos que estão acordados – ou, pelo menos, que se supõem acordados. (Na realidade, como insistem os budistas, muitas pessoas estão meio adormecidas durante todo o tempo e passam a vida como

sonâmbulos que obedecem às sugestões de qualquer pessoa. A iluminação é o despertar total. A palavra Buda pode traduzir-se por "o Iluminado".)

Do ponto de vista genético, cada ser humano é único e em muitos sentidos diferente de qualquer outro ser humano. A escala das variações individuais, partindo-se do normal estatístico, é surpreendentemente ampla. E o normal estatístico, recordêmo-la, é útil tão só para os cálculos dos estatísticos, não na vida real. Na vida real não há pessoa que corresponda ao homem médio. Há apenas homens particulares, mulheres e crianças particulares, cada um com as suas idiossincrasias inatas, físicas e mentais, e todos eles tentando (ou sendo impelidos) comprimir as suas diversidades biológicas na conformidade de um molde cultural.

A sugestibilidade é uma das qualidades que variam correspondentemente de indivíduo para indivíduo. Os fatores mesológicos desempenham, certamente, o seu papel na modelação da maior ou menor receptividade a sugestões das pessoas, mas há, outrossim, de maneira não menos carreta, diferenças constitucionais no tangente à sugestibilidade dos indivíduos. A extrema resistência à sugestão é bastante rara. Ainda bem. Porque, se cada pessoa fosse tão incapaz de ser sugestionada como algumas o são, a vida em sociedade seria impossível. As sociedades podem funcionar com um grau razoável de eficiência porque muitas pessoas são, em grau variável, facilmente sugestionáveis. A sugestibilidade extrema é mais ou menos tão rara como a incapacidade extrema para ser sugestionada. E também felizmente que assim o seja. Porque se muitas pessoas fossem tão receptivas em relação a sugestões exteriores como os homens e as mulheres que se acham nos limites extremos da sugestibilidade, a escolha livre, racional, tornar-se-ia praticamente impossível, para a maioria dos eleitores, e as instituições democráticas não poderiam sobreviver, nem sequer teriam surgido.

Há alguns anos, no "Massachusetts General Hospital", um grupo de investigadores fez um conjunto de experiências

extremamente reveladoras sobre o efeito analgésico do placebo. (Um placebo é algo que um doente crê ser uma droga ativa, mas que é, realmente, farmacologicamente inócua.) Nestas experiências, os pacientes eram cento e sessenta e dois doentes que acabavam de ser operados e padeciam grandes dores. Onde quer que um paciente pedisse um medicamento para se livrar da dor, davam-lhe uma injeção, ou de morfina ou de água destilada. Todos os pacientes receberam injeções de morfina e outras de placebo. Cerca de trinta por cento dos pacientes não obtiveram qualquer resultado com o placebo. Por outro lado, catorze por cento conseguiram alívio depois de todas as injeções de água destilada. Os restantes cinqüenta e cinco por cento, obtinham alívio com o placebo em algumas ocasiões, em outras não.

Sob quais aspectos diferiam entre si estes dois grupos? Estudos meticulosos e aprofundados comprovaram que a idade e o sexo não constituíam fatores significativos. Os homens reagem ao placebo tão normalmente como as mulheres, e os jovens com tanta freqüência quanto os adultos. Mesmo a inteligência, quando medida pelos testes normais, se apresenta como um fator de destaque. O Quociente de Inteligência de ambos os grupos era relativamente o mesmo. Era, acima de tudo, no temperamento, nos modos de reagir em relação a si próprios e em relação aos outros, que os indivíduos dos dois grupos eram significativamente desiguais. Os que reagiam cooperavam mais do que os que não reagiam, menos críticos e menos suspeitosos. Não davam trabalho às enfermeiras e pensavam que os cuidados que recebiam no hospital eram simplesmente "maravilhosos". Porém, se bem que mais cordiais para com os demais, do que os que não reagiam, sentiam-se geralmente muito mais ansiosamente preocupados consigo próprios. Sob tensão, esta ansiedade propendia a transferir-se para vários sintomas psicossomáticos, tais como indigestões, diarréias e dores de cabeça. Contudo, ou devido à ansiedade, muitos dos que reagiam mostravam-se menos inibidos na manifestação da sua emoção do que os que não reagiam, e mais inconstantes. Eram também muito mais

religiosos, muito mais preocupados com as coisas da sua igreja e muito mais preocupados, sob um nível subconsciente, com os seus órgãos abdominais e pélvicos.

É interessante fazer uma comparação entre estes números relativos ao placebo com os cálculos realizados, no seu campo especial, pelos adeptos do hipnotismo. Um quinto da população aproximadamente pode ser hipnotizada muito facilmente, é o que nos dizem. Outro quinto não pode ser hipnotizado de maneira alguma, ou só pode ser hipnotizado quando as drogas, ou a fadiga, lhes minaram a resistência psíquica. Os três quintos restantes podem ser hipnotizados pouco menos facilmente do que o primeiro grupo, mas de maneira bem mais fácil do que o segundo. Um fabricante de discos hipnopédicos narrou-me que aproximadamente vinte por cento dos seus clientes sentiam-se entusiasmados e contavam extraordinários resultados conseguidos em muito pouco tempo. No outro extremo do fantasma de sugestibilidade há uma minoria de oito por cento que pede o reembolso da despesa. Entre estes dois extremos, acham-se as pessoas que não conseguem resultados rápidos, mas que são suficientemente sugestionáveis para que alcancem resultados a longo prazo. Se continuarem a ouvir incessantemente as instruções hipnopédicas apropriadas acabarão por obter o que querem – confiança em si próprias ou harmonia sexual, menos peso ou mais dinheiro.

Os ideais da democracia e da liberdade vão de encontro com o caso brutal da sugestibilidade humana. Um quinto dos eleitores pode ser hipnotizado quase num abrir e fechar de olhos, um sétimo pode ser aliviado das suas dores mediante a aplicação de injeções de água, um quarto responderá de pronto e entusiasticamente à hipnopédia. A todas estas minorias bastante dispostas a cooperar, devemos acrescentar as maiorias de reações mais lentas, cuja sugestibilidade menos acentuada pode ser explorada por qualquer manipulador cônscio de sua função, pronto a dedicar para isso o tempo e os esforços indispensáveis.

É a liberdade individual conciliável com um elevado grau de sugestibilidade individual? Podem as instituições democráticas reagir contra a subversão exercida do interior por especialistas hábeis na ciência e no mister de explorar a sugestibilidade dos indivíduos e da multidão? Até que ponto pode ser neutralizada pela educação, para benefício do próprio indivíduo ou para benefício de uma sociedade democrática, a tendência natural para ser sugestionável em excesso? Até que ponto pode ser controlada, pela lei, a exploração da sugestibilidade extrema, por parte de homens de negócio e de eclesiásticos, por políticos dentro e fora do poder? Explícita ou implicitamente, as duas primeiras perguntas foram estudadas no decorrer dos capítulos precedentes. Nos que se seguem abordarei os problemas da prevenção e da cura.

.:: 11. Educação para a Liberdade ::.

A educação para a liberdade deve começar por impor fatos e por expor argumentos de valor, e deve ir ao ponto de gerar técnicas apropriadas à execução de valores e ao combate de quem que, por qualquer motivo, prefere a ignorância da realidade ou a negação dos valores.

Em capítulo anterior discorri sobre a Ética Social, em termos tais que os males oriundos da superorganização e de superpopulação são justificados e surgem como bens. É um tal sistema de valores que concordam com o que conhecemos do corpo e do temperamento humanos? A Moral Social afirma que a educação é de máxima importância na definição do comportamento humano e que a natureza – o equipamento psico-físico com os quais os indivíduos nasceram – é um fator desprezível. Porém, será isto realidade? Será verdade que os seres humanos nada mais são do que produtos do seu ambiente social? E se não for verdade, que justificativa pode alegar-se para o caso de se afirmar que o indivíduo tem menos importância do que o grupo do qual é membro?

Todos os informes disponíveis nos levam à dedução de que, na vida dos indivíduos e da sociedade, a hereditariedade não é menos expressiva do que a cultura. Todo indivíduo é biologicamente único e distinto dos demais indivíduos. A liberdade é, pois, um grande bem, a tolerância uma grande virtude e a associação uma grande desgraça. Por razões práticas ou utopistas, os ditadores, os Homens de Organização e alguns cientistas estão ávidos por reduzir a exasperante diversidade da qualidade humana a uma sorte de uniformidade maneável. Na primeira maré deste fervor behaviourista, J. B. Watson declarou, formalmente, que não conseguia encontrar "qualquer indicação em prol da existência de métodos de comportamento hereditários, nem das capacidades especiais (artísticas, etc.) que se supõem receber da família." Hoje ainda, ouvimos um eminente psicólogo, o Prof. B. F. Skinner, de Harvard, afirmar que "quanto

mais a explicação científica se torna compreensiva, tanto mais a contribuição que se pode atribuir ao indivíduo tende aproximar-se de zero. Os exaltados poderes criativos do homem, as suas realizações artísticas, científicas e morais, a sua capacidade de optar e o nosso direito de julgá-lo responsável pelas conseqüências da sua escolha – tudo isto é insignificante diante do novo auto-retrato científico." Em suma, as peças de Shakespeare não foram escritas por ele, nem mesmo por Bacon ou pelo conde de Oxford; foram escritas pela Inglaterra Elizabetiana.

Há mais de sessenta anos, William James redigiu um trabalho sobre Os Grandes Homens e o seu meio, no qual tentava defender o indivíduo excepcional contra os ataques de Herbert Spencer. Este declarara que "A Ciência" (essa personificação maravilhosamente conveniente das opiniões dos Profs. X, Y, Z, em determinada data) abolira totalmente o Grande Homem. "O Grande Homem", anotara Spencer, "deve ser classificado juntamente com os outros fenômenos na sociedade que lhe deu o ser, como um derivado dos seus antecedentes." O grande homem pode ser (ou parece ser) "o iniciador imediato de transformações... Porém, se quisermos encontrar-lhes uma explicação um tanto verídica necessário é que a procuremos neste conglomerado de circunstâncias e de condições de que o Grande Homem e as modificações apareceram". Eis uma daquelas profundezas vazias a que se não pode atribuir, talvez, qualquer sentido prático. O que o nosso filósofo diz é que temos necessidade de tudo conhecer antes de podermos compreender a fundo o que for. Não há dúvida. Realmente, porém, jamais teremos conhecimento de tudo. Devemos contentar-nos, portanto, com o conhecimento parcial e com as causas próximas – incluindo entre elas a influência dos grandes homens. "Se qualquer coisa for humanamente certa", escreve William James, "é que a sociedade do grande homem, propriamente dita, não o faz antes de que ele possa refazê-la. Forças fisiológicas, com as quais as condições sociais, políticas,

geográficas e, em larga escala, antropológicas, apresentam exatamente tanta analogia, nem mais, nem menos, quanto a cratera do Vesúvio está em relação com a vacilação do gás que me alumia neste instante, eis o que torna o grande homem. Afirmará o sr. Spencer que as pressões sociológicas dirigiram-se com tanto ímpeto sobre StatforduponAvon por volta de 26 de abril de 1564, que certo W. Shakespeare, com todas as suas peculiaridades mentais, teve de nascer lá?... Quererá ele afirmar que, se o supramencionado W. Shakespeare tivesse sucumbido de cólera infantil, uma outra mãe de Stratford-upon-Avon deveria apresentar uma cópia igual ao original para restabelecer o equilíbrio sociológico?"

O Prof. Skinner é um psicólogo experimentado, e o seu trabalho sobre "A Ciência e o Comportamento Humano" está baseado firmemente sobre fatos. Porém, infelizmente, estes pertencem a uma classe tão reduzida que, quando o autor se arrisca finalmente a fazer uma propagação, as suas conclusões são tão elementares e tão remotas da realidade quanto as do teorista vitoriano. Não podia ser de outra maneira, porque a indiferença do Prof. Skinner relativamente ao que William James chamava "forças fisiológicas" é quase tão completa como a de Herbert Spencer. As causas genéticas determinantes do comportamento humano são resumidas em menos de uma página pelo Prof. Skinner. No seu livro não há a menor alusão às descobertas da medicina constitucional, nem a essa psicologia constitucional cujos princípios seriam os únicos que permitiriam (tanto quanto posso julgar) que narrássemos a biografia completa e realista de um indivíduo, em relação aos casos relevantes da sua existência – o corpo, o temperamento, os dotes intelectuais, o meio imediato em cada instante, o tempo, situação e cultura. Uma ciência do comportamento humano é semelhante à ciência do movimento no abstrato – necessária, mas, por si própria, totalmente imprópria aos acontecimentos. Consideremos uma libélula, um foguete, uma vaga que se desfaz. Os três casos ilustram as mesmas leis básicas do movimento; mas ilustram de maneiras

diferentes estas leis, e as peculiaridades são pelo menos tão importantes como as suas semelhanças. Por si próprio, um estudo do movimento quase nada pode apresentar-nos sobre o que, em dado momento, está se movendo. Igualmente, um estudo do comportamento, por si próprio, quase nada pode dizer-nos sobre o composto "corpo-espírito" individual que, em um dado instante, apresenta o seu comportamento. Mas para nós, que somos compostos "corpo-espírito", o conhecimento deles é de suma importância. Além do mais, sabemos por observação e experiência que as diferenças entre compostos "corpo-espírito" individuais são demasiadamente grandes, e que alguns compostos "corpo-espírito" podem prejudicar e prejudicam profundamente o seu ambiente social. Acerca deste último ponto, o sr. Bertrand Russel está em completo acordo com William James – e praticamente com toda a gente, acrescerei, com exceção dos proponentes do pensamento spenceriano ou behaviorístico. Segundo Russel os princípios das modificações históricas são de três espécies – desenvolvimento econômico, teoria política e individualidades importantes. "Não creio", disse Russel, "que qualquer uma delas pode ser ignorada, ou totalmente explicada como efeito de causas de outra natureza." Assim, se Bismarck e Lenine tivessem morrido na infância, o nosso mundo atual seria muito diferente do que, graças em parte a Bismarck e a Lenine, o é atualmente. "A História não é ainda uma ciência e só pode passar por científica graças à mistificação e omissões." Na vida real, na vida tal como é vivida no dia a dia, o individual nunca pode ser aniquilado por uma explicação. É apenas em teoria que a sua cooperação parece aproximar-se do zero; na prática, essa cooperação é de suma importância. Quando se executa um trabalho no mundo, o que o executa verdadeiramente? De quem são os olhos e os ouvidos que o percepcionam, o cérebro que o idealiza? Quem experimenta os sentimentos que fazem agir, a vontade que supera os obstáculos? Certamente não será o ambiente social; porque um grupo não é um organismo, porém apenas uma cega organização sem consciência. Tudo o que é

realizado dentro de uma sociedade é realizado pelos indivíduos. Estes indivíduos são, certamente, profundamente influenciados pela cultura local, pelos tabus e preconceitos morais, pela informação correta ou incorreta que se transmitiu do passado ao presente no corpo das tradições orais ou da literatura escrita; mas seja o que for que cada indivíduo tira da sociedade (ou, para sermos mais explícitos, o que ele recebe de outros indivíduos reunidos em associações, ou dos arquivos simbólicos coligidos por outros indivíduos, vivos ou mortos) será empregado por ele na sua própria e única maneira com os seus sentidos, a sua formação bioquímica, o seu físico, o seu temperamento e não com os dos outros. Nenhuma explicação científica, por mais completa e profunda que seja, pode eliminar estes fatos evidentes. E lembremos que a apresentação científica do homem, feita pelo Prof. Skinner, como produto do meio social, não é a única apresentação científica. Há outros, de aparências mais realistas. Consideremos, por exemplo, a exposição realizada pelo Prof. Roger Williams. O que ele representa, não é o comportamento em abstrato, mas complexos "corpo-espírito" a comportarem-se – complexos "corpo-espírito" que são, em parte, conseqüências do ambiente que partilham com outros complexos "corpo-espírito", em parte da sua hereditariedade particular. Em The Human Frontier e Free but Unequal, o Prof. Williams estendeuse, com provas abundantes e evidentes, sobre estas diferenças naturais entre indivíduos para as quais o Dr. Watson não encontrava qualquer apoio e cuja importância, aos olhos do Dr. Skinner, aproxima-se de zezo. Entre os animais, a diferença biológica dentro de uma dada espécie torna-se cada vez mais acentuada assim que subimos na escala da evolução. Esta diferença biológica é superior no homem, e os seres humanos apresentam um grau de diversidade bioquímica, estrutural e temperamental, superior à dos membros das outras espécies. É um fato facilmente observável. Mas o que eu denominei a Vontade de Ordem, o desejo de impor uma uniformidade compreensível acerca da diversidade embaraçante das coisas e dos

acontecimentos, levou muita gente a desconhecer este fato. Reduziram ao mínimo a unicidade biológica e concentraram toda a atenção em fatores ambientais, mais simples, e, no estado atual do conhecimento, mais compreensíveis, que abarcam o comportamento humano.

"Como resultado deste pensamento e desta investigação sediada sobre o ambiente", escreve o Prof. Williams, "a doutrina da uniformidade primordial dos filhos do homem foi declaradamente aceita e afirmada por um grande setor da psicologia social, da sociologia, da antropologia social, e por muitos outros investigadores, incluindo historiadores, economistas, pedagogos, juristas e homens públicos. Esta doutrina foi anexada à maneira predominante de pensamento de muita gente que teve ocasião de agir no campo da educação e da administração, e é muitas vezes aceita, sem discussão, por aqueles que pouco uso fazem do seu pensamento crítico."

É possível que um sistema ético fundado sobre uma apreciação tão realista dos dados da experiência seja mais benéfico do que maléfico. Porém muitos sistemas éticos foram alicerçados sobre uma apreciação da experiência, um ponto de vista sobre a natureza das coisas, que é funestamente irrealista. Tais éticas ocasionarão, talvez, mais prejuízos do que benefícios. Assim, até uma época bastante recente, acreditava-se piamente que o mau tempo, as doenças do gado e a impotência sexual podiam ser, e eram realmente em muitos casos, ocasionadas por ações malévolas de mágicos. Prender e exterminar mágicos era, por isso, um dever – e este dever, além disso, fora ordenado por Deus no segundo livro de Moisés: "Não sofras a fim de que viva um mágico". Os sistemas éticos e jurídicos que se alicerçavam sobre este errôneo ponto de vista sobre a natureza das coisas foram causa (durante os séculos em que foram levados mais a sério pelos homens e pelas autoridades) de males aterradores. Os excessos de espionagem, de linchamento, e do crime judicial, que estas errôneas concepções sobre a magia tornaram lógicas e obrigatórias, não foram igualadas até os nossos dias quando as

éticas comunistas e nazistas, a primeira alicerçada em pontos de vista errôneos sobre a economia, a segunda baseada¿ em pontos de vista errados sobre as raças, ordenaram e justificaram atrocidades numa escala ainda maior. conseqüências pouco menos indesejáveis seguem-se verossimilmente da aceitação generalizada de uma Ética Social, alicerçada do ponto de vista errôneo de que somos uma espécie amplamente sociável, que os filhos dos homens nascem uniformes e que os indivíduos são a. conseqüência do condicionamento levado a efeito pelo e dentro do ambiente coletivo. Se estes pontos de vista fossem corretos, se os seres humanos fossem, realmente, membros de espécies autenticamente saciáveis, e se as suas diferenças individuais fossem as menores possíveis e facilmente deléveis mediante um condicionamento adequado, não haveria então, necessariamente, necessidade de liberdade, e o Estado teria justificação para o fato de perseguir os heréticos que a reclamassem. Para a térmite individual, o serviço da termiteira representa a liberdade perfeita. Porém os seres humanos não são seres totalmente saciáveis; são apenas ligeiramente gregários. As suas sociedades não são organismos, à semelhança do cortiço ou do formigueiro, porém organizações, ou em outros termos, máquinas ad hoc preparadas para a vida coletiva. Além do mais, são tão grandes as diferenças entre indivíduos que, malgrado a mais intensa cultura transformadora, um endomorfo extremo (usando a terminologia de W. H. Sheldon) há de reter as suas características viscerotônicas, sociáveis, um mesomorfo extremo permanecerá energeticamente somatotônico apesar de tudo, e um ectomorfo será sempre cerebrotônico, introvertido e hipersensível. No Admirável Mundo Novo da minha ficção, o comportamento socialmente desejável seria garantido por um processo duplo de manipulação genética e condicionamento pós-natal. As crianças seriam geradas em provetas e estaria, assim, assegurado um alto grau de uniformidade do produto humano, devido a utilização de óvulos provenientes de um número reduzido de mães, através do tratamento a que cada um deles seria submetido, de maneira tal

que seriam realizadas neles divisões e subdivisões até o infinito, gerando gêmeos idênticos em quantidades de uma centena ou mais. Assim sendo, seria possível fabricar máquinas-padrão possuidoras de cérebro para servir a máquinas-padrão. E a padronização das máquinas detentoras de cérebro seria aperfeiçoada, após o nascimento, pelo condicionamento infantil através da hipnopédia e pela euforia quimicamente induzida como substituição para a satisfação de nos sentirmos livres e criadores. No mundo em que vivemos, como foi assinalado em capítulo anterior, enormes forças impessoais estão agindo a favor da centralização do poder e por uma sociedade centralizada. A padronização genética dos indivíduos é, por enquanto, impossível; mas o Grande Governo e o Alto Negócio já possuem, ou não tardarão a possuir, todas as técnicas de manipulação do espírito descritas no Admirável Mundo Novo, além de outras que, por falta de imaginação, não pude idealizar. Faltando-lhes capacidade para impor a uniformidade genética aos embriões, os dirigentes do superpovoado e superorganizado mundo do futuro tentarão impor a uniformidade social e cultural sobre os adultos e sobre os seus filhos. Para conseguirem este objetivo, lançarão mãos (a menos que sejam impedidos) de todas as técnicas de manipulação do espírito de que disponham, e não titubearão em reforçar estes meios de persuasão não-racional pela pressão econômica e pela ameaça de torturas físicas. Se desejarmos que este tipo de tirania seja evitado, devemos começar, sem demora, a educar-nos a nós e aos nossos filhos para a liberdade e o autogoverno.

Uma tal educação para a liberdade será, como disse, uma educação alicerçada, em princípio, em fatos e valores – os fatos atinentes à diversidade individual e à unicidade genética, e os valores de liberdade, tolerância e caridade mútuas que são as conseqüências éticas deste fatos. Porém, infelizmente, o conhecimento exato e princípios sólidos não são suficientes. Uma verdade sem luz pode ser eclipsada por uma falsidade apaixonante. Um apelo hábil à paixão é, geralmente, demasiado

forte contra as melhores das boas intenções. As conseqüências da propaganda falsa e perniciosa só podem ser bloqueadas por um treino sólido no mister de analisar as suas técnicas e de enxergar claramente através dos seus sofismas. A linguagem tornou possível o progresso do homem da selvageria à civilização. Contudo a linguagem inspirou, também, essa loucura perseverante e essa maldade sistemática, essa maldade verdadeiramente diabólica que não são menos distinções do comportamento humano do que as virtudes do pensamento metodicamente previdente e da contínua benevolência angélica inspiradas pela palavra. Àqueles que a usam, a palavra permite-lhes que prestem atenção às coisas, às pessoas e aos acontecimentos, quando as coisas e as pessoas estão ausentes e os acontecimentos estão por se realizar. A linguagem dá clareza e nitidez às nossas recordações e, traduzindo as experiências em símbolos, converte a fugacidade imediata do desejo ou do horror, do amor ou do ódio, em princípios duradouros do sentimento e da conduta, de maneira que não tendo nós consciência, o sistema reticular do cérebro seleciona, de uma quantidade inumerável de estímulos, aquelas parcas experiências que são de importância prática para nós. Destas experiências selecionadas a esmo, separamos e abstraímos mais ou menos conscientemente um relativo número, que catalogamos com palavras do nosso vocabulário e classificamos, então, num sistema ao mesmo tempo metafísico, científico e ético, construído por outras palavras do mais elevado nível de alheamento. Nos casos em que a seleção e alheamento não foram inspirados por um método que não é demasiado errôneo como ponto de vista sobre a natureza das coisas, e onde os rótulos verbais foram inteligentemente selecionados e a sua natureza aparente claramente compreendida, o nosso comportamento será capaz de ser realista e toleravelmente decente. Porém, sob a influência de palavras mal selecionadas, mal aplicadas, sem qualquer compreensão do seu caráter meramente simbólico, que foram separadas e abstraídas à luz de um sistema de idéias errôneas, somos capazes de nos

comportar com uma perversidade e uma estupidez organizadas, de que os animais mudos (precisamente porque são mudos e não conseguem falar) são, felizmente, inaptos.

Na sua propaganda anti-racional, os adversários da liberdade corrompem automaticamente os recursos de linguagem com a finalidade de, através da badalação ou do pavor, levarem as suas vítimas a pensar, sentir e agir como eles, os manipuladores dos espíritos, querem que elas pensem, sintam e ajam. Uma educação para a liberdade (e para o amor e para a inteligência que são, ao mesmo tempo, as condições e as conseqüências da liberdade), deve ser, entre outras coisas, uma educação do emprego correto da linguagem. No transcorrer das duas últimas ou três gerações, os filósofos dedicaram grande parte do tempo e do pensamento para a análise de símbolos e para o significado do significado. Como se referem as palavras e as frases que pronunciamos com as coisas, pessoas e fatos com os quais estamos em contato na nossa vida diária? A discussão deste problema tomar-nos-ia bastante tempo e levar-nos-ia demasiado longe. Basta assinalar que todos os instrumentos intelectuais necessários para nos instruírmos bastante no emprego exato da linguagem – a todos os níveis educativos, desde o jardim de infância até os cursos para pós-graduados – estão atualmente à nossa disposição. Uma tal educação na arte de distinguir entre a aplicação carreta e o uso incorreto dos símbolos pode ser de imediato inaugurada. Na verdade, poderia ter sido inaugurada em qualquer ocasião, durante os últimos trinta ou quarenta anos. E todavia, em nenhuma parte se ensina às crianças um meio sistemático de distinção entre afirmações inverídicas, verdadeiras, com sentido ou sem sentido. Por que sucede isto? Porque os mais idosos, mesmo nos países democráticos, não desejam que elas sejam educadas desta maneira. Neste contexto, a resumida triste história do Institute for Propagand Analpsis é bastante significativa. O instituto foi fundado em 1937, quando a propaganda nazista fazia o seu mais intenso ruído e a sua maior eficácia, pelo sr. Filene, filantropo da Nova Inglaterra. Sob os seu auspícios elaborava-se

uma análise da propaganda não-racional e eram preparados vários textos para educação dos estudantes dos liceus e das universidades. Surgiu então a guerra – uma guerra ampla em todas as frentes, na frente intelectual não menos do que na frente física. Com todos os Governos Aliados envolvidos na "guerra psicológica" insistir-se sobre a necessidade ou não de analisar a propaganda pareceu um pouco destituída de tato. O Instituto foi fechado em 1941. Porém, mesmo antes de terem início as hostilidades, havia muita gente para quem as suas atividades eram inteiramente capazes de objeção. Certos educadores, por exemplo, não adotavam o ensino da análise da propaganda com a desculpa de que isso tornaria os adolescentes indevidamente cínicos. Também não era bem recebida pelas autoridades militares, que tinham receio de que os soldados pudessem começar a analisar as palavras dos sargentos instrutores. E havia ainda os eclesiásticos e os especialistas de publicidade. Os eclesiásticos eram contrários à análise da propaganda porque ela tendia a solapar a fé e a diminuir a freqüência às igrejas; os especialistas de publicidade faziam objeções à análise da propaganda com o argumento de que ela podia minar a fidelidade à marca e a reduzir as vendas.

Estes receios e repugnâncias não são infundados. Um exame demasiado crítico, efetuado por muitos homens médios, do que é dito pelos seus pastores e superiores pode revelar-se profundamente subversivo. Na sua forma atual a ordem social depende, para continuar a sobreviver, da aceitação, sem demasia de problemas embaraçantes, da propaganda posta a circular pelas autoridades e da propaganda consagrada pelas tradições locais. O problema, mais uma vez, é encontrar o meio-termo. Os indivíduos devem ser suficientemente sugestionáveis para querer e poder assegurar o funcionamento da sua sociedade, mas não em demasia, para evitar que caiam, desamparados, sob o império dos manipuladores de cérebro profissionais. Da mesma forma devem ser suficientemente informados da análise da propaganda para que se livrem de crer a esmo no puro sem sentido, mas não

demasiado, para que não recusem em massa as efusões nem sempre racionais dos guardiães bem intencionados da tradição. Talvez o meio-termo entre a crença e o ceticismo total jamais possa ser descoberto e apoiado apenas pela análise. Esta aproximação um tanto negativa do problema deverá ser suplementarizada por algo mais positivo – a exposição de um conjunto de valores geralmente aceitos – fundado sobre uma sólida base de fatos constatados. O primordial será a liberdade individual, alicerçada nos fatos da diversidade humana e na unicidade genética; o valor da caridade e da compaixão, fundada no velho fato familiar, recentemente redescoberto pela psiquiatria moderna – o fato de que, seja qual for a sua diversidade física ou mental – o amor é tão imprescindível aos seres humanos como o alimento e o abrigo; e, por fim, o valor da inteligência, sem o qual a amor é impotente e a liberdade inacessível. Este conjunto de valores fornecer-nos-á um critério segundo o qual a propaganda poderá ser analisada. Aquela que for reconhecida ao mesmo tempo como absurda e imoral poderá ser abolida de imediato. A que for simplesmente irracional, porém conciliável com o amor e com a liberdade, e não por princípio aposta ao exercício da inteligência, poderá ser aceita de início pelo que vale.

.:: 12. Que podemos fazer? ::.

Podemos ser doutrinados para a liberdade – muito melhor doutrinados para a liberdade do que o somos atualmente. Mas a liberdade, como tentei demonstrar, está ameaçada de tomar muitas direções, e estas ameaças são de muitos tipos diferentes – demográficos, sociais, políticos e psicológicos. A nossa doença tem uma multiplicidade de causas que cooperam e só pode ser sanada por uma multiplicidade de remédios também cooperantes. Para tentar resolver qualquer situação humana complicada, devemos ter em mente todos os fatores relevantes, não apenas um só fator. Mesmo que isso seja tudo, é realmente suficiente. A liberdade está ameaçada, e a educação para a liberdade torna-se necessária, urgentemente. Porém, nessa mesma situação, acham-se muitas outras coisas – por exemplo, a organização social para a liberdade, a limitação dos nascimentos para a liberdade, a legislação para a liberdade. Iniciemos por este último ponto.

Desde a época da Magna Carta, e mesmo antes, os legistas anglo-saxônicos cuidaram-se da proteção da liberdade física do indivíduo. Uma pessoa presa por duvidosa legalidade tem o direito de apelar para uma das altas instâncias jurídicas a fim de obter uma ordem de habeas-corpus, nos termos da Common Lav precisados pelo estatuto de 1679. O documento de apelação é remetido por um juiz do tribunal ao chefe da polícia, ou ao diretor da prisão, e ordena-lhe que faça comparecer ao tribunal, nos prazos ordenados, a pessoa que mantém sob custódia, a fim de que o seu caso seja examinado – que traga, note-se, não a queixa por escrito da pessoa, não os seus representantes legais, mas o seu corpus, o seu corpo, a carne demasiado carnal que foi forçada a dormir numa tarimba, a respirar uma atmosfera pútrida e a ingerir a alimentação condenável da cadeia. Esta preocupação com a condição básica da liberdade – a falta de constrangimento físico – é, sem discussão, necessária, porém não é tudo o que é indispensável. É perfeitamente natural que um homem esteja longe da prisão sem estar livre, que não se ache sob qualquer

constrangimento físico e esteja, todavia, preso do ponto de vista psicológico, forçado a raciocinar, a sentir e a agir como os representantes do Estado ou de qualquer interesse privado dentro da nação, querem que ele raciocine, sinta e proceda. Jamais haverá tal coisa como o habeas-mentem; porque nenhum juiz ou carcereiro pode levar a um tribunal um espírito preso ilegalmente, e nenhuma pessoa cujo espírito tenha sido tornado cativo pelos meios traçados nos capítulos precedentes estaria em condições para se lamuriar do seu cativeiro. A natureza do manuseamento psicológico é tal que os que agem sob constrangimento conservam-se sob a impressão de que estão agindo por sua própria iniciativa. A vítima da manipulação do espírito ignora que é vítima. Para ela, são invisíveis os muros da prisão, e julga-se a si própria livre. Que não esteja livre é visível apenas para as outras pessoas. A sua servidão é estritamente objetiva.

Não torno a dizer, não pode haver coisa semelhante como o direito ao habeas-mentem. Mas pode haver uma legislação preventiva – uma proibição do tráfico da escravidão psicológica, um estatuto para a salvaguarda de espíritos contra os provisores sem escrúpulos da propaganda venenosa, modelado pelos estatutos para a salvaguarda de corpos contra os vendedores sem escrúpulos de alimentos impróprios para consumo e de drogas perniciosas. Exemplificando, poderia haver, e, julgo, deveria haver uma legislação que reduzisse o direito das autoridades públicas, civis ou militares, a sujeitarem as assistências forçadas, sob as suas ordens, ou sob a sua responsabilidade, ao ensino durante o sono. Poderia haver, e julgo que deveria haver, uma legislação que coibisse o uso da sugestão subliminal em locais públicos ou em programas de televisão. Poderia haver, e penso que deveria haver, uma legislação que coibisse os candidatos políticos não só a disporem mais do que relativa importância nas campanhas eleitorais, mas também que os proibisse de usar aquela espécie de propaganda anti-racional que torna numa pantomima todo o processo democrático.

Uma legislação preventiva desse tipo pode gerar algum bem; mas se as grandes forças impessoais que ameaçam, no momento, a liberdade, continuarem a ganhar terreno, tal legislação não poderá ser benéfica durante muito tempo. A melhor das constituições e das leis previdentes não terá qualquer poder contra a pressão sempre crescente da superpopulação e de um excesso de organização imposto pelo número sempre crescente dos seres humanos pelo desenvolvimento da técnica. As constituições não serão abrogadas e as boas leis continuarão nos códigos; porém estas formas liberais servirão apenas para dissimular e adornar uma substância profundamente não-liberal. Não subjugado o excesso de população e o excesso de organização, podemos prever, em países democráticos, uma inversão do método que transformou a Inglaterra numa democracia, ao mesmo tempo em que mantinha todas as formas aparentes de monarquia. Sob a pressão desumana de uma superpopulação crescente e de uma crescente superorganização, e através de recursos cada vez mais eficazes de manipulação do espírito, as democracias transformarão a sua natureza; as velhas formas pitorescas – eleições, parlamentos, Supremos Tribunis e tudo o mais – subsistirão. A substância subjacente será um novo tipo de totalitarismo não-violento. Todos os nomes tradicionais, todos os dísticos consagrados permanecerão tal e qual como nos velhos tempos; a democracia e a liberdade serão os argumentos de todas as emissões radiodifundidas e de todos os artigos de fundo – porém tratar-se-á de uma democracia, de uma liberdade num sentido absolutamente pickwickiano. Entretanto, a oligarquia dirigente e a sua altamente treinada "elite" de soldados, policiais, forjadores de pensamento e manipuladores de cérebros conduzirão tranqüilamente o espetáculo como lhes apetecer.

Como podemos controlar as grandes forças impessoais que agora ameaçam as nossas liberdades conquistadas com tanto sacrifício? No plano verbal e geral das questões, pode-se responder à pergunta com grande facilidade. Analisemos o problema da superpopulação. A quantidade sempre crescente de

seres humanos pesa cada vez mais sobre os recursos naturais. O que fazer? Evidentemente, devemos, com toda a rapidez possível, aumentar a produção de alimentos, instituir e pôr em ação um plano mundial para a preservação dos solos e das florestas, desenvolver a produção de substâncias que substituam os combustíveis, de preferência os menos perigosos e que se esgotem com menos rapidez do que o urânio, e, poupando sempre os recursos em minerais facilmente acessíveis, que diminuem, devemos pôr em execução novos e não muito dispendiosos meios a fim de extrairmos estas substâncias dos minerais cada vez mais pobres – sendo a água do mar o mais pobre de todos. Mas quase não vale a pena dizer que tudo isto é mais fácil de escrever do que fazer. É necessário reduzir o excedente anual dos nascimentos. Como? Devemos escolher entre a fome, as epidemias e a guerra, de um lado, e o maltusianismo de outro lado. A maioria das pessoas optará por esta última solução – e encontramo-nos imediatamente frente a frente a um problema que é, ao mesmo tempo, um puzzle fisiológico, médico, sociológico, psicológico e mesmo teológico. "A Pílula" ainda não está aperfeiçoada. Quando, e se chegar a ser aperfeiçoada, como distribuí-la aos muitos milhões de mães em potência (ou, se for uma pílula que aja sobre o macho, pais em potência) que terão de ingeri-la se a natalidade da espécie tiver de ser limitada? E, em virtude dos costumes sociais existentes, as forças culturais e a inércia psicológica, como podem as pessoas que devem tomar a pílula, mas não querem tomá-la, ser persuadidas a modificarem o seu parecer? E que fazer contra as objeções estabelecidas pela Igreja Católica a qualquer forma de controle da natalidade a não ser pelo chamado Método rítmico – método que, diga-se de passagem, constatou-se até então ser quase totalmente ineficaz na limitação da taxa de natalidade nas sociedades de economia subdesenvolvida onde a limitação dos nascimentos seria mais necessária? Essas mesmas questões que devem ser propostas sobre a "pílula" supostamente perfeita, surgem, com tão pequena hipótese de lhes darmos respostas

convincentes, a propósito dos meios mecânicos e químicos já utilizáveis.

Quando passamos dos problemas do controle da natalidade aos problemas do aumento das quantidades de gêneros alimentícios disponíveis e à conservação dos recursos naturais, vemo-nos frente a dificuldades não talvez tão grandes, mas ainda insuperáveis. Há, acima de tudo, o problema da educação. Como podem ser rapidamente educados na aperfeiçoamento dos seus métodos os incontáveis camponeses e lavradores agora responsáveis pela colheita da maior parte da produção mundial de alimentos? E quando educados, se o forem, onde encontrarão eles o capital que lhes permita equiparem-se com as máquinas, os combustíveis e os lubrificantes, a energia elétrica, os adubos e as espécies selecionadas das sementes produtoras de víveres, e os animais domésticos, sem o que a sua melhor formação agrícola não tem utilidade? Semelhantemente, quem vai inculcar à raça humana os princípios e processos práticos de conservação? Como poderemos impedir os cidadãos-camponeses esfomeados, de uma nação cuja população e as necessidades essenciais crescem celeremente, de fazerem uso do solo? E se o conseguirmos, quem pagará a alimentação deles enquanto a terra, cansada, for paulatinamente dotada, se possível, de vigor e fertilidade? Consideremos, outrossim, as sociedades desenvolvidas que tentam atualmente a industrialização. Se o conseguirem, quem as tolherá, nos seus esforços desesperados por alcançarem o nível das outras e de se manterem nele, de consumirem os recursos insubstituíveis do planeta, tão estupidamente e em pura perda como os seus precursores fizeram, e ainda o fazem, na sua evolução? E quando surgir o dia de regular as coisas, onde encontraremos, nos países mais pobres, os técnicos e os gigantescos capitais que serão necessários para extrair dos minerais de fraca concentração, os metais imprescindíveis, nas contingências atuais, para que esse trabalho seja viável sob o ponto de vista técnico, ou justificável sob o ponto de vista econômico? Pode suceder que, com o tempo,

encontre-se uma resposta prática para todas estas questões. Porém, dentro de quanto tempo? Em uma corrida, seja ela qual for, entre a quantidade das massas humanas e os recursos naturais, o tempo trabalha contra nós. No final do presente século, haverá, se empregarmos ingentes esforços, aproximadamente duas vezes mais produtos alimentícios, nos mercados mundiais, do que hoje; contudo haverá, também, duas vezes mais seres humanos, e vários biliões deles viverão em países pouco industrializados onde consumirão dez vezes mais energia, água, madeira e minerais insubstituíveis do que os seus pais consomem hoje. Em resumo, a situação alimentar será tão péssima como é agora, e a das matérias-primas ficará consideravelmente agravada.

Encontrar uma solução para o problema da superorganização é pouco menos difícil do que encontrá-la para o problema da desigualdade dos recursos naturais e do número crescente de seres humanos. No plano verbal e em termos genéricos, a resposta é perfeitamente simples. Assim, é um provérbio político que o poder acompanha a propriedade. Contudo, atualmente é um fato histórico que os meios de produção tornam-se depressa propriedade monopolística do Alto Negócio e do Grande Governo. Portanto, se acreditais na democracia, adotai medidas que permitam distribuir a propriedade tão amplamente quanto possível.

Ora, consideremos o direita ao voto. De início, é um grande privilégio. Na prática, como a história contemporânea tem provado reiteradamente, o direito ao voto, por si mesmo, não é garantia de liberdade. Portanto, se quereis evitar a ditadura por plebiscito, dividi as enormes coletividades, semelhantes a maquinismos, da sociedade moderna, em grupos independentes que cooperem voluntariamente, capazes de funcionarem independentes dos sistemas burocráticos do Alto Negócio e do Grande Governo.

A superpopulação e a superorganização fizeram a metrópole moderna, na qual uma vida totalmente humana de múltiplas

relações pessoais quase se tornou impossível. Portanto, se desejais evitar o empobrecimento espiritual dos seres humanos e de sociedades inteiras, deixai a metrópole e fazei ressurgir a pequena comunidade rural, ou então humanizai a metrópole, criando no interior da rede da sua organização mecânica, os equivalentes urbanos das pequenas comunidades rurais onde os indivíduos podem encontrar-se e cooperar como pessoas, não como meras encarnações de atribuições especializadas.

Tudo isto é evidente hoje, como de fato, o era há cinqüenta anos. Desde Hilaire Belloc a Mortimer Adler, desde os primeiros apóstolos das uniões cooperativas de crédito até os reformadores agrários da Itália e do Japão modernos, homens de boa vontade defenderam, durante gerações, a descentralização do poder econômico e a distribuição mais ampla da riqueza. E quantos sistemas argutos foram propostos para a dispersão da produção, para um retorno à "indústria aldeã" em pequena escala. E depois, surgiram os estudos bastante aprofundados de Dubreuil, com o objetivo de oferecer uma relativa medida de autonomia e de iniciativa aos diversos serviços de uma grande organização industrial. Apareceram os sindicalistas com os seus projetos, para uma sociedade sem Estado, organizada como uma federação de grupos produtores, sob os augúrios das associações profissionais. Na América, Arthur Morgan e Baker Brownell formularam a teoria, e descreveram a prática, de um novo tipo de comunidade, vivendo à semelhança da aldeia e da pequena cidade.

O Prof. Skinner, de Harvard, apresentou o ponto de vista do psicólogo sobre este problema no seu Walden T»o, romance de ficção que apresenta uma comunidade organizada de maneira de tal modo científico que ninguém jamais é induzido na tentação antisocial e, sem os meios de coação ou de propaganda indesejável, cada pessoa cumpre o seu dever, e todas são felizes e inventivas. Na França, durante e após a Segunda Guerra Mundial, Marecl Barbu, e os seus adeptos, organizaram um certo número de grupos de produção autônomos, sem hierarquia, e que eram ao mesmo tempo sociedades de socorros mútuos e centros de

vida realmente humana. Contudo, em Londres, a experiência de Pechkam comprovava que é possível, coordenando os serviços de saúde com os interesses mais amplos do grupo, formar uma verdadeira comunidade, mesmo numa metrópole.

Vemos, pois, que a doença da superorganização foi claramente reconhecida, que algumas medidas de penetração foram tomadas, e que a terapêutica experimental dos sintomas foi tentado aqui e ali, por vezes com bastante êxito. E, contudo, a despeito de toda esta pregação e desta prática exemplificativa, o mal se expande com rapidez. Sabemos que é perigoso consentir que o poder se concentre nas mãos de uma oligarquia dirigente; contudo, o poder está realmente sendo concentrado em um número cada vez menor de mãos. Sabemos que, para a maioria das pessoas, a vida numa metrópole moderna é anônima, atômica, abaixo da condição humana, e, contudo, as cidades crescem cada vez mais e o sistema de vida urbano-industrial permanece o mesmo. Sabemos que numa sociedade vasta e complexa, a democracia não tem qualquer sentido senão em função de grupos autônomos de dimensões manejáveis – e todavia, uma parte cada vez mais importante dos negócios de um país é gerido pelos burocratas dos Grandes Governos e do Alto Negócio. Em todos estes casos, sabemos o que seria preciso fazer, mas em nenhum deles fomos capazes de agir com eficiência em função do que sabemos.

Neste ponto encontramo-nos frente a uma pergunta atribuladora : Desejamos realmente agir segundo o que sabemos? Considerará a maioria da população que vale a pena fazer esforços ingentes com o objetivo de parar e, se possível, inverter a tendência atual para o controle totalitário integral? Nos Estados Unidos – e a América é a figura profética do que será o resto do mundo urbano-industrial dentro de alguns anos – investigações recentes da opinião pública revelaram que a maioria dos adolescentes abaixo dos vinte anos, os eleitores do futuro, não acreditam nas instituições democráticas, não vêem desvantagem na censura das idéias impopulares, acham impossível um governo

do povo pelo povo e julgar-se-iam perfeitamente satisfeitos por serem governados de cima por uma oligarquia de técnicos qualificados, se puderem continuar a viver conforme o estilo a que a prosperidade os habituou. Que tantos jovens espectadores bem alimentados da televisão, na mais poderosa democracia do mundo, sejam tão totalmente indiferentes à idéia de se governarem a si próprios, que pouco se interessem pela liberdade de pensamento e pelo direito de discordar, é pesaroso, mas não muito surpreendente. "Livre como um pássaro", dizemos, e invejamos os seres alados devido ao seu poder de movimento ilimitado nas três dimensões do espaço, mas esquecemos, ai de nós, a nossa menoridade. Todo pássaro que aprendeu a esgaravatar uma boa porção de vermes sem ser impelido a usar as asas, logo renunciará ao privilégio de voar e permanecerá para sempre na terra. Algo de semelhante se passa com os seres humanos. Se o pão lhes é fornecido regular e fartamente três vezes ao dia, muitos deles ficarão satisfeitos vivendo apenas de pão – ou pelo menos, de pão e de espetáculos de circo. "Ao final", diz o Grande Inquisidor na ficção de Dostoiewski, "ao final hão de depor a liberdade aos nossos pés e hão de dizer-nos : "Torna-nos teus escravos, mas alimenta-nos". E quando Alyosha Karamazov pergunta ao irmão, o narrador da história, se o Grande Inquisidor está falando sarcasticamente, Ivã responde : "Absolutamente! Ele reivindica como um louvor para si próprio e para a sua Igreja o terem subjugado a liberdade, de o terem feito para tornarem os homens felizes". Sim, para tornarem os homens felizes. "Porque nada", afirma o Grande Inquisidor, "jamais foi mais insuportável para um homem ou uma sociedade humana do que a liberdade." Nada, exceto a ausência de liberdade, porque quando as coisas vão mal e as rações são limitadas, os infantilmente presos ao solo reclamam pertinazmente as suas asas – apenas para as renunciarem, uma vez mais contudo, quando os tempos melhorarem e os forjadores dos homens se tornarem mais indulgentes e mais generosos. A juventude que raciocina agora de forma tão chã sobre a democracia poderá crescer para

lutar pela liberdade. O grito de "Dêem-me televisão e cachorros-quentes, mas não me assombrem com as responsabilidades da liberdade", pode ceder lugar, sob uma, modificação das circunstâncias, ao grito de "Dêem-me a liberdade ou a morte." Se tal revolução se realizar será em parte devida à operação de forças sobre as quais até os mais poderosos dirigentes exercem muito pouco domínio, em parte devido à falta de competência destes dirigentes, pela sua incapacidade para tornarem eficiente o emprego dos instrumentos de manipulação do espírito com que a ciência e a tecnologia favoreceram, e continuarão a favorecer, o aspirante a tirano. Considerando o pouco que sabiam e quão pobremente se encontravam preparados, os Grandes Inquisidores do passado atuaram de forma esplêndida. Porém os seus sucessores, os ditadores bem informados e totalmente imbuídos de espírito científico do futuro, farão, sem dúvida, muito melhor. O Grande Inquisidor reprova o Cristo por ter chamado os homens à liberdade e diz-lhe : "Corrigimos a tua obra e estabelecêmo-la no milagre, no mistério e na autoridade." Mas o milagre, o mistério e a autoridade não são o necessário para garantir a sobrevivência duradoura de uma ditadura. No Admirável Mundo Novo, os ditadores acrescentaram a isso a ciência, o que lhes permitia assegurar a sua autoridade pela manipulação de embriões, dos reflexos nas crianças e dos espíritos de pessoas de qualquer idade. Em lugar de falar apenazmente de milagres e de fazer alusões simbólicas aos mistérios, estavam à altura, graças às drogas, de fazerem que os seus súditos sentissem a experiência direta de mistérios e milagres – transformando a fé em conhecimento extasiado. Os ditadores antigos caíram porque nunca forneceram em quantia suficiente aos seus súditos, pão, jogos, milagres e mistérios; também não tinham um método verdadeiramente eficiente de manipulação mental. No passado, livres-pensadores e revolucionários eram muitas vezes produtos da educação mais religiosamente ortodoxa. Não é de se admirar. Os sistemas adotados pelos educadores clássicos eram, e ainda são, extremamente ineficientes. Sob a

palmatória de um ditador científico, a educação produzirá realmente os efeitos desejados e daí resultar que a maioria dos homens e das mulheres chegarão a adorar a sua servidão sem nunca pensar em revolução. Parece que não há motivo válido para que uma ditadura perfeitamente científica seja algum dia derrubada.

Entretanto, sobra ainda alguma liberdade no mundo. É verdade que muitos jovens parecem não apreciá-la. Porém, um relativo número de pessoas crê ainda que sem ela os seres humanos não podem tornar-se verdadeiramente humanos e que a liberdade é, por isso, um valor supremo. Talvez as forças que agora ameaçam o mundo sejam demasiado poderosas para que se lhes possa resistir durante muito tempo. É ainda nosso dever fazer tudo o que pudermos para resistir-lhes.